



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA REGIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE

RAFAELA KLEINHANS PEREIRA

O EQUILÍBRIO DO SER E A PERMACULTURA

João Pessoa
2016

RAFAELA KLEINHANS PEREIRA

O EQUILÍBRIO DO SER E A PERMACULTURA

Dissertação apresentada ao Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA, Universidade Federal da Paraíba, Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento às exigências para obtenção de grau de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Ferreira da Costa Lima

João Pessoa
2016

RAFAELA KLEINHANS PEREIRA

O EQUILÍBRIO DO SER E A PERMACULTURA

Dissertação apresentada ao Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA, Universidade Federal da Paraíba, Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento às exigências para obtenção de grau de Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gustavo Ferreira Costa Lima - UFPB
Orientador

Prof.^a Dr.^a – UFPB
Examinadora

Prof.^a Dr.^a - UFPB
Examinadora



AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de expressar minha imensa gratidão a minha mãe grande amiga e meu pai parceiro de conversas e gulodices. Ao mundo dedico minha existência, mas sem eles não haveria Rafaela, por que apesar, de muitas vezes não compreenderem minhas decisões sempre me apoiaram de todas as formas possíveis, mesmo quando minhas decisões nos impuseram a saudade. No mais, agradeço todo o amor familiar de meus tios, tias, primos, primas, avós, irmão e irmã que me sempre cercaram de valores onde nunca hei de esquecer minhas origens. Se hoje finco minhas raízes em terras Paraibanas é por que tive oportunidade de voar.

Agradeço também toda a energia contagiante desta terra, ao côco, ao maracatu, ao afoxé a todos os batuqueiras e batuqueiras que vibraram minha essência e a todos meus amigos e amigas foliões que tocaram, dançaram e brincaram comigo nas mais diversas vivências, experimentando a liberdade plena, se reconhecendo uns nos outros e a si mesmos com muito afeto, abraços, beijos, risos e loucuras afins. Ao meu colega Paulo por sempre acreditar que não há nada que não se possa fazer ou aprender, por sempre estar de bom humor e por inúmeras vezes compartilharmos nossas aflições, gulodices e altas ondas. A Bruna, que apesar de todas as nossas diferenças embarcou comigo em muitas aventuras e em idéias que encheram de terra e de plantas a nossa casa. A meu cachorro Exú, por não me deixar enlouquecer, sempre carinhoso e me animando em dias de tristeza por constantemente me obrigar a levá-lo a praia. A Luiz por me acrescentar das mais diversas formas, especialmente por ser um guerreiro de Xangô que inspira, sofre e resiste as adversidades da vida por meio da cultura afrodescendente e afrobrasileira.

Agradeço intensamente ao Equilíbrio do Ser, por pacientemente me receberem e atenderem a todos os meus pedidos, a todos as pessoas que colaboraram de alguma forma com o estudo e ao coletivo PermaneSer, que assim como eu se encontra em um processo de amadurecimento, onde muitas vezes nos encontramos indecisos e perdidos diante de nossos propósitos, mas continuamos caminhando, carpindo, plantando, construindo e desconstruindo.

E por fim agradeço ao PRODEMA por ter atendido as minhas expectativas enquanto formação acadêmica, devido a uma Coordenação aberta ao diálogo, aos debates enriquecedores com meus colegas e professores em dias de aulas com temas polêmicos onde tivemos liberdade. Sim!Agradeço especialmente a liberdade. A grande flexibilidade do PRODEMA, em especial do meu orientador que apesar de silencioso sempre demonstrou estar presente, proporcionando toda a liberdade necessária para o gerenciamento de meu tempo que utilizei para uma multiplicidade de vivências diretamente distantes do cientificismo acadêmico, mas que foram fundamentais para os mais significativos insights por estarem relacionados com a dinâmica da vida.

Desde as vivências de maracatu com o Coletivo Maracastelo pelo sertão da Paraíba, até encontros de agroecologia, vivi a realidade com o olhar observador e curiosa fui a Araras-SP e vivenciei a agricultura orgânica por meio do WOOF, com as meninas do projeto Kuruê. Passei uma semana acompanhando a caravana arco-íris pela paz – Rainbow, um encontro que marcou o início dos movimentos ambientalistas alternativos da década de 70. Voei até Alpestre para o PDC+23, onde entrei em contato com as mais diferentes personalidades, como Marsha Hanzi, pioneira na permacultura no Brasil, Rodrigo Primavera do Bambu Integral, Marcos Niguém grande permacultor, Thomaz Enlazador do Instituto Bioregional do Cerrado e várias outras pessoas da quais frequentemente encontro em minhas aventuras, desenvolvendo projetos em prol de um mundo melhor. E por fim a magia do carnaval que só sabe quem já foi, sendo assim, que venham muitos outros carnavais.

RESUMO

Inúmeros problemas da sociedade contemporânea se encontram relacionados via os sistemas econômico, político, cultural e visão de mundo que ao longo da história da humanidade se converteram em crises, por vezes inevitáveis e por outras induzidas e até mesmo previstas. Inserido neste contexto se encontra a problemática socioambiental que afetam das mais diversas formas a saúde pública. Na década de 60 e 70 os diversos problemas relacionados ao impacto ambientais pela poluição e exploração dos recursos naturais geraram diversos movimentos de cultura alternativa, em prol do resgate de valores éticos e morais que proporcionem uma relação mais saudável com o meio ambiente natural. Um destes movimentos é a permacultura, denominada de “cultura de permanência”, a permacultura é composta de uma série de princípios e fundamentos para o estabelecimento de uma cultura ecológica de modo a prover comunidades humanas sustentáveis. Em João Pessoa, no ano de 2011 através de uma parceria da Secretaria de Saúde e Secretaria de Meio Ambiente foi realizada a primeira formação em permacultura abrindo 50 vagas distribuídas entre agentes governamentais, estudantes e demais interessados, passando então, a incluir a pétala permacultural da Saúde e Bem-Estado atendimento da saúde pública por meio de Práticas Integrativas e Complementares de Saúde. Concomitantemente a este processo, a mobilização de terapeutas para a implementação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) resultou na criação de Centros de atendimento especializados em PICs, entre eles o Equilíbrio do Ser. Considerado o maior das três experiências este Centro oferta uma diversidade de terapias coletivas e individuais como o tai chi chuan, yoga, reflexologia, massoterapia, arteterapia, reiki, aromaterapia, acupuntura, auriculoacupuntura, biodança, terapia comunitária e entre outras. Uma das terapias coletivas ofertadas pelo Cpics Equilíbrio do Ser são as atividades de permacultura implementada através da iniciativa dos próprios terapeutas do Centro e com o apoio da Coordenação Geral, estas atividades ocorrem em uma área que seria inicialmente utilizada para ser um estacionamento no espaço interno do Cpics Equilíbrio do Ser. Diante do exposto o presente estudo teve por objeto central *a cultura ecológica* por objetivo específico o acompanhamento das atividades de permacultura no Centro de Práticas Integrativas e Complementares do Equilíbrio do Ser procurando compreender o sentido e as motivações dos agentes envolvidos na construção e desenvolvimento do Cpics – que atribuíram as suas ações quando decidiram encampar esta iniciativa de perfil inovador e avaliar em que medida a iniciativa e as atividades do Centro promovem o Capital Social dos agentes envolvidos em relação às práticas de saúde.

Palavras chave: terapias holísticas, cultura ecológica, saúde e bem estar espiritual

ABSTRACT

Several problems of contemporary society are related with the economic, political and cultural systems besides worldview that throughout the history of humankind have become crises, sometimes unavoidable and other induced and even provided. Within this context is the environmental issues affecting the various forms of public health. In the 60 and 70 various problems related to the environmental impact by pollution and exploitation of natural resources have led many alternative culture movements in favor of the rescue of ethical and moral values that provide a healthier relationship with the natural environment. One of these movements is permaculture, called "permanent culture", permaculture is composed of a series of principles and foundations for the establishment of an ecological culture in order to provide sustainable human communities. In João Pessoa, in 2011 through a partnership between the Department of Health and Department of Environment the first training was held in permaculture opening 50 vacancies distributed among government officials, students and other interested parties, passing then to include permaculture Petal Health and Wellness in the care of public health through Integrative and Complementary Practices in Health (PIC). Concurrently with this process, the mobilization of therapists for the implementation of the National Policy Integrative and Complementary Practices in Health (PNPIC) resulted in the creation of service centers specialized in PICs, including the Balance of Being. Considered the biggest of the three experiences this center offer a variety of group and individual therapies such as tai chi, yoga, reflexology, massage therapy, art therapy, reiki, aromatherapy, acupuncture, auriculoacupuncture, biodance, community therapy and among others. A collective therapies offered by Cpics Balance of Being are the permaculture activities implemented through the initiative of the therapists of the Center and with the support of the General Coordination, these activities take place in an area that initially was planned to be used as parking lot in the inner space of Cpics Balance of Being. Therefore the central object of this study was ecological culture and specific objective was monitoring permaculture activities in Balance of Being seeking to understand the meaning and motivations of those involved in construction and development of Cpics - who attributed their actions when they decided to expropriate the initiative of innovative profile and assess to what extent the initiative and the Centers activities that promote the social capital of the agents involved in relation to health practices.

Keywords: holistic therapies, ecological culture, health and spiritual well-being

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Ciclo de ação e aprendizado.....	20
Figura 2. Bandeira da Aldeia da Paz	34
Figura 3. Da esquerda para direita David Holmgren e Bill Mollison	36
Figura 4. Princípios éticos e do design da permacultura	40
Figura 5. Flor da Permacultura.	42
Figura 6.Scott Pittman, MarshaHanzi, Lea Harrison e Max Lindegger.....	44
Figura 7. Da esquerda para direita: Filtro biológico, horta mandala e geodésica, viveiro, coleta seletiva, compostagem, compostagem caseira, meliponicultura e reciclagem	47
Figura 8. Visitação de escola.....	82
Figura 9. Roda de harmonização das atividades de permacultura.....	83
Figura 10. Da esquerda para direita: retirada de lixo para reutilização de grama como matéria seca; manutenção do espaço; capinagem; manutenção do laguinho; rega	84
Figura 11. Folder de divulgação do Brechó	86
Figura 12. De cima para baixo: Folder de divulgação da feira agroecologica; brechó; oficina de customização de roupas para o brechó.	87
Figura 13. Visita de campo ao projeto de compostagem da Empasa	93
Figura 14. Fenômeno simétrico das Proporções Áureas	97
Figura 15. Fotos do espaço do <i>cantinho</i> de março de 2015 à março de 2016.....	99-100
Figura 16. Fotos do espaço do <i>agrofloresta</i> de março de 2015 à março de 2016..	101-102
Figura 17. Fotos do espaço do <i>cantão</i> de março de 2015 a março de 2016.....	103-104
Figura 18. Fotos do espaço do <i>laguinho</i> de março de 2015 a março de 2016.....	104-105
Figura 19. Fotos da construção do espaço da <i>mandala central</i> em 2012.....	106-107
Figura 20. Fotos do espaço da <i>mandala central</i> de março de 2012-2016	107-108
Figura 21. Fotos da construção do espaço da <i>espiral de fechadura</i> em 2012	109-110
Figura 22. Fotos da construção do espaço <i>mandalinha</i> em 2015.....	111
Figura 23. Princípios da permacultura.....	131
Figura 24. Da esquerda para direita, imagem vetor, placas informativa escrita.....	113
Figura 25. Mosaico em azulejo.....	113
Figura 26. Escrita em tampa de balde.....	114
Figura 27. Ilustrações me madeira.....	114
Figura 28. Ilustrações com autorelevo.....	115
Figura 29. Modelo artesanal de banco de pneu.	115
Figura 30. Ilustração de modelo de banco de pneu.	116
Figura 31.Banco de pneu.	116
Figura 32.Banco de madeira da shape de skate.	117
Figura 33.Banco de concreto e madeira.	117
Figura 34.Banco de pallets.	118
Figura 35.Canteiro de folhagens de meia sombra	119
Figura 36.Canteiro de suculentas.	119
Figura 37.Canteiro de cactos do jardim botânico de Jundiaí – SP..	120
Figura 38.Modelo de canteiro de flores.....	120

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
Objetivos.....	17
Materiais e Métodos	17
CULTURA ECOLÓGICA	23
Por uma cultura de paz	24
A cultura da paz.....	31
AS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES E A IMPLEMENTAÇÃO DOS CPICS EM JOÃO PESSOA.....	49
A contestação da ciência.....	49
O patriarcado e racismo na medicina	50
O Sistema Único de Saúde: um Direito Constitucional	52
As Práticas Integrativas e Complementares em João Pessoa	60
A equipe de saúde no Cpics Equilíbrio do Ser	63
AS ATIVIDADES PERMACULTURAIS NO CPICS EQUILÍBRIO DO SER.....	76
Espaços que curam	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
Por fim a Permacultura Tupiniquim	127
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	133
APÊNDICE A - Referências visuais	144
APÊNDICE B – Questionário Integrado para Medir Capital Social (QI-MCS).....	153
ANEXO A – Termo de Anuência da Pesquisa.....	159
ANEXO B – Folha de Rosto	160

Aos leitores,

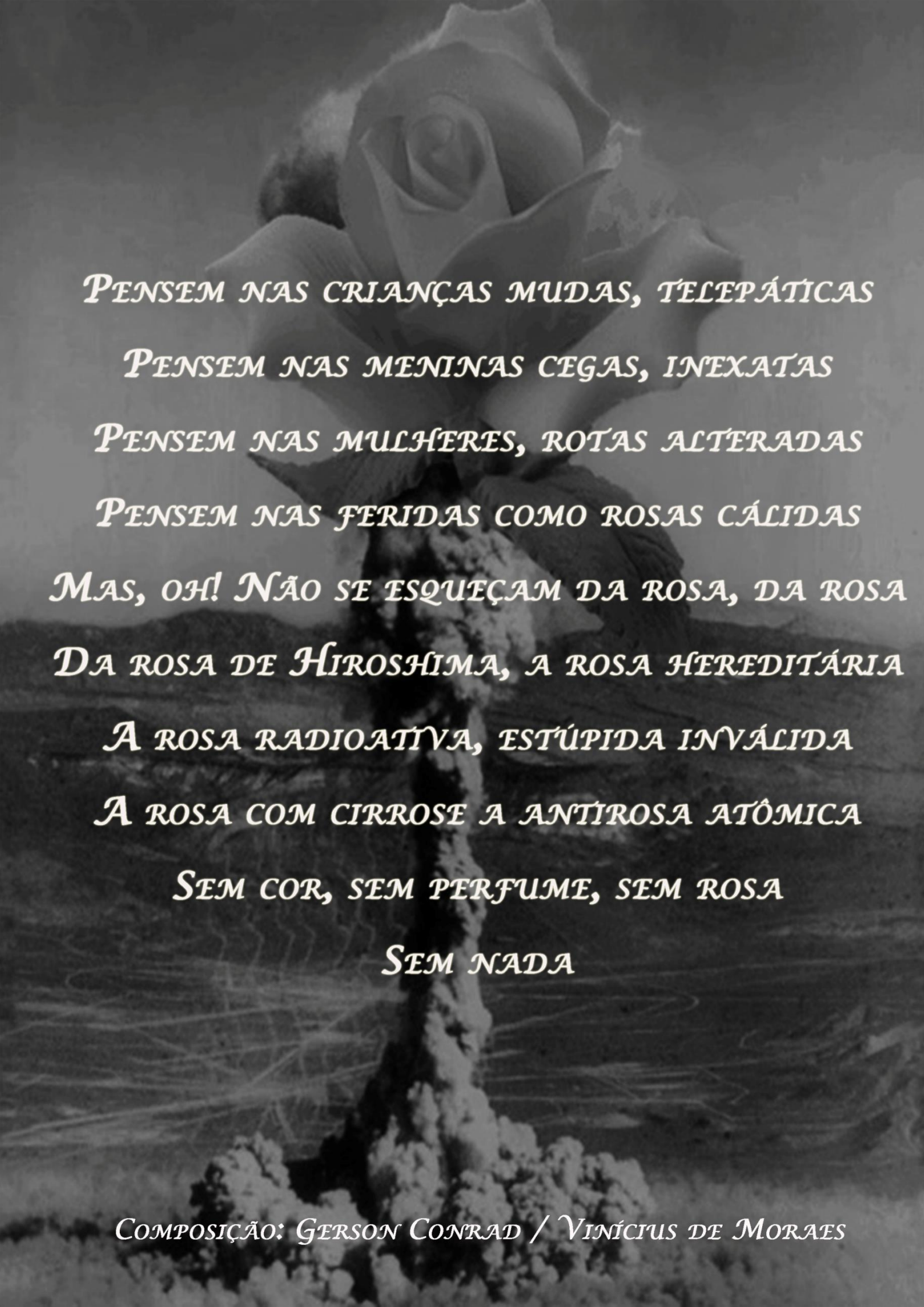
Com o intuito de promover uma maior interação com os leitores, este estudo fez uso de ferramentas artísticas visuais que se comunicam diretamente com o conteúdo apresentado, se dispondo no texto de modo a interatuar com o papel e os formatos textuais. As imagens foram cuidadosamente selecionadas de acordo com cada tema apresentado nos capítulos subseqüentes abandonando as formalidades textuais de formatação. Este trabalho pretende se inserir em um modelo visual de interação texto-imagem dentro da escrita performática, em que Beigui (2011)¹ descreve o campo da performance como:

[...] a ampliação dos horizontes teóricos e práticos das pesquisas em processos de criação, especialmente, as que envolvem as linguagens de fronteira. Os estudos da performance abrangem desde os dispositivos estéticos aos dispositivos culturais, inaugurando vias alternativas para determinados sistemas que, pela exaustão do uso e pelo grau de fixação das modalidades operacionais, tendem à entropia. Pensar a performance como campo inaugural de abordagens comparadas e através de analogias entre saberes distintos, tornou-se um grande desafio, por parte de artistas-pesquisadores-docentes, para a desterritorialização de dualismos confortáveis e enfrentamento de uma impotência no contexto acadêmico em lidar com o emergente, o não conceitual, o vivo enquanto dispositivo de aprendizagem, o tempo sincrônico, o situacional e as formas de substituição dos campos hermenêuticos por campos presenciais de emissão e recepção.

Desta forma, a comunicação visual encontra-se fortemente presente através do simbolismo das imagens na intenção de acentuar a reflexão e abordagens textuais desta pesquisa. Por não se encontrarem na formatação convencional às referências visuais encontram-se citadas no apêndice A do texto.

Grata,
Rafaela Kleinhans Pereira

1ALEX BEIGUI, A. Performances da escrita. Aletria: Revista de Estudos de Literatura, , v. 21, n. 1, p. 27-36, 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1564>>. Acesso em: 27 set. 2016. doi:<http://dx.doi.org/10.17851/2317-2096.21.1.27-36>.



*PENSEM NAS CRIANÇAS MUDAS, TELEPÁTICAS
PENSEM NAS MENINAS CEGAS, INEXATAS
PENSEM NAS MULHERES, ROTAS ALTERADAS
PENSEM NAS FERIDAS COMO ROSAS CÁLIDAS
MAS, OH! NÃO SE ESQUEÇAM DA ROSA, DA ROSA
DA ROSA DE HIROSHIMA, A ROSA HEREDITÁRIA
A ROSA RADIOATIVA, ESTÚPIDA INVÁLIDA
A ROSA COM CIRROSE A ANTIROSA ATÔMICA
SEM COR, SEM PERFUME, SEM ROSA
SEM NADA*

COMPOSIÇÃO: GERSON CONRAD / VINÍCIUS DE MORAES

INTRODUÇÃO

Inúmeros problemas da sociedade contemporânea se encontram relacionados com o sistema econômico, político, cultural e visão de mundo, disseminados e com uma forte tendência a homogeneização através da globalização. Somando isso a conflitos de interesse e disputa pelo poder, muitos desses problemas englobam diversas dimensões das estruturas sociais, como questões econômicas, políticas, ambientais, sistemas de crenças e valores que ao longo da história da humanidade se converteram em crises, por vezes inevitáveis e por outras induzidas e até mesmo previstas. Com o agravamento dos impactos ambientais ocasionada pelo ser humano, em especial pelas pressões econômicas de grandes empresas, esbarramos nos limites naturais que dão sustentação a vida na Terra.

Essa desconstrução e reconstrução dos sistemas sociais são recorrentes na história da humanidade, de acordo com Toynbee (1972 apud CAPRA, 1993) diversas civilizações passaram por um período de ascensão e queda, onde diante da crise novos modelos se estabeleceram.

Atualmente uma reação em cadeia de problemas interconectados se converteram em uma crise multidimensional (CAPRA, 1993). Se considerarmos a teoria de James Lovelocke e Lynn Margulisem que a Terra é um organismo vivo sendo, portanto, autorregulador e tendendo a repelir a doença para se manter saudável; poderemos considerar que o pequeno período de existência do ser humano na história da vida na Terra, pode ter seu fim através da *Vingança de Gaia*(HOLMGREN, 2002). Onde diante de tantos impactos ambientais, a natureza, por fim entraria em colapso, Morrow (2010, p.18-19) exemplifica a teoria de Gaia através de uma analogia em que:

[...] as florestas funcionam como rins, filtrando e purificando a água, os oceanos como os pulmões; os rios como o sistema circulatório; as rochas como ossos. Quando os órgãos são destruídos, a vida do organismo é severamente ameaçada. Cada órgão é intimamente ligado e a doença de um afeta os demais. [...] Os órgãos só suportam tanta destruição até um limite, depois do qual todos os sistemas entrariam em colapso.

Assim, enquanto alguns apostam no potencial da tecnologia para a resolução dos limites cíclicos da natureza diante de tantos impactos, outros acreditam que estamos fadados a um colapso eminente. Mas, apesar dos avanços tecnológicos, os problemas ambientais encontram-se cada vez mais evidentes. Outras previsões sobre o possível infeliz destino da humanidade já se equivocaram, assim como a promessa racionalista

de progresso advinda do iluminismo teve consequências desastrosas como à própria crise socioambiental. O certo é o incerto, estamos mergulhando na era das incertezas (HOLMGREN, 2002).

Todavia, momentos de crise também podem se converter em grandes oportunidades; e a criatividade é primordial para que isso ocorra diante de condições favoráveis. Este estudo toma como fundamentação teórica para o entendimento desta crise multidimensional os estudos do físico Frijot Capra, em seu livro *Ponto de Mutação* de 1998. De acordo com este autor três transições marcarão uma grande transformação cultural na estrutura da sociedade nas próximas décadas.

A primeira e provavelmente mais profunda está sendo o visível declínio do patriarcado, que persistiu ao longo de três mil anos influenciandonossos:

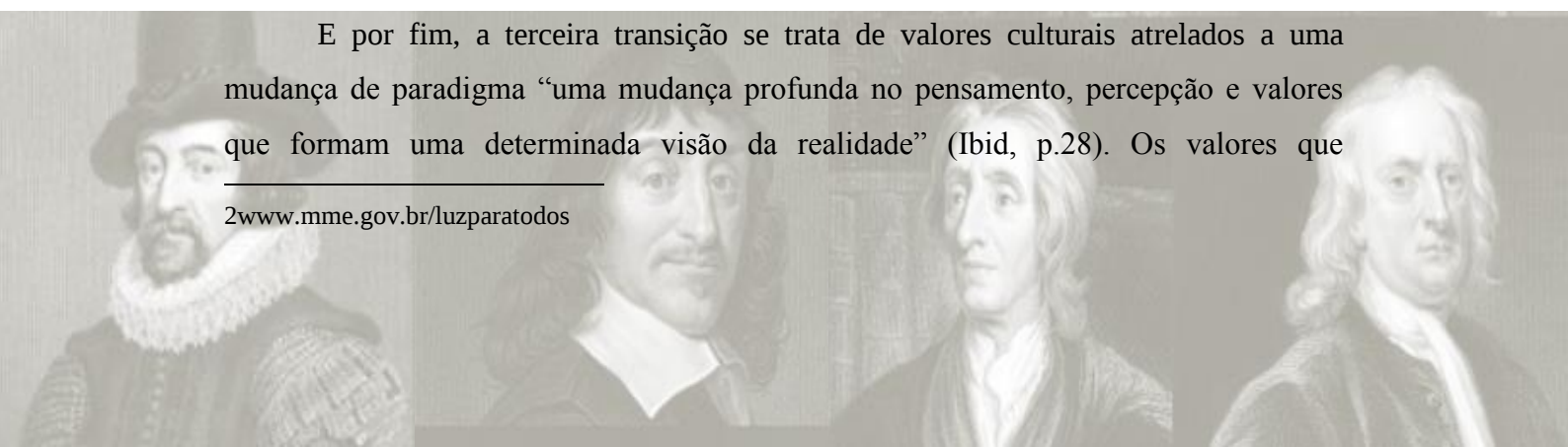
[...] sistemas filosóficos, sociais e políticos em que os homens – pela força, pressão direta, ou através do ritual, da tradição, lei e linguagem, costumes, etiqueta, educação e divisão do trabalho – determinam que papel as mulheres devem ou não desempenhar, e no qual a fêmea está em toda parte submetida ao macho (CAPRA, 1993, p. 27).

A segunda transição terá um forte impacto econômico, político e em nossos estilos de vida, trata do declínio do combustível fóssil. Afinal, a linearidade deste modelo com base em energias não renováveis e desiguais é limitada, pois, os recursos ambientais não possuem a capacidade de sustentar elevadas taxas de consumo de maneira igualitária entre os países desenvolvidos e em desenvolvimento, a problemática se trata da discrepante desigualdade de privilégios, que oportunizam os excessos e desperdícios de um lado e falta de outro (THE STORY OF STUFF PROJECT, [201-]). Além disso, o ideal do sistema capitalista é a constante expansão das necessidades humanas, no intuito de elevar o consumo de bens e serviços.

No caso do Brasil, é possível que o “potencial humano” de transformação encontrará nas populações tradicionais brasileiras boas alternativas para a adaptação necessária no período de transição energética, afinal, o grau de dependência dessas populações ao sistema é reduzido e por vezes inexistente. Prova disso, é que muitas dessas populações nem sequer contavam com luz elétrica antes do início da execução do programa *Luz Para Todos* lançado em 2003 pelo Governo Federal².

E por fim, a terceira transição se trata de valores culturais atrelados a uma mudança de paradigma “uma mudança profunda no pensamento, percepção e valores que formam uma determinada visão da realidade” (Ibid, p.28). Os valores que

²www.mme.gov.br/luzparatodos



perpetuam em nossa sociedade estão associadas a correntes de pensamento que tiveram sua origem na Revolução Científica, no Iluminismo e na Revolução Industrial. A influência patriarcal nestas correntes é evidente, quando identificamos as características dos arquétipos feminino e masculino realizadas pelo autor (1998, p. 36) por meio da interpretação chinesa do Yin e Yang representado pelo Quadro1:

Quadro 1. Representações do Yin e Yang pela interpretação do *I Ching*

YIN	YANG
Feminino	Masculino
Contrátil	Expansivo
Conservador	Exigente
Receptivo	Agressivo
Cooperativo	Competitivo
Intuitivo	Racional
Sintético	Analítico

Fonte: CAPRA, 1993, p.36

Diante disso o autor coloca que:

Se atentarmos para esta lista de opostos, é fácil ver que nossa sociedade tem favorecido sistematicamente o *yang* em detrimento do *yin* – o conhecimento racional prevalece sobre a sabedoria intuitiva, a ciência sobre a *religião*³, a competição sobre a cooperação, a exploração de recursos naturais em vez da conservação [...] sustentada pelo sistema patriarcal (Idem, 1993, p. 36).

Se abordarmos o contexto em que se insere o povo brasileiro também podemos constatar que o patriarcado é ainda mais acentuado pelo racismo, onde evidentemente em nossa sociedade a opressão e repressão do povo negro ocorre devido ao empoderamento dos brancos, em especial do “homem branco” que ocupa de maneira majoritária os espaços de domínio econômico e político. Apesar desta questão estar relacionada com a presente mudança de valores, este tema não será o foco deste estudo, entretanto, reservei o último capítulo para uma breve explanação sobre a temática, afinal como exposto por Capra (Idem, 1993, p.36):

A auto-afirmação⁴ excessiva manifesta-se como poder, controle, e dominação de outros pela força; e são esses de fato, os padrões predominantes em nossa sociedade. O poder político e econômico é exercido por uma classe organizada dominante; as hierarquias sociais são mantidas de acordo com orientações racistas e sexistas, e a violação tornou-se uma metáfora central de nossa cultura – violação de mulheres, de grupos minoritários⁵ e da própria terra.

³Apesar do autor usar o termo religião, a *espiritualidade* é mais abrangente e independe de religião, assim, o termo é mais adequado diante da intenção pretendida por este estudo.

⁴Do arquétipo *yang* masculino em detrimento do feminino *yin*.

⁵Esses grupos minoritários no contexto brasileiro constituem na realidade a maioria da população brasileira, mas, a minoria representada ver PLEBISCITO POPULAR PELA CONSTITUINTE.

Deste modo, a transformação consiste primeiramente na compreensão e reconhecimento dos problemas e:

Apesar de parecer que a cultura moderna⁶ encoraja a inovação (dentro dos limites estreitos), precisamos ter consciência de por que o conservadorismo – resistência radical à mudança – é uma característica importante, tanto de sistemas naturais como humanos. Na natureza e no comportamento humano, soluções comprovadas tendem a se cristalizar enquanto inovações recentes são facilmente varridas por condições desfavoráveis (HOLMGREN, 2002, p. 75).

Assim, do mesmo modo que os processos evolutivos tendem a levar milhares de anos:

[...] na cultura humana, os padrões de comportamento ou conhecimentos comprovados se cristalizam pela tradição e pelas instituições. Em longos períodos de estabilidade, as instituições, mais que os indivíduos, se tornam os principais mantenedores da cultura (Idem, 2002, p. 75)

Um dos elementos essenciais para a superação do “doloroso processo de desintegração” é a criatividade, será através dela que a evolução cultural achará meios para a reintegração da sociedade, estruturada em nova visão de mundo (CAPRA, 1993, p. 26) onde, “mais vale o princípio da precaução e de prevenção do que a indiferença, o cinismo e a despreocupação irresponsável” (BOFF, 2010, p.14).

Considerando todo o contexto apresentado, fica claro que estas mudanças precisam estar inseridas dentro de uma perspectiva ecológica, que leve em consideração a capacidade de resiliência⁷ da natureza, compreendendo o ser humano como sua extensão dotado de uma complexidade que transcende os limites da racionalidade cientificista.

É fundamental que ocorra em nossa sociedade:

Uma significativa mudança de valores – passemos da valorização das empresas e instituições em grande escala para a noção de que “o negócio é ser pequeno” (*small is beautiful*), do consumo material à simplicidade voluntária, do crescimento econômico e tecnológico para o crescimento e o desenvolvimento interiores. Esses novos valores estão sendo promovidos pelo movimento do “potencial humano”, pelo movimento da saúde holística e vários movimentos espirituais (CAPRA, 1993, p.43).

A permacultura é uma das alternativas que surge como uma resposta criativa partindo de uma compreensão holística⁸ para o estabelecimento de uma cultura ecológica de permanência, ou seja, de comunidades humanas sustentáveis. Ela surgiu a partir do que David Holmgren define como a primeira grande onda da moderna conscientização

⁶ A cultura “moderna” na atualidade é composta tanto de uma cultura inovadora como conservadora.

⁷ Capacidade dos sistemas ecológicos de se recuperarem de desequilíbrios.

⁸ “‘Holístico’ deriva do vocábulo grego ‘holos’, que traz em si a idéia do todo” ver Debastiani e Vargas (2008).

ambiental, que de fato, ocorreu a partir da década de 60 e 70 dando origem aos primeiros movimentos ambientalistas, juntamente com o movimento de contracultura que marcou o período.

Diversos eventos desencadearam os primeiros movimentos ambientalistas como publicação do relatório de Clube Roma, que denunciava os impactos dos sistemas Industriais, como também a publicação de “Primavera Silenciosa” de Rachel Carson em 1968, que realizou uma série de denúncias sobre o uso indiscriminado de agrotóxicos, criticando a incoerência do uso da ciência para este propósito; a crise do petróleo; além do panorama pós II Guerra Mundial, que incluía as consequências desastrosas das bombas nucleares de Hiroshima e Nagasaki (PEREIRA; LIMA, 2015).

Todo esse panorama dos problemas socioambientais identificados e reconhecidos na década de 60 e 70 colocou estas questões pela primeira vez em evidência, tornando-se foco de atenção internacional. É essencial considerarmos que a “satisfação das necessidades das pessoas dentro de limites ecológicos, requer uma revolução cultural” ao qual denominaremos de uma cultura ecológica (HOLMGREN, 2002, p.39). Será que a permacultura irá constituir a transição à qual Capra se referia? Afinal, ela se baseia no pensamento sistêmico, estando “fundamentalmente ancorada nos ombros da ecologia, o estudo das inter-relações e da interdependência dos organismos vivos em seu ambiente” (MORROW, 2010, p.8)

Levando isso em consideração, a realização de atividades de permacultura em um Centro de Práticas Integrativas e Complementares (Cpics) no município de João Pessoa, no estado da Paraíba - Brasil, pôde ser identificado como parte do processo adaptativo/criativo de resposta-desafio as demandas socioculturais geradas pela crise multidimensional retratada por Capra (1998). Entretanto, a institucionalização da permacultura, assim como de terapias que partem de uma compreensão holística, podem se configurar de acordo com antigos valores e estruturas e desta forma acabar por se tornar *mais do mesmo*.

Ocasionalmente um processo semelhante ao que ocorreu com o termo *Desenvolvimento Sustentável*, que passou a ser apropriado por diversos discursos políticos e econômicos a ponto de se tornar um modismo onde muitas vezes o “Eco” e o “Verde” estão muito distantes de, de fato trabalharem a sustentabilidade⁹.

⁹Ver Boff (2010).



Levando isso em consideração o questionamento central desta pesquisa é: se a institucionalização desta prática através do SUS ocorre de maneira a buscar atender os propósitos da permacultura enquanto prática terapêutica holística.

Procurando atender o caráter multidisciplinar de minha pesquisa, realizei diversos estudos sobre todas as dimensões que pude visualizar dentro do *design*permacultural que se encontram inseridos nas atividades de permacultura do Cpics Equilíbrio do Ser do SUS. Como o objeto central de minha pesquisa foi à Cultura Ecológica, abro e concluo os capítulos com a permacultura. O primeiro capítulo aborda o histórico da permacultura, como, aonde e porquê ela foi desenvolvida, além de retratar a permacultura no cenário de João Pessoa. O segundo capítulo dediquei ao contexto de Desenvolvimento das Práticas Integrativas e Complementares (PICs) até a implementação dos primeiros espaços especializados nas PICs de atendimento à saúde do SUS. Neste capítulo também discorro sobre o modelo cartesiano que se impõem ao modelo biomédico convencional influenciando as abordagens de atendimento à saúde e o modelo educacional dos profissionais. Trato, ainda no presente capítulo do perfil diferenciado da equipe de saúde do Cpics Equilíbrio do Ser para atender os propósitos da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC).

O terceiro capítulo dediqueiaos aspectos relacionados ao caráter terapêutico da prática, enquanto um espaço que realiza o trabalho físico, mental e de socialização entre os participantes; com aspectos do *design* preocupados com a relação das pessoas com o meio que as cerca, influenciando a promoção da saúde. Portanto, me debrucei tanto sobre a relação das pessoas com o meio, das pessoas com as atividades realizadas como das pessoas com as pessoas, por isso, pretendo que este estudo seja sobre pessoas e para as pessoas.

Por fim, o último capítulo consiste nas considerações finais incluindo a *Permacultura Tupiniquim*, onde constam considerações sobre a necessidade de uma permacultura que adapte a realidade brasileira, repleta de desigualdades e ao mesmo tempo, com uma ampla diversidade cultural.



small is Beautiful



Objetivos

O objeto central sobre o qual me debrucei ao longo destes dois anos de pesquisa foi à *cultura ecológica* por meio de vivências e leituras que abordavam uma multidisciplinaridade de temas e experiências, buscando compreender os aspectos de uma cultura de permanência e sua relação com a saúde. Delimitei por objetivos específicos levantar o contexto histórico da Permacultura em João Pessoa; avaliar o Capital Social¹⁰ dos agentes de saúde promovidos pelas práticas holísticas e, por fim, levantar os aspectos terapêuticos das atividades de permacultura no Cpics Equilíbrio do Ser.

Materiais e Métodos

A. Delimitação e caracterização da área de estudo

O Cpics Equilíbrio do Ser foi inaugurado pela prefeitura de João Pessoa, através da Secretaria Municipal de Saúde (SMS), no dia 31 de agosto de 2012. O Equilíbrio do Ser está localizado na Avenida Sérgio Guerra no Bairro Bancários, João Pessoa - PB. Através de uma proposta holística para a promoção de saúde mental, espiritual e física, o Centro oferece uma diversidade de atividades individuais e coletivas, sendo que uma das práticas coletivas é a da permacultura, realizada às terças e quintas no período das 15h às 17h.

O espaço utilizado por esta atividade está localizado no pátio interno do Centro contando com uma área de aproximadamente 1.200m², onde o manejo do espaço é realizado a partir dos princípios do *design* da permacultura.

B. Métodos e técnicas

Este estudo se configura por ser um estudo de caso de caráter qualitativo, a metodologia se baseou na pesquisa documental, bibliográfica, aplicação de

¹⁰Relacionado com a capacidade de coesão social, estabelecida por meio de relações de confiança que gerem cooperação entre os indivíduos em prol de um interesse coletivo



questionários estruturados, uso de entrevistas semi-estruturadas, diário de campo e registros fotográficos.

A pesquisa documental consiste em materiais que não receberam nenhum tratamento analítico (GIL, 1999) podendo selecionar, tratar e interpretar a informação bruta, com o propósito de se obter dela algum sentido e adicionar a ela algum valor, possibilitando assim, uma contribuição para a comunidade científica (SILVA; GRIGOLO, 2002). A pesquisa documental se valeu dos arquivos existentes no centro quanto à frequência de participantes das atividades de permacultura, verificando a lista de frequência disponibilizada pelo Cpics Equilíbrio do Ser, além de utilizar de documentos de divulgação como panfletos, folders, avisos e entre outros relacionados com atividades de permacultura.

De acordo com Cervo e Bervian (1983) a pesquisa bibliográfica procura esclarecer um problema com base em referenciais teóricos publicados em documentos científicos, desta forma, foram obtidos e analisados informações sobre o histórico de permacultura de João Pessoa, a relação das atividades de permacultura com a promoção da saúde e bem estar através do contato com o meio natural, interação social e atividades de jardinagem.

Como já exposto o levantamento do contexto histórico da permacultura em João Pessoa foi realizado através da pesquisa bibliográfica, além da aplicação de entrevistas semi-estruturadas com os diferentes atores envolvidos com o cenário regional, como permacultores, estudantes, terapeutas e agentes governamentais.

O acompanhamento das atividades da permacultura no Cpics Equilíbrio do Ser foi realizado através da pesquisa participante que “consiste na inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada” (PERUZZO, 2003).

Constatei que no início do trabalho, de modo inconsciente segui uma das primeiras diretrizes do *Design* em Permacultura: “Observe & Interaja” enquanto metodologia de pesquisa (HOLMGREN, 2002). Por ser uma prática intrínseca do ser humano, a observação faz a utilização dos sentidos para perceber e compreender determinadas informações sobre uma perspectiva da realidade (RUDIO, 1986; QUEIROZ et al, 2007). Observar os processos como um ato intelectual, é uma forma de conceber uma noção sobre um fato através da fonte direta de dados (Idem, 2007).

Por observação normalmente queremos dizer usar os olhos, mas isso apenas reflete o modo como as pessoas modernas são visualmente dominadas, criadas em um mundo letrado e agora gráfico. Todos os nossos sentidos



possuem o grande potencial de fornecer informação valiosa (HOLMGREN, 2002, p.71).

De acordo com Lochner, Kawachi e Kennedy (1999) a observação direta proporciona informação adicional sobre a presença de Capital Social, especialmente quando analisamos um contexto específico onde as interações pessoais cotidianas são mais relevantes para o fortalecimento do Capital Social. Mas, toda observação é relativa, ela reflete apenas parte do todo e também é influenciada por nossa visão de mundo, premissas, pré-conceitos e valores que limitam nossa interpretação, afinal, a racionalidade presente na objetividade é limitante:

[...] é melhor ser claro e articulado sobre nossas suposições, nossos preconceitos e valores, e reconhecer como eles influenciam e estruturam o modo como vemos as coisas (Ibid, 2002, p.70).

Diante de minhas primeiras apresentações sobre meu projeto, tal foi à falta de ordenamento de meus pensamentos que sai aflita e procurando conformação com minhas frustrações acadêmicas. Entretanto, na qualificação procurei elucidar-me através de uma intensa revisão bibliográfica algo próximo de um projeto *academicista* dotado de “neutralidade” me afastando do meu “objeto”, o que fez com que a banca incluisse dentre suas sugestões que eu dissertasse ao invés de focar no artigo final, colocando um pouco mais de “mim” ao perceberem minha compreensão e envolvimento com as atividades de Permacultura do Cpics.

Assim, reconheço ter passado pela etapa metodológica do ciclo de ação-aprendizado (Figura 1):



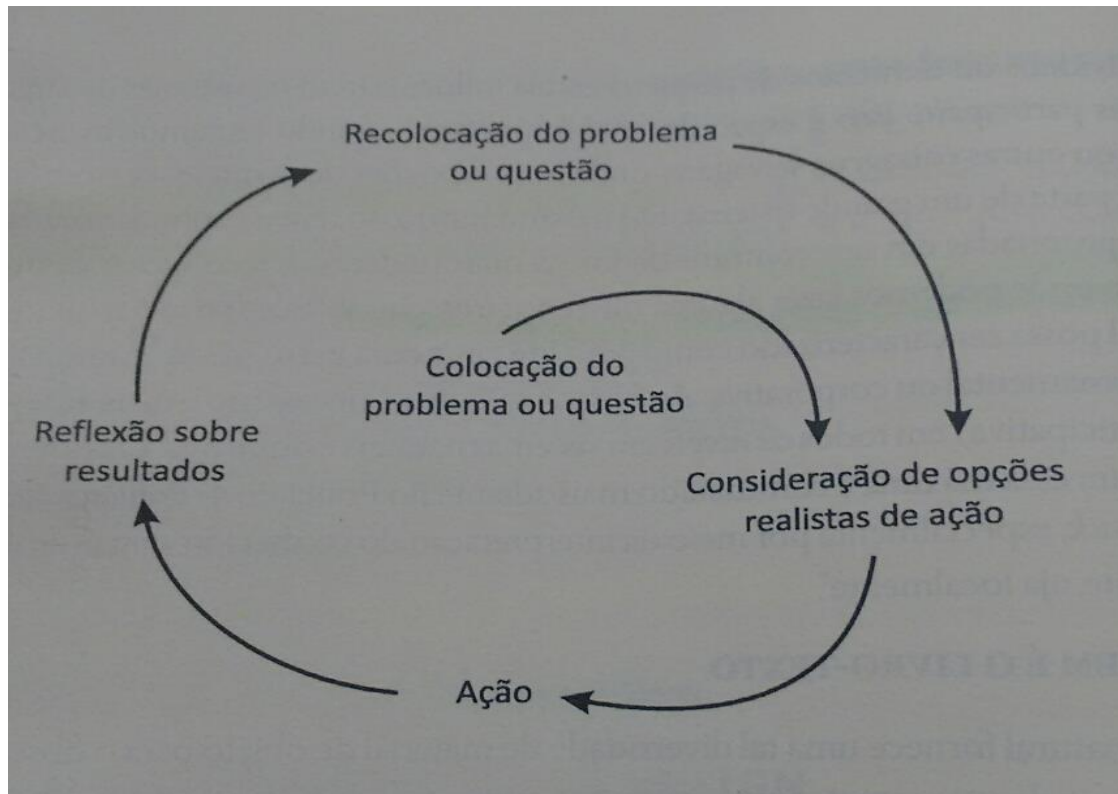


Figura 1. Ciclo de ação e aprendizado.
Fonte: HOLMGREN (2002, p.72)

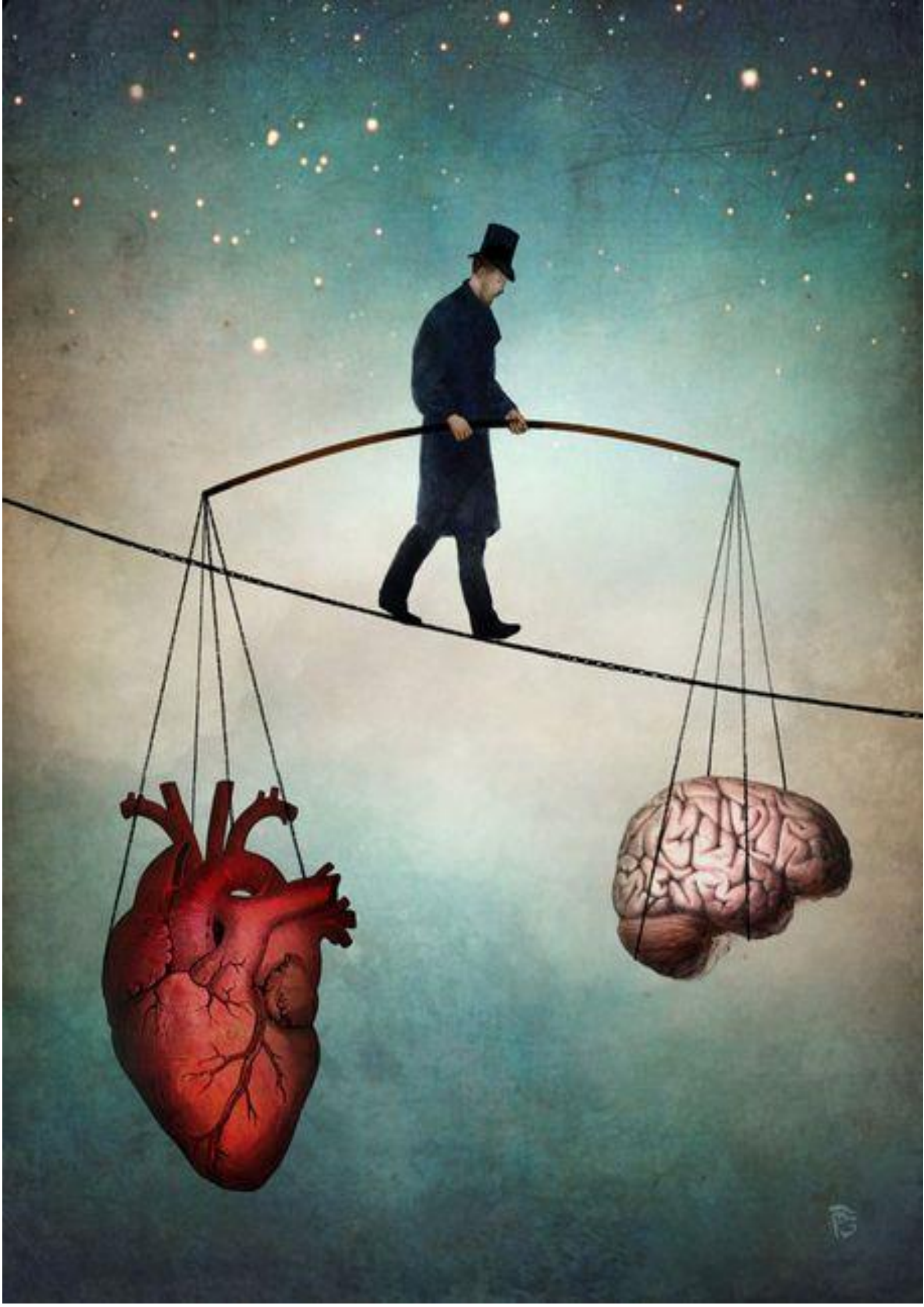
Assim sendo, para levantar o aspecto terapêutico das atividades de permacultura do Cpics Equilíbrio utilizei de meus aprendizados, observações, sentidos, instintos, câmera fotográfica e entrevistas semi-estruturadas com os mais diferentes atores direta ou indiretamente envolvidos com o desenvolvimento desta atividade. Foram entrevistados permacultores, terapeutas, gestores, coordenação do Centro e seus usuários.

Já a aplicação dos questionários foi utilizada para avaliar o Capital Social dos agentes de saúde, incluindo apenas os funcionários do Centro Equilíbrio do Ser. Esse recorte se justificou, porque foi considerado que os funcionários são potencialmente atores mais constantes para avaliar a eventual construção do Capital Social na experiência do Centro.

O questionário estruturado (Apêndice B) foi adaptado do Questionário Integrado para Medir Capital Social (QI-MCS) desenvolvido pelo grupo temático do Banco Mundial (GROOTAERT, et al. 2003). Esta adequação foi realizada de modo a gerar dados sobre as seis dimensões do Capital Social estabelecidas pelo QI-MCS que abordam: grupos e redes, confiança e solidariedade, ação coletiva e cooperação, informação e comunicação, coesão e inclusão social e autoridade e ação política. Estes

temas são respectivamente subdivididos em seis módulos, onde o primeiro consiste em aspectos estruturais do Capital Social, o segundo, diz respeito aos aspectos cognitivos, o terceiro se trata de indicadores de ação coletiva, enquanto o quarto módulo examina os aspectos e manifestações do Capital Social e por fim o quinto e o sexto buscam o resultado do Capital Social que leva a coesão e inclusão social, assim como a autoridade e ação política.





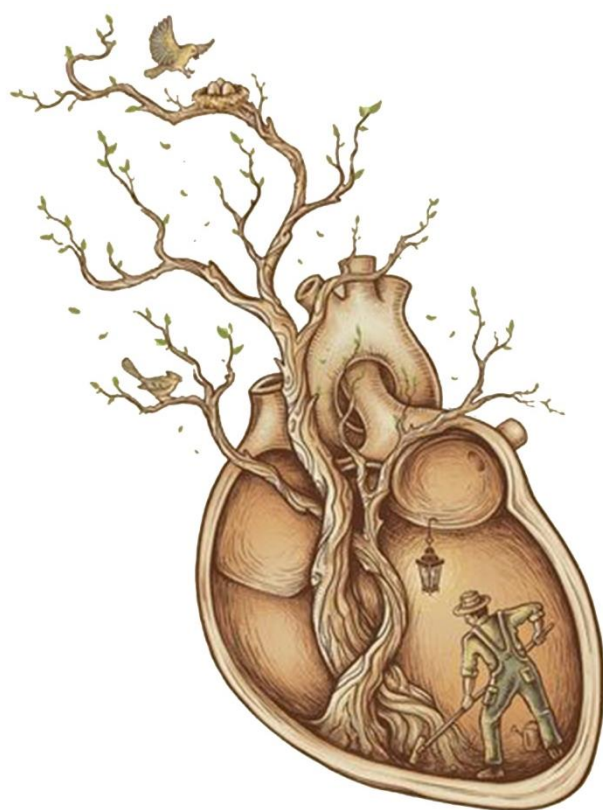
CULTURA ECOLÓGICA

Ao observarmos as transformações culturais ao longo da história da humanidade é possível perceber que elas são cíclicas. Aparentemente as civilizações tendem a uma determinada ascensão e diante do enrijecimento cultural, elas então, entram em colapso passando a se desestruturarem. De acordo com Capra (1993) durante este período de instabilidade, é que surgem novas oportunidades para a ascensão de novos padrões culturais.

A valorização de características como a competição e racionalidade associadas à carência de valores éticos e morais em nossa sociedade, estimulam a desigualdade, violência, exploração, dominação e entre outros atributos que encontram-se ressaltados dentre os males sociais. Estas incoerências prejudicam o estabelecimento de princípios como a democracia, igualdade, sustentabilidade, além do respeito à vida de seres humanos e não-humanos. Assim, diante das implicações de uma crise multidimensional agravadas por estes aspectos da sociedade é preciso considerar suas limitações como insustentáveis tanto na perspectiva social quanto ambiental. Deste modo a possibilidade de uma mudança cultural se converte em uma oportunidade de ascensão para uma cultura ecológica.

A palavra ecologia foi proposta pelo cientista Ernest Haeckel em meados da década de 60 para designar o estudo das relações entre os seres vivos e o meio ambiente. Derivada do grego, *Okologie*, se trata da junção dos termos “oikos” que significa casa e “logos” que significa estudo, ou seja, o estudo da casa. Assim, o estudo da ‘casa terra’ trouxe valiosas contribuições científicas sobre a interdependência entre os seres vivos e o meio ambiente, principalmente através dos estudos sobre ecossistemas de Eugene Odum.

A apropriação do termo “eco” por diversas esferas sociais incluindo os movimentos ambientalistas, muitas vezes se



refere a uma concepção harmônica e paradisíaca da natureza. Do mesmo modo, a transição do paradigma cartesiano para uma cultura ecológica e sistêmica proposta por Frijot Capra, acaba por suprimir os conflitos de interesses sociais (LAYRARGUES, 2003). Afinal, a natureza não é regida pela moral humana e as interações entre os seres vivos entre si e entre o meio ambiente nem sempre são pacíficas, harmoniosas e paradisíacas, mas, é evidente que muitos dos comportamentos sociais foram amparados por aspectos equivocados da biologia.



A analogia entre o mundo natural, ser humano e sociedade precisam ser cuidadosas diante do determinismo biológico e social¹¹, para que novos paradigmas não se transformem em dogmas. Afinal, a popularização das ciências naturais, inclusive em estudos sociais, muitas vezes pôs em voga a justificativa para comportamentos sociais incluindo conceitos

discriminatórios e preconceituosos como, por exemplo, o darwinismo social.

Uma cultura ecológica agrega movimentos em prol da sustentabilidade da vida de todos os seres habitantes do *oiko*. Levando isso em consideração, a permacultura se baseia no estudo da ecologia, todavia, ela reconhece os conhecimentos ancestrais ecológicos de diversas populações tradicionais e em especial das populações indígenas que através de rituais e costumes profundamente integrados ao meio natural são mais coerentes com a manutenção da vida na terra, sendo necessário a valorização e resgate destes conhecimentos originários da cultura das populações tradicionais, com o intuito de aproximar o ser humano da dinâmica do mundo natural.

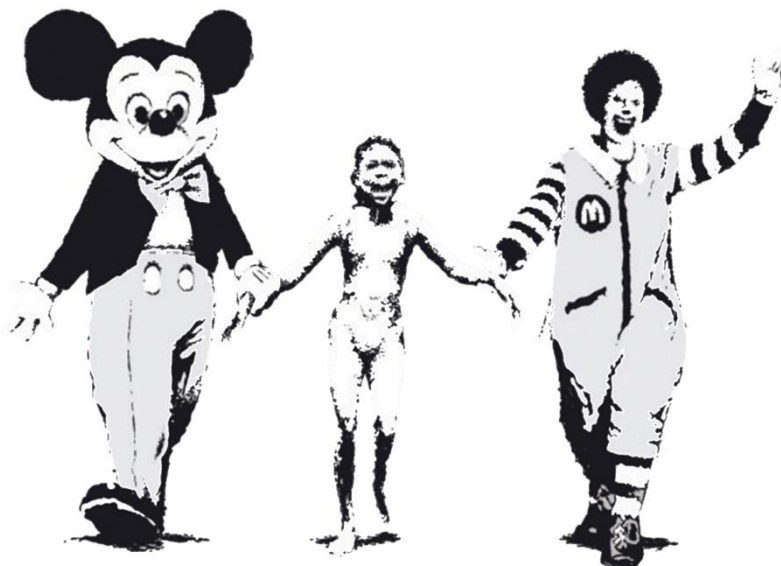
Por uma cultura de paz

A década de 60 e 70 foi um período bastante singular na história do Ocidente marcado pelo movimento de Contracultura, encontrando em diversos meios, movimentos de resistência, revolução e inovação. Este *florescimento cultural* (RISÉRIO, 2006) repercutiu em diversos âmbitos, tanto filosóficos, científicos, tecnológicos e

¹¹Determinismo é um conceito filosófico que diz serem todos os fatos baseados em causas, ou seja, todo o acontecimento é regido pela determinação. Como, por exemplo, justificar certos comportamentos humanos como resultantes de aspectos determinados biologicamente ou advindos de construções sócio-culturais.

artísticos, através de movimentos pacifistas, anti-nucleares, de comunidades alternativas, de direitos civis, estudantis, hippies e entre outros.

Historicamente, este momento também compõe o cenário pós II Guerra Mundial, onde em meados do século XX passaram a ocorrer “as primeiras manifestações organizadas em defesa do meio ambiente” (FONSECA, 1999, p.1). A crise do petróleo juntamente com os efeitos da poluição na qualidade de vida das populações dos países industrializados pós Revolução Industrial, desencadeou inúmeros debates sobre o uso dos recursos naturais e os impactos ambientais no âmbito internacional (MUELLER, 1998).



Além disso, as consequências socioambientais desastrosas ocasionadas pela explosão das bombas de Hiroshima e Nagasaki desencadearam uma grande repercussão em prol dos movimentos pacifistas ambientalista através de manifestações na Europa a favor da paz e contra o uso da energia nuclear (FONSECA, 1999).

Para Pereira e Lima (2015, p.2):

[...] o panorama pós II Guerra Mundial originou e fortaleceu o movimento hippie de contracultura em meados da década de 60 e 70, que é identificado como um dos primeiros movimentos ambientalistas cuja base ideológica é a paz e o amor e que surge em desacordo com os valores tradicionais.

Deste modo, o movimento hippie de cultura alternativa pode ser identificado como os primeiros movimentos ambientalistas do ocidente, por perseguirem o ideal de uma “nova cultura baseada em hábitos de não violência, da liberdade e no desenvolvimento de modos de vida alternativos em comunhão com a natureza” (op. cit., 2015).

Neste mesmo período ocorreu o Clube de Roma que consistiu em:

[...] um pequeno grupo internacional de profissionais das áreas de diplomacia, indústria, academia e sociedade civil reuniram-se numa vila silenciosa em Roma [...] para discutir o dilema do pensamento que prevalece a curto prazo nas relações internacionais e, particularmente, as suas preocupações com relação ao consumo de recursos ilimitados num mundo em constante interdependência (THE CLUB OF ROME, [201-]).



Este grupo de pessoas foi responsável pela publicação do relatório do Clube de Roma em 1972, que advertia sobre a exploração dos recursos naturais e da insustentabilidade do sistema econômico capitalista. Esta denúncia realizada através da publicação do relatório “The Limits of Growth” (Os Limites do Crescimento) desencadeou uma série de eventos com o propósito de discutir as questões ambientais (THE CLUB OF ROMA, [201-]). Assim, devido às inúmeras denúncias sobre hábitos predatórios originários do estilo de vida consumista do modelo capitalista, a

impossibilidade de crescimento econômico contínuo ficou evidente devido ao elevado índice de poluição ocasionado pela industrialização e levando a reflexão sobre o uso de recursos escassos no meio ambiente.

Até o presente momento as questões ambientais não faziam parte das pautas políticas, passando então a ser foco de debates internacionais. A polêmica originada pela publicação desse relatório levou a Organização Mundial das Nações Unidas (ONU) a realizar no mesmo ano a “1ª Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente”, também conhecida como Conferência de Estocolmo. Durante esta Conferência foram firmados acordos entre as nações participantes por meio da Declaração Universal do Meio Ambiente, que incumbiu cada país de acrescentar princípios para a conservação do meio ambiente em sua legislação, de modo a assegurar os recursos naturais essenciais à vida (FARIAS, 2006).

Devido a este contexto, no Brasil, houve o surgimento de Leis internas provenientes dos acordos internacionais estabelecidos entre as nações como a Política Nacional do Meio Ambiente (JUSBRASIL. Lei nº 6.938/81). Apesar das contribuições para uma maior proteção do meio ambiente, por ter se baseado no modelo Estadunidense, onde o caráter preservacionista coloca o ser humano, apenas, enquanto destruidor da natureza, a implementação destas leis entraram “em conflito com a realidade dos países tropicais, cujas florestas eram habitadas por populações indígenas e outros grupos tradicionais” desconsiderando suas relações com o meio natural e saberes

ancestrais de manejo, proteção e conservação de modo a potencializar a diversidade biológica (DIEGUES, 2001, p.23).

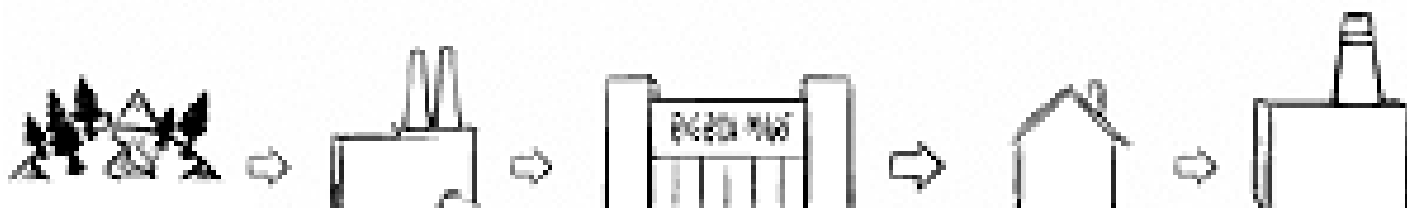
Esta contradição na implementação desta lei, implica em uma visão reducionista da realidade que gerou uma série de conflitos que refletiram a falta de reconhecimento e valorização da diversidade cultural do país, afinal, estes grupos nem sequer encontravam-se representados durante a elaboração de tais leis.

Entretanto, o estabelecimento de marcos legais no âmbito do direito ambiental proporcionou o desenvolvimento de princípios fundamentais, cuja intenção “é a de incluir a proteção do meio ambiente, não como um aspecto isolado, setorial, das políticas públicas, mas como parte integrante do processo global de desenvolvimento dos países” (MIRRA, 1996, p.50), de modo a incluir juridicamente a defesa do meio ambiente.

No âmbito global, somente quinze anos depois da Conferência de Estocolmo, uma nova publicação torna a repercutir as questões relacionadas ao meio ambiente e sociedade. O relatório Brundtland foi uma das contribuições que marcaram o fim dos anos 70. Através desse relatório foi definido a expressão “desenvolvimento sustentável” que passou então a ser utilizada em documentos oficiais sendo definida como “o desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades” (CMMAD, 1988).

Todavia, existem muitas definições e discussões em torno das expressões “desenvolvimento sustentável” e “sustentabilidade”. A definição de Brundtland (1987) é muito vaga, afinal de contas, quais serão as necessidades das gerações futuras? O bem estar, por exemplo, integra muito mais do que o necessário para sobreviver, todavia, até que ponto o que é luxo para nós, não será necessidade para as gerações futuras? (SCHUMACHER, 1973). O conceito de desenvolvimento se encontra atrelado ao crescimento econômico em nossa sociedade, se tratando, portanto, do desenvolvimento industrialista/capitalista/consumista (BOFF, 2012). Ainda de acordo com Boff (Idem, 2012, p.44-45) este modelo é “antropocêntrico, contraditório e equivocado”, pois:

É *antropocêntrico*, pois está centrado no ser humano, como se não existisse a comunidade vida (flora, fauna e outros organismos vivos) também criada pela Mãe Terra e que igualmente precisa da biosfera e demanda igualmente sustentabilidade. [...] É *contraditório*, pois desenvolvimento e sustentabilidade obedecem lógicas diferentes [...] uma privilegia o indivíduo, a outra o coletivo; uma enfatiza a competição, a outra a cooperação; uma a



evolução do mais apto, a outra a coevolução de todos juntos e inter-relacionados. [...] É *equivocado*, porque alega como causa aquilo que é efeito. Alega que a pobreza é a principal causa da degradação ecológica. Portanto, seríamos tentados a pensar: quanto menos pobreza, mais desenvolvimento sustentável e menos degradação, o que efetivamente não é assim.

Em 1992 foi realizado o evento que ficou conhecido popularmente como Rio 92, por ter como sede o Rio de Janeiro, foi chamado também de a “Cúpula da Terra” e oficialmente denominada de Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento. Oficialmente o propósito desse evento foi o de discutir os problemas ambientais atrelados ao nosso modelo de desenvolvimento econômico, reunindo cerca de 108 Chefes de Estado dos mais diversos países.

Em contraposição a discussão verticalizada e a evidente defesa de grandes interesses econômicos, diversas organizações não governamentais, movimentos sociais e organizações da sociedade civil realizaram um evento paralelo denominado Cúpula dos Povos, em um encontro extra-oficial no Aterro do Flamengo, na mesma cidade do rio de Janeiro. Estes acontecimentos culminaram na criação nesse mesmo ano do Ministério do Meio Ambiente do Brasil para coordenar a Política Nacional do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos.

A elaboração de uma Agenda Global com 2.500 recomendações sobre como atingir o desenvolvimento sustentável, incluindo determinações que prevêm a ajuda de nações ricas a países pobres, foi assinado entre os países participantes. “O termo ‘Agenda 21’ foi usado no sentido de estabelecer as intenções, desejo de mudança para esse novo modelo de desenvolvimento para o século XXI” (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, [201-]). Concomitante a todas essas diretrizes foram estabelecidas metas para preservação da diversidade biológica e para a exploração sustentável do patrimônio genético, sem prejudicar ou impedir o desenvolvimento de cada país, por meio da Convenção da Biodiversidade, além de ter sido firmado a Convenção do Clima estabelecendo estratégias de combate ao efeito estufa dando origem ao Protocolo de Kyoto¹².

Vinte anos depois, o Brasil torna a ser sede da Rio +20, discutindo os seguintes



temas “sustentabilidade”, “economia verde”, e “governança global do ambiente”. Apesar do grande debate em torno das questões socioambientais o aspecto central das discussões continua a ser o de não prejudicar o desenvolvimento econômico ao mesmo tempo procurando preservar ou/e reduzir as externalidades, ou seja, o meio ambiente permanece em segundo plano, assim como as demais problemáticas socioambientais decorrentes do nosso modelo econômico. Desta forma, as ações governamentais em prol de mudanças significativas não foram concretizadas devido ao conflito de interesses de grandes corporações e decisões unilaterais de nações ricas (BOFF, 2012).

No cenário rural, a modernização do campo através dos pacotes tecnológicos constituíram o projeto da Revolução Verde dos anos 60 e 70. Este modelo de desenvolvimento de produção agrícola teve como base o acesso a créditos agrícolas para estimular o uso de insumos industriais e tecnologias “inovadoras” para produção em larga escala, como tratores, sementes geneticamente modificadas¹³(transgênicos), e insumos agrícolas como fertilizantes, pesticidas, herbicidas, fungicidas, enfim, todos os tipos *decidas*¹⁴que remetem à morte (MOREIRA, 1999).



Planejados para atender os grandes proprietários, estes pacotes da Revolução Verde criaram maiores dificuldades para a agricultura familiar que a partir daí tende a uma maior descapitalização já que não tem acesso ao crédito, não tem escala para grandes produções e, portanto, não consegue produzir a um custo equivalente ao dos grandes, justamente por se dirigirem a produtos alimentares enquanto grandes latifundiários investem nos produtos de exportação: soja, laranja, café, milho, trigo e entre outros.

Esse pacote tecnológico transformou as relações do campo, através de uma maior concentração de terra e exclusão social que tiveram como uma de suas

¹³A utilização dos transgênicos por meio do interesse de grandes multinacionais corresponde a uma violação de ética perversa, que infere na segurança e soberania alimentar, manutenção da biodiversidade e independência econômica, ver Dossiê ABRASCO (2015) e Machado e Machado Filho (2014)

¹⁴O sufixo – *cida* ou *cídio* – vem do Latim *caedere*, “matar, imolar, derrubar”

consequências o êxodo rural, além de impactos ambientais resultantes da deterioração e contaminação do meio ambiente, ou seja, produziu mais prejuízos do que benefícios.

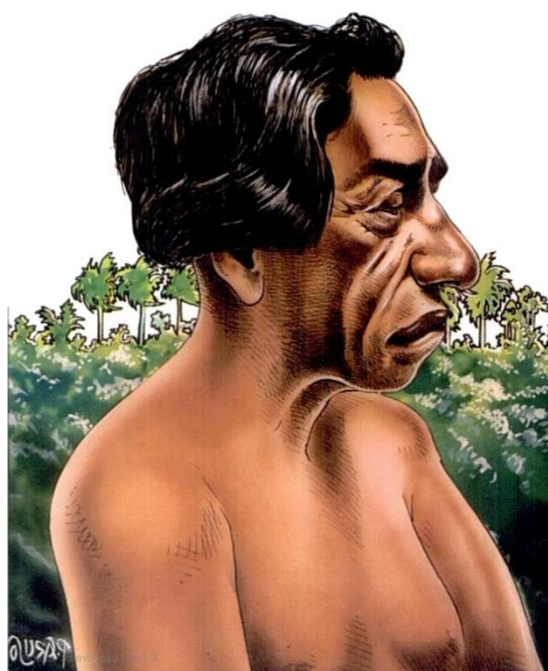
A lógica produtivista também alterou as relações mercadológicas em torno da produção, venda, aquisição e consumo de produtos alimentares. Em especial, por meio de políticas neoliberais que favorecem os interesses de grandes corporações do agronegócio e da agroindústria alimentar, que consequentemente também são lucrativas para os setores de atendimento a saúde e empresas farmacêuticas. Afinal, não é de se surpreender que exista uma estreita correlação entre o contexto do surgimento e a lógica comercial dos fármacos com os agrotóxicos que são desenvolvidos pelo mesmo complexo industrial (MENDONÇA; MARINHO, 2012).



A cultura da paz

A busca por soluções em meio às contradições do estilo vida da sociedade atual desencadearam diversos movimentos de cultura alternativa, em prol do resgate de valores éticos e morais que proporcionem uma relação mais saudável com o meio ambiente natural. Ainda cultuados através de vivências, é possível encontrar eventos como o Rainbow – Caravana Arco-Íris pela paz; o Encontro de Comunidades Alternativas – ENCA, Aldeia da Paz e entre outros movimentos ao redor de todo o mundo, que buscam uma Cultura de Paz.

Afinal, somos doutrinados por uma educação que estimula a competição para adentrarmos ao mercado de trabalho. E quando isso ocorre, somos submetidos a uma extensa carga horária, onde muitas vezes realizamos serviços repetitivos e alienantes. Essa contradição do estilo de vida ocidental é retratada de maneira singular no livro de Scheurmann (2003) em que Tuiávii, um chefe indígena Samoana relata suas interpretações sobre a cultura “evoluída” do “homem civilizado” do ocidente:



O Papalagi¹⁵ nunca está satisfeito com o tempo que tem; e acusa o grande Espírito por não lhe ter dado mais. [...] Divide o dia tal qual um homem partiria um coco mole com uma faca em pedaços cada vez menores. Todos os pedaços têm nome: segundo, minuto, hora. [...] Fala em uma quantidade de coisas que lhe tomam o tempo, agarra-se, taciturno, queixoso, ao trabalho que não lhe dá alegria, que não o diverte, ao qual ninguém o obriga senão ele próprio. Mas, se de repente vê que tem tempo, que o tempo está ali mesmo, ou quando alguém lhe dá um tempo — os Papalaguis estão sempre dando tempo uns aos outros, é uma das ações que mais se aprecia — aí não se sente feliz, ou porque lhe falta o desejo, ou está cansado do trabalho sem alegria. E está sempre querendo fazer amanhã o que tem tempo para fazer hoje.

Na exaustão do cotidiano em nosso estilo de vida, muitas vezes adotamos hábitos alimentares não saudáveis e sedentários, sendo induzidos a consumir alimentos com base na dependência da agroindústria alimentar que nos envenena das mais

¹⁵Homem Branco.

diversas formas, além de causar inúmeros impactos socioambientais pelo modelo de larga escala produtiva.

Ademais, buscamos satisfazer nossas aspirações através de bens de consumo que por vezes facilitem nosso cotidiano, nos embelezem, ou sejam, símbolo de status e entre outras razões, muitas vezes induzidos pelas táticas de publicidade/marketing e pela obsolescência programada¹⁶ e perceptiva¹⁷. Outrossim, o consumo exacerbado, também é sinônimo de muito desperdício, na América do Norte, por exemplo, 99% dos bens de consumo são descartados em apenas seis meses de uso, ou seja, 99% do que “colhemos, minamos, processamos, transportamos” vira lixo em menos de seis meses, como é possível manter este sistema linear em um planeta com recursos finitos? A natureza é sim, capaz de se recuperar, entretanto, é necessário respeitar o seu período de resiliência¹⁸ (THE STORY OF STUFF PROJECT, [201-]).

Assim sendo, todo este ciclo se baseia na expropriação de recursos naturais, poluição do meio ambiente e privação de direitos humanos daqueles que diariamente lidam com nossos desperdícios, sendo escravizados ou/e se tornando os desempregados estruturais e precarizados, ou seja, realizam trabalhos precários e com baixos salários¹⁹ (BOFF, 2012) para que possamos usufruir de produtos a baixo custo.

O modo de produção industrialista, consumista, perdulário e poluidor conseguiu fazer da economia o principal eixo articulador e construtor das sociedades. O mercado livre se transformou na realidade central, subtraindo-se o controle do Estado e da sociedade, transformando tudo em mercadoria, desde as realidades sagradas e vitais como água, os alimentos até as mais obscenas como o tráfego de pessoas, de drogas e de órgãos humanos. A política esvaziada ou subjugada aos interesses econômicos e a ética enviada ao exílio. (POLANYI, 1964 *apud* BOFF, 2012, p.17-18)

Aonde está a ética e a moral nisso? Será que os fins justificam os meios? Escravizamos e ao mesmo tempo somos escravizados. A terra adoece e como somos uma extensão da natureza e dependemos dos serviços ecossistêmicos também adoecemos das mais diversas formas. Então, recorremos a remédios, fabricados muitas vezes, pelas mesmas empresas que nos envenenam. Para alguns movimentos de cultura alternativa a busca pela autossuficiência é o caminho para a libertação e o sinônimo de uma Cultura de Paz.

¹⁶Estratégia de venda em que um produto é projetado para deixar de funcionar após determinado período de tempo de uso, ver documentário *Obsolescência Programada*.

¹⁷É a redução da vida útil dos produtos que ainda são perfeitamente funcionais e úteis através do lançamento de novos produtos com aparência inovadora e mais agradável, além de mudanças funcionais, dando aos produtos antigos aspecto de ultrapassados.

¹⁸No contexto da ecologia, a resiliência é a aptidão de um determinado sistema que lhe permite recuperar o equilíbrio depois de ter sofrido uma perturbação.

¹⁹ Ver documentário *A Corporação*.



A Cultura da Paz trata de uma nova maneira de viver baseada em hábitos de não violência, de liberdade e no desenvolvimento de modos de vida alternativos em comunhão com a natureza, em diversos aspectos da sociedade humana de caráter físico, mental e espiritual, como o trabalho, ciência, medicina, religião, consumo e entre outros (FUNDAÇÃO LAMA GANGCHEN PARA A CULTURA DE PAZ, [201-]).

Um dos símbolos ressignificados adotados para a representação deste estado de não violência, é a bandeira da paz, originada pelo Pacto de Roerich. Essa bandeira é atualmente utilizada por diversos movimentos de cultura alternativa como o Rainbow ou Caravana Arco Íris, Encontro de Comunidades Alternativas (ENCA), Aldeia da Paz, entre outros. O símbolo da bandeira da paz é composto de uma tríade de circunferências vermelhas que possui inúmeros significados.

Das muitas interpretações nacionais e individuais deste símbolo, as mais usuais são, talvez, as da Religião, Arte e Ciência como aspectos da Cultura que é o círculo que as está envolvendo; ou as realizações da humanidade, no passado, presente e futuro, guardadas dentro do círculo da eternidade. Estas duas interpretações são igualmente boas, pois representam uma síntese de vida que é um preceito verdadeiro e justo de governo [...] mas não importa qual seja a interpretação, o próprio símbolo é de caráter universal. (INSTITUTO ROERICH PAZ E CULTURA DO BRASIL, [201-]).

O Pacto de Paz de Nicholas Röerich foi um tratado oficial para a preservação de patrimônios culturais das nações por meio da paz e da união. Em síntese, esse pacto consistiu na proteção destes patrimônios em tempos de guerra, por meio da presença da bandeira paz (Figura2), que simbolizava o espaço neutro e de interesse de patrimônio da humanidade.

O mais velho dos símbolos hindus, Chintamani, o signo da felicidade, é composto por este símbolo e podemos achá-lo no Templo do Céu, em Pequim. Aparece nos três tesouros do Tibete; no peito do Cristo, no quadro bem conhecido de Memling; na Madonna de Estrasburgo; nos Escudos dos Cruzados e nos Braços dos Templários. Pode ser visto nas lâminas das famosas espadas caucasianas conhecidas como “Gurda”. (Idem).



Figura 2.Bandeira da Aldeia da Paz

Assim, a Cultura da Paz é propagada por uma série de movimentos que procuram resgatar conhecimentos tradicionais de modo a valorizar os saberes de civilizações ancestrais, pré-industriais que conviveram de modo mais harmônico por longos períodos com a natureza.

A permacultura

Considerando todo o contexto apresentado, agora adentraremos em algumas alternativas que surgiram enquanto ciências em contraposição à crise multidimensional e que inicialmente se desenvolveram enquanto movimentos da agricultura de base ecológica. Esses movimentos propõem “a construção de um modelo novo de sociedade, baseado nas reivindicações por equidade e justiça social, [...] envolvidas diretamente com os movimentos de transformação social” e foram desencadeados de forma mais evidentes a partir da publicação da “Primavera Silenciosa” de Carson em 1968 (ABREU et al, 2009, p.155), que realizou uma série de denúncias sobre o uso indiscriminado de agrotóxicos, criticando incoerência do uso da ciência para este propósito quando afirma: “Como poderiam seres inteligentes procurar controlar umas poucas espécies não desejadas, por meio de um método que pode contaminar todo o meio ambiente, e corporifica, ameaça de enfermidades e de morte até mesmo para a sua própria espécie?” (CARSON, 1968, p.18-19).

Em contraposição a este sistema que afeta diversas dimensões socioambientais, surgem movimentos como a permacultura e a agroecologia. Apesar de terem surgido em diferentes regiões, o contexto e os propósitos destas ciências são semelhantes. Ambas surgem em períodos muito próximos e inicialmente foram originadas através de trabalhos acadêmicos.

A permacultura foi criada em meados da década de 70, pelos pesquisadores Bill Mollison e David Holmgren (Figura3) na Austrália, após anos de pesquisas e observações da natureza, constituindo uma ciência dinâmica que inicialmente se voltava para uma proposta de uma agricultura permanente, mas, diante da complexidade do estabelecimento de comunidades humanas sustentáveis passou a focar em uma “cultura de permanência”, onde os autores trazem uma série de técnicas e métodos dispostos na flor da permacultura para o atendimento de seus propósitos (SOARES, 1998; HOLMGREN, 2002).





Figura 3. Da esquerda para direita David Holmgren e Bill Mollison
Fonte: The Future of food

Já a Agroecologia teve como precursores os pesquisadores Stephen R. Gliessman e Miguel Altieri por meio de seus estudos para o estabelecimento de uma agricultura alternativa com aspecto sustentável, através da inserção de elementos da ecologia na produção agrícola (agricultura ecológica), passando a ganhar notoriedade a partir dos anos 80 (CAPORAL; PERTERSEN, 2012).

Todavia, esta ciência está muito além de apenas uma produção orgânica, em especial, o movimento agroecológico brasileiro que se destaca “como um campo social e científico de disputa na sociedade, em defesa de mudanças estruturais no campo, aliando-se aos históricos movimentos camponeses e da agricultura familiar (com e sem-terra)”, isto é, abrange aspectos socioculturais de mudanças dentro do campo político, social e ambiental, por meio da defesa do direito universal a um ambiente e a uma alimentação sadia que promova a permanência ao longo das gerações (Idem, 2014, p.4).

Considerando as relações entre soberania alimentar, saúde e produção agrícola, diversos estudos têm sido realizados em torno da relação entre estilo de vida das populações, seus hábitos alimentares e questões de saúde pública. Com o advento da globalização e a homogeneização do consumo através do marketing, o ato de comer passa ser “mundializado” por meio de produtos dotados de “marcas” que transmitem valores simbólicos de status, praticidade e mobilidade atendendo ao “tempo produtivista” principalmente de grandes centros urbanos (SANTOS, 2005).





Diante desse contexto, Levy-Costa e colaboradores (2005) constataram uma redução do consumo de grãos, como arroz e feijão no prato dos brasileiros e um aumento de 400% no consumo de alimentos industrializados de fácil acesso e com um alto teor energético (açúcar) e de gorduras em geral, o que influencia diretamente a saúde pública através do desenvolvimento de doenças crônicas e o perfil de morbimortalidade do país. O consumo de produtos como biscoitos, refrigerantes, pizza, hambúrgueres e entre outros com características semelhantes, possuem uma grande popularidade devido a sua palatabilidade, por ofertarem um número elevado de calorias a um baixo custo, mas, com baixa riqueza nutritiva (RODRIGUES; COSTA, 2012).



Além disso, essas mudanças nos hábitos alimentares são potencializadas por meio da utilização de diversas técnicas pela indústria alimentícia para intensificar o consumo de tais produtos através do “desenvolvimento de sabores, imagens, técnicas de persuasão”, além de uma composição alimentar rica em açúcar, sal e gordura que são fisiologicamente atrativos de modo a poder levar ao desenvolvimento do vício alimentar (SAWAYA; FILGUEIRAS, 2013, p.1).



Outra dimensão que compõe as mudanças do cenário que envolve a alimentação dos brasileiros diz respeito à realidade dos pequenos agricultores, em especial da agricultura familiar camponesa que desempenha um importante papel na produção alimentar. De acordo com dados do Censo Agropecuário apesar de representarem 84,4% dos estabelecimentos rurais com apenas 24,3% área agrícola, o que reflete as desigualdades de distribuição de terra do país, a agricultura familiar é responsável por 60 a 70% dos alimentos que compõem a cesta básica dos brasileiros (BRASIL, 2009).



A lógica produtivista presente na proposta de agricultura da Revolução Verde seguiu tendências similares sobre as relações do mercado, por meio da centralização dos espaços de comercialização de alimentos pelos super e hipermercados, ou seja, grandes redes de varejo que passam a “transformar radicalmente os padrões de coordenação entre os atores ao longo das cadeias agroalimentares” através das exigências de produção em larga escala e pela “imposição de padrões de qualidade e aparência” que tendem a excluir os pequenos produtores favorecendo a agroindústria alimentar (LAMPA, 2014, p.73). Além disso, a logística desse sistema distancia os produtores dos consumidores “o que restringe o domínio sobre o destino e as condições dos produtos ofertados” distanciando ainda mais o consumidor da realidade do campo e da humanização da produção alimentar, afinal, por trás das prateleiras existem pessoas nos dois extremos da cadeia produtiva, quem consome e quem produz (Idem, 2014, p.24).





Em contraposição a esse sistema que afeta diversas dimensões socioambientais, surgem os movimentos como a permacultura e a agroecologia. Como ambas se complementam e por vezes interagem entre si, acho importante tratar brevemente de suas origens e propósitos. O movimento agroecológico não foi o foco desta pesquisa, por isso, não irei me aprofundar em sua contextualização, mas, como será apresentado futuramente o relato do desenvolvimento da feira agroecológica do Cpics Equilíbrio do Ser tornou-se fundamental trazer uma breve explanação sobre o tema.

A permacultura, assim como a agroecologia, surgiu em contraposição aos elevados impactos ambientais provenientes da sociedade consumista, principalmente em oposição à agricultura convencional com base na mecanização e no uso de agrotóxicos. Inicialmente a permacultura apresentou um viés mais voltado para produção de alimentos com base na observação da natureza, com o intuito de otimizar o uso de energia de maneira eficiente. Entretanto, diante da complexidade de fatores que envolvem o estabelecimento de comunidades humanas sustentáveis, a permacultura passou a englobar diversos aspectos com o intuito de gerar reflexões e mudanças sobre o estilo de vida da sociedade preparando-a para o declínio energético da Era dos combustíveis fósseis. Mollison e Holmgren apresentaram a permacultura como uma solução diante da crise multidimensional.

Em 1991, Mollison, publicou o primeiro panfleto do Curso de Design em Permacultura, ministrado no Centro Educacional Rural, New Hampshire, Estados Unidos, onde ele alerta sobre a degradação dos sistemas naturais resultantes do estilo de vida da sociedade ocidental. Mollison (1991) abordou a importância da diversidade, do estabelecimento de princípios que transcendem as leis e da capacidade de armazenar energia; advertindo sobre diversos aspectos dos impactos ambientais relacionados às florestas, ao clima, aos insetos, ao solo, ao desmatamento, estradas, cidades, poços, à água – principalmente ao que diz respeito ao uso de agrotóxicos, a agricultura como um sistema destrutivo e por fim, o controle de sementes por multinacionais, condição que infere na soberania alimentar. Indagando por soluções, ele criticou o meio acadêmico sobre a contínua necessidade de comprovar esta realidade através do seguinte trecho:

Em 1950, já era hora de parar de coletar evidências e começar a ação remedial. Mas a tentação é sempre juntar mais evidência. Muitas pessoas desperdiçam suas vidas inteiras juntando evidências. E ainda, quanto mais evidência coletamos, vemos que as coisas eram piores do que pareciam. (MOLLISON, 1991, p.6).



Apesar de ter sido originada na academia, o desenvolvimento da permacultura se deu para muito além dos muros da Universidade. Para muitas pessoas ela se converteu em uma filosofia de vida consistindo em métodos com bases éticas que mesclam o saber popular com o conhecimento técnico – científico, de modo a permitir a coexistência saudável e não prejudicial do ser humano entre si e com o Planeta Terra. Levando isso em consideração, Holmgren (2007) estabeleceu princípios éticos e do design de modo a fundamentar códigos valorativos da permacultura(Figura4).

Os princípios éticos que regem a permacultura abarcam o *cuidado com a terra* que possui um viés característico da Ecologia profunda onde todos os seres vivos



possuem um valor intrínseco e devem ser respeitados, ou seja, este cuidado serve para todos os seres vivos e sistemas naturais que permitem a sua existência. Apesar de os seres humanos já estarem incluídos enquanto seres vivos, cuja existência deve ser respeitada o *cuidado com as pessoas*, consiste em reduzir as desigualdades além de reduzir os impactos dos excessos e do desperdício ocasionado pela sociedade do consumo, buscando atender as necessidades humanas a partir de uma cultura da abundância, de maneira eficaz e eficiente, semelhante à

proposta da cultura da paz (ATAÍDE, 2000; PRATICAS DE LOS MUNICIPIOS, 2008), pois, de acordo com a declaração de Frederico Mayor (UNESCO, 1999):

Não pode haver paz sustentável sem desenvolvimento sustentável. Não pode haver desenvolvimento sem educação ao longo da vida. Não pode haver desenvolvimento sem democracia, sem uma distribuição mais equitativa dos recursos, sem a eliminação das disparidades que separam os países mais avançados daqueles menos desenvolvidos.

Para isso, inicialmente é necessário realizar a busca pela autoconsciência para que haja responsabilidade social possibilitando influenciar o meio social circundante, de modo a difundir conhecimentos que levem a mudanças de hábitos mais saudáveis e

menos impactantes (DANTAS, 2014). Além disso, é necessário reduzir a dependência econômica mantenedora das desigualdades, procurando incentivar a economia local, passando primeiramente a começar a cuidar de si, mas, se desprendendo da ganância (HOLMGREN, 2002).

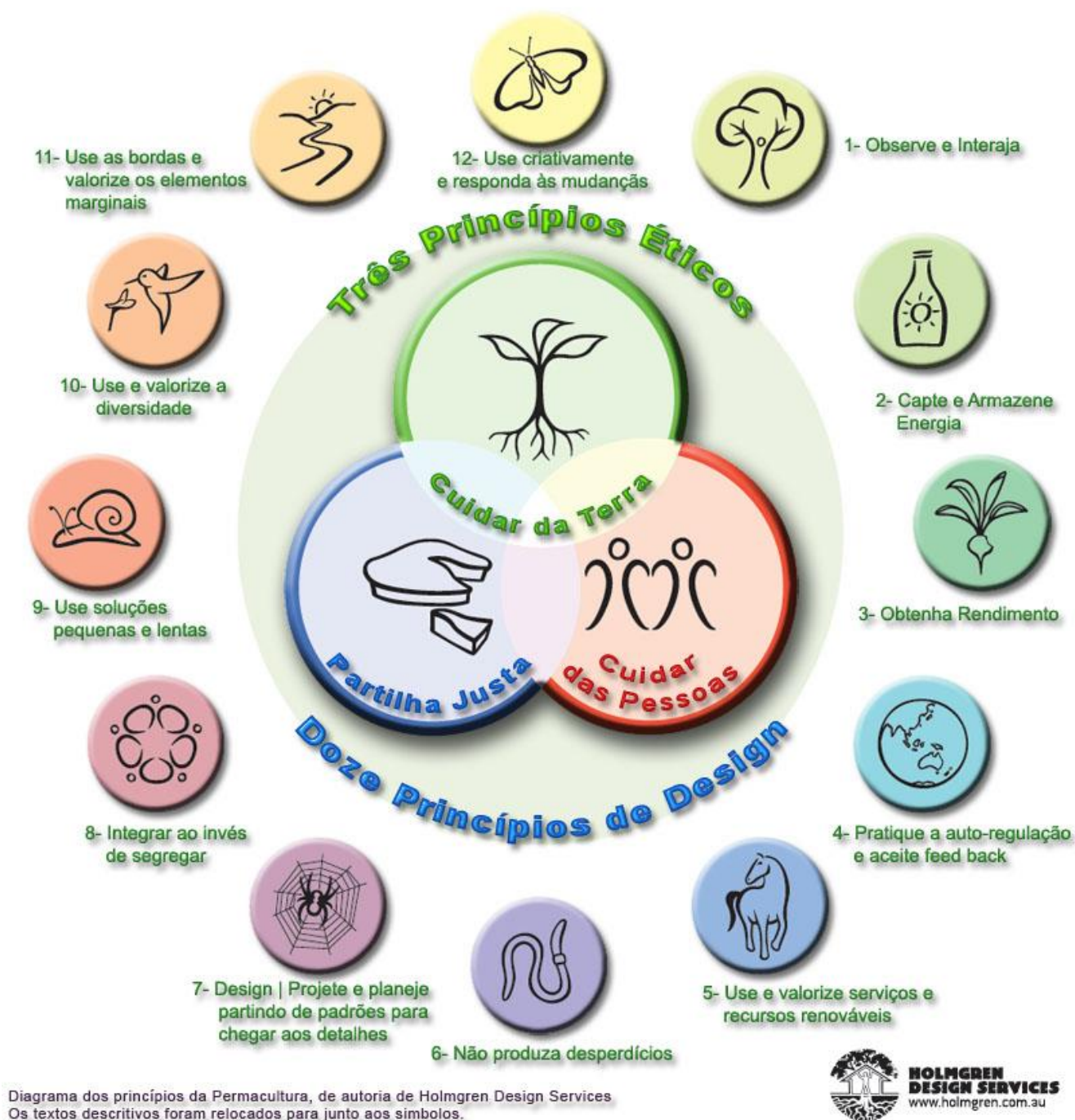


Figura 4. Princípios éticos e do design da permacultura
Fonte: Homlgren (2007)

Por fim o limite do consumo e a *partilha dos excedentes* configura-se como a otimização dos fluxos energéticos, reduzindo a perda de energia por meio do desperdício que se configura em:

[...] métodos de distribuição equitativos, garantindo o acesso aos recursos a todos que deles necessitam, sem a intervenção de sistemas desiguais de comércio ou acumulação de riqueza de forma imoral. Qualquer pessoa, instituição ou nação que acumule riqueza ao custo do empobrecimento de outras está diminuindo a expectativa de sustentabilidade da sociedade humana (SOARES, 1998, p.4)

Para tanto, é fundamental que haja responsabilidade individual refletindo sobre nossos valores, hábitos e noções sobre qualidade de vida (HOLMGREN, 2007; SOARES, 1998). Entretanto, é claro que não podemos nos iludir transferindo toda a responsabilidade para o indivíduo, considerando que os maiores responsáveis por elevados impactos socioambientais se tratam de grandes corporações e das conivências legais no âmbito da política que contribuem para a falta de ética e valores morais por parte destes agentes econômicos. Contudo, também não se deve subestimar o poder das pequenas ações, sendo de extrema importância que haja a pressão social para que ocorram mudanças mais expressivas.

Para que esses princípios sejam contemplados de maneira a reorganizar a sociedade, Holmgren (2007) discorre sobre estratégias e técnicas que são abordadas através da flor de permacultura desenvolvida pelos autores, que perpassam por diversos aspectos inerentes à vida humana como o manejo da terra, espaço construído, ferramentas e tecnologias, posse da terra e governo comunitário, economia e finanças, educação e cultura e saúde e bem estar espiritual (Figura 5) que são representados por sete pétalas. Estas estratégias são adaptáveis às condições e necessidades regionais, sendo assim, possuem uma aplicabilidade universal onde “as metodologias de planejamento envolvem as pessoas na autoprodução para alcançar a autossuficiência” (DANTAS, 2014, p.52). À vista disso, o planejamento dos sistemas permaculturais através do design devem intentar atender as necessidades materiais e energéticas de uma região. Portanto a permacultura:

Permite essa aproximação com os seres vivos e a compreensão dos fenômenos da natureza como parte do planejamento de toda ação humana. Embora a permacultura enraíza-se a partir da ecologia, a aplicação é mundana, social, cultural e econômica. Suas vertentes atingem a todos os indivíduos que queiram, efetivamente, transformar suas posturas, partir para um modo de vida mais sustentável e contribuir com a vida de outras pessoas (Idem, 2014 p.67).



Figura 5. Flor da permacultura

A Permacultura no Brasil e o cenário Pessoense

A publicação da obra “Primavera Silenciosa” de Carson (1968) teve repercussão mundial, gerando uma série de debates, inclusive no Brasil, sobre o crescimento ilimitado de multinacionais do setor agroquímico, em especial por parte da Federação de Engenheiros Agrônomos, o que contribuiu para a expansão dos movimentos sociais e

ecológicos no país, que passaram a promover uma agricultura alternativa (ABREU, 2005; ABREU et al., 2009). Ainda de acordo com Abreu (2009, p.166):

É somente após a chamada modernização conservadora da agricultura que ocorrem manifestações de contestação ao padrão técnico e econômico implementado pelas políticas agrícolas, fortemente subsidiadas pelo Estado. Isto porque jamais se presenciou, na história da sociedade brasileira, um processo de exclusão social de tamanha expressão; de trabalhadores, pequenos agricultores e camponeses de modo geral.

Entretanto, apenas na década de 90 que o debate sobre os impactos socioambientais passa a ter uma maior repercussão no Brasil e somente após aproximadamente 18 anos do início da permacultura é que ela chega ao país, por meio do primeiro Curso de Design em Permacultura PDC. O PDC consiste em curso teórico e prático introdutório, de no mínimo 72h, que procura abordar de maneira holística as diversas técnicas da permacultura.

O primeiro curso do Brasil ocorreu em 1992, em Porto Alegre (RS) com Bill Mollison em parceria com Scott Pittman, um especialista no semi-árido norte-americano. Esse curso também teve a participação de Marsha Hanzi como tradutora; Hanzi é considerada uma das pioneiras da permacultura no Brasil e teve sua formação em 1991, no Havaí (EUA), com dois professores pioneiros do método Max Lindegger e Lea Harrison (INSTITUTO DE PERMACULTURA DA BAHIA, [201-]) (Figura 6). Justamente em 1992 ela funda o Instituto de Permacultura da Bahia, além de ser a idealizadora do projeto de Policultura no semiárido brasileiro. Atualmente Hanzi é responsável pelo Epicentro da Cultura e da Agroecologia Marizá, no sertão brasileiro, onde utiliza técnicas da permacultura e da agroecologia desde 2003 em uma extensão de terra de sete hectares (MARIZÁ EPICENTRO DE CULTURA E AGROECOLÓGIA, [201-]).





Figura 6.Da esquerda para direita, Scott Pittman, Marsha Hanzi, Lea Harrison e Max Lindeg.

Somente em 2010, por meio de uma parceria entre a gestão da Secretária Municipal de Meio Ambiente (SEMAM) e a Secretária Municipal de Saúde (SMS) de João Pessoa, é que a permacultura foi introduzida e estimulada através da realização de um Curso de Design em Permacultura, que resultou na organização da Rede de Permacultura da Paraíba e na criação do Núcleo de Práticas Integrativas e Complementares, Cinco Elementos (NUPICs).

O Núcleo de Práticas começou mais ou menos em 2010, cheguei aqui em 2011, e dae nós estamos nessa trilha batalhando, tentando ampliar bem mais os nossos serviços. É um Núcleo que tem parceria com o Meio Ambiente* (SEMAM) através da flor da permacultura, onde uma das pétalas diz respeito à saúde e bem estar espiritual (registro audiovisual, terapeuta Sergio Eduardo de Holanda coordenador do NUPICs).

A primeira experiência de atendimento público das terapias holísticas em João Pessoa foi implementada, através de uma estreita relação com a permacultura quando em maio de 2010, a SEMAM lançou o 1º Curso de Design em Permacultura (PDC) da Paraíba, oferecido gratuitamente (LÍGIA TAVARES, [201-]).

Realizado no Parque Zoobotânico Arruda Câmara (Bica) em João Pessoa-PB, o curso contou com 50 vagas que foram “distribuídas em cotas entre entidades sem fins lucrativos e movimentos sociais, estudantes, técnicos de saúde, desempregados e técnicos da SEMAM” (REDE DE PERMACULTURA DA PARAÍBA, 2010). Este PDC constituiu um investimento relevante, por parte da SEMAM, devido ao alto custo dos PDCs oferecidos no país por institutos de permacultura que variam de uma faixa de R\$500,00 à R\$1,800 (IPEC[201-]; IPOEMA[201-]; PINDOROMA, [201-]).

Os objetivos traçados especificamente para este curso consistiram, de acordo com a Rede de Permacultura da Paraíba (2010), em:

Integrar ativistas ambientais, educadores e estudantes de João Pessoa; proporcionar um espaço de construção dialética de novos conceitos para efetivar uma educação ambiental de base; criar um espaço propositivo de debates sobre os novos paradigmas sócio-ambientais; tentar fornecer elementos para instrumentalizar e qualificar os agentes ambientais e funcionários da prefeitura; tentar gerar tecnologias que respondam as demandas ambientais da secretaria de meio ambiente e das demais secretarias.

Marcos Ninguém, um dos pioneiros no movimento de permacultura no cenário nordestino foi um dos permacultores responsáveis pela realização do PDC da Paraíba, e de acordo com ele o curso foi:

[...] uma introdução teórica e prática em Permacultura, onde os ministrantes introduziram e especificaram os conceitos e elementos da Permacultura, sua linha histórica e técnicas permaculturais; relacionando-a com paradigmas ambientais discutidos na atualidade como: efeito estufa, poluição, agricultura orgânica, habitações sustentáveis, energias limpas, tecnologias alternativas, alimentação saudável. No curso foram exemplificadas iniciativas atuais que estão em desenvolvimento, bem como alternativas para um desenvolvimento sustentável para o planeta. Na parte prática do curso implementamos as tecnologias sociais no espaço da Escola do Meio Ambiente e do Centro de Educação Ambiental(CEA), na comunidade Santa Bárbara (agrofloresta) e na comunidade Asa Branca (reboco ecológico e geotinta) (COMUNIDADE DE URUÇU, 2010).

A Rede de Permacultura da Paraíba acabou por se desestruturar e não foram obtidas informações durante a pesquisa sobre este processo, mas, alguns de seus membros permaneceram no cenário Pessoense realizando atividades relacionadas a práticas ambientais, como por exemplo, atuando como facilitadores das atividades de permacultura usadas como terapia no Centro de Práticas Integrativas e Complementares (Cpics) Equilíbrio do Ser. Recentemente através da mobilização de antigos membros foi aprovado o segundo Curso de Design em Permacultura do Estado, pelo edital do Fundo de Incentivo a Cultura (FIC) Augusto dos Anjos (FORMAÇÃO E PESQUISA EM CULTURA, 2015).

Ademais, a permacultura também entrou no cenário do município de João Pessoa como metodologia de abordagem da educação ambiental, pelo Centro de Estudos e Práticas Ambientais (CEPAM). Com o propósito de sensibilizar a população e estimular estudos e práticas ambientais, a CEPAM, foi inaugurada em setembro de 2010, criada pela SEMAM e composta de uma equipe diversificada - educadores ambientais, teólogos, paisagistas, biólogos, pedagogos e entre outros - este departamento se localiza no Parque Zoobotânico Arruda Câmara (Bica) e se originou da fusão da Escola do Meio Ambiente Walfredo Guedes Pereira (EMA) e o Centro de Estudos Ambientais (CEA) (DANTAS, 2014).

Para atender aos propósitos deste novo departamento, inicialmente a CEPAM atuou na capacitação dos próprios funcionários da SEMAM por meio de oficinas ministradas por Marcos Ninguém. Por ser uma experiência pioneira a CEPAM conta com uma série de protótipos, com o intuito de difundir as diversas técnicas permaculturais, segue abaixo o levantamento das tecnologias existentes no Centro (Figura 7), realizado pela Dantas (2014, p.75):

- a) horta mandala de plantas medicinais e hortaliças; b) minhocário; c) compostagem; d) meliponicultura, que é a criação de abelhas nativas sem-ferrão a urucu; e) telhado verde; f) geodésica; g) filtro biológico; h) geotinta; i) reciclagem criativa; j) forno solar; l) oficinas de sabão natural feito de óleo reaproveitado de cozinha, filtro biológico, coleta seletiva, reciclagem, forno solar, maquetes e geotinta; m) palestras com temas socioambientais; n) Ecocine; o) práticas terapêuticas integrativas e complementares; p) composteira doméstica; q) viveiro; r) coleta seletiva; e outras.





Figura 7. Da esquerda para direita: Filtro biológico, horta mandala e geodésica, viveiro, coleta seletiva, compostagem, compostagem caseira, meliponicultura e reciclagem

Fonte: Bianca Nascimento Rufino Dantas

Atualmente a CEPAM sofre com a falta de incentivos e com a burocratização do serviço público para o andamento dos projetos, o que resulta na redução do potencial em estudos e práticas ambientais obtidos inicialmente, que é evidenciado por Dantas (2014) através da constatação da inatividade de alguns dos projetos anteriormente desenvolvidos, como o chá-da-tarde e as trilhas ecológicas, o que também foi constatado durante a realização desta pesquisa no ano de 2015.

Por fim, é possível constatar que a permacultura é um movimento que ainda não atingiu um caráter popular, que carece de incentivos governamentais, sendo pouco propagada no meio acadêmico, possuindo poucas experiências implementadas no âmbito universitário do Brasil como, por exemplo, na Universidade Federal do Rio

Grande do Norte, pelo Núcleo de Permacultura da UFRN, na Universidade Federal de Santa Catarina, através a oferta da disciplina de Permacultura; pela Universidade Federal da Paraíba, por meio da Estação de Permacultura no campus de Areia (criada à partir de um grupo de estudantes que participaram do 1º PDC de João Pessoa). Deste modo, é possível constatar que aconteceram avanços em relação à discussão das questões ambientais por meio da permacultura, mas que estes ainda necessitam de uma maior disseminação.

Em João Pessoa a mudança de gestão da SEMAM afetou o incentivo e continuidade das ações permaculturais como forma de metodologia de abordagem da educação ambiental. Entretanto, a articulação de antigos membros da Rede de Permacultura de João Pessoa para a aprovação de um segundo PDC por meio do edital do Fundo de Incentivo a Cultura, representa boas perspectivas e expectativas para o cenário Pessoense.



AS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES E A IMPLEMENTAÇÃO DOS CPICS EM JOÃO PESSOA²⁰

A contestação da ciência

O racionalismo, proveniente da revolução científica originada pelo Iluminismo e pela Revolução Industrial é à base do pensamento tecnicista, cuja percepção e valores influenciam a realidade da cultura capitalista ocidental (CAPRA, 1993). Esta linha de pensamento dominante, baseada na ciência e na tecnologia, característica da sociedade moderna ocidental repercute a cultura de uma classe dominante que por vezes propõe soluções pontuais para problemas sociais, reproduzindo um conhecimento estático e positivista (PEDROSA, 2007).

A utilização do método científico como uma verdade legitimada, por vezes são fonte de manipulação quando ocorrem em detrimento de interesses econômicos e políticos. Muitas vezes isso ocorre por conta da falta de autonomia e ética na ciência, afinal diversos estudos são financiados em prol dos interesses dos próprios financiadores, o que compromete o discurso de “imparcialidade em relação à perspectiva de valores” que isentam de responsabilidade os cientistas. Desta forma, a premissa da neutralidade e a omissão dos cientistas diante dos produtos da ciência, muitas vezes levam ao mau uso e a uma apropriação do conhecimento de maneira antiética (DUPAS, 2008, p.126).

Exemplo disso são as várias denúncias, no campo da saúde, contra a indústria farmacêutica. Como realização de testes em populações carentes²¹, liberação de produtos de eficácia duvidosa, indução a doenças, biopirataria²², apropriação de conhecimentos tradicionais e entre outras questões que são muitas vezes estimuladas pela mídia, pois de acordo com Capra (1993, p.126):

A imagem pública do organismo humano — imposta à força pelo conteúdo dos programas de televisão e, especialmente, pela publicidade — é a de uma máquina propensa a constantes avarias, se não for supervisionada por médicos e tratada com medicamentos. A noção do poder de cura inerente ao organismo e a tendência para manter-se saudável não é comunicada, não sendo valorizada a confiança do indivíduo em seu próprio organismo.

²⁰Capítulo elaborado com contribuições das disciplinas de: Direito Ambiental de Belinda Cunha, Desenvolvimento e Sustentabilidade de Gustavo Ferreira da Costa Lima e Políticas Públicas de Alicia Ferreira Gonçalves.

²¹ Assistir filme *O jardineiro Fiel*

²² Ver exemplo da *Amazon.lin.org* - O caso da rã *Phyllomedusa bicolor* - vacina do sapo

Tampouco é enfatizada a relação entre saúde e hábitos de vida; somos encorajados a pressupor que os médicos podem consertar tudo, independentemente de nosso estilo de vida.

Ademais, há existência de limitações do tecnicismo do auxílio médico, por meio dos avanços tecnológicos para o atendimento de populações carentes, uma vez que estas contam com baixa renda e muitas vezes com a indisponibilidade de tais tecnologias (LUZ, 1997).

Assim, é preciso considerar de maneira humilde que o aspecto holístico da pesquisa e a abrangência da tecnologia sempre será limitado de modo a não existirem verdades e/ou soluções absolutas.

O patriarcado e racismo²³ na medicina

A estreita associação da medicina com o conhecimento científico tem relação direta com o fato de que o prestígio social adquirido pela ciência é dominado pelas pessoas socialmente privilegiadas, afinal de acordo com Capra (1993,



p.106):

Na história da medicina ocidental, a conquista do poder por uma elite profissional masculina envolveu uma longa luta que acompanhou o surgimento da abordagem racional e científica da saúde e da cura. O resultado dessa luta foi o estabelecimento de uma elite médica quase exclusivamente masculina e a intrusão da medicina em setores que eram tradicionalmente atendidos por mulheres, como o parto.

²³ “O Racismo é um tipo de preconceito associado às raças, às etnias ou às características físicas; visto que as pessoas denominadas racistas baseiam-se na ideologia da superioridade. Em outras palavras, esse tipo de preconceito assinala que algumas raças ou etnias são superiores às outras, seja pela cor da pele, pensamentos, opiniões, crenças, inteligência, cultura ou caráter” (www.todamateria.com.br/racismo/)

Desta forma, os padrões patriarcais e racistas podem ser claramente identificados pelos estereótipos comumente encontrados na nossa sociedade, no caso das escolas de medicina, os negros são excluídos e as mulheres geralmente assumem cargos de assistência, que carecem de reconhecimento. Apesar de frequentemente serem altamente qualificados, enfermeiros(as), terapeutas, sanitaristas e entre outros (incluindo homens e mulheres), são considerados meros auxiliares dos médicos (CAPRA, 1993).

No sistema atual de assistência à saúde, os médicos desempenham um papel ímpar e decisivo nas equipes que se encarregam das tarefas de assistência aos pacientes. É o médico quem encaminha os pacientes para o hospital e os manda de volta para casa, é ele quem solicita as análises e radiografias, quem recomenda uma cirurgia e receita medicamentos [...] e determina o que constitui a doença, quem está doente e quem não está, e os procedimentos com relação ao indivíduo enfermo (Idem, 1993, p. 138-139).

A exclusão dos negros nesse sistema que privilegia homens e mulheres brancas teve início no século 15, através da exploração da escravidão da população originária da América e dos africanos pelos cristãos portugueses. Desta forma a influência cultural e ideológica da classe historicamente favorecida exerce um poder material e simbólico que se reflete na ciência e consequentemente na medicina (MACHADO, 2014).

[...] quando falamos em Civilização Ocidental, nos referimos à cultura de origem Grega e Romana e Européia, imposta violentamente pelo colonialismo aos povos colonizados. A suposta superioridade da Cultura ocidental é uma ideologia internalizada pelos próprios colonizados, sobretudo as elites dominantes nacionais. Dentro dessa visão, a Civilização Ocidental representa o estágio mais avançado do desenvolvimento humano. E é dentro desse contexto que as culturas dos povos dominados são retratadas como arcaicas, primitivas e estáticas, que pouco contribuíram para o progresso humano. Enquanto os índios americanos ganharam à imagem do nobre selvagem, e os asiáticos a fama do saber já morto, nenhuma cultura foi considerada mais primitiva ou arcaica do que as africanas (VIEIRA, 2016).

De acordo com Machado (2014), a ciência contribuiu significativamente com o racismo na medida em que historicamente assume e reforça positivamente as contribuições do pensamento eurocêntrico.

Esta ideologia vinda da Europa e Estados Unidos no século XIX municiou a elite intelectual branca brasileira a várias teses que defendiam a inferioridade física, moral e intelectual dos negros e indígenas, ampliando assim, a hierarquia racial e a orientação de políticas governamentais racistas²⁴ (Idem, 2014, p. 8-9)

Exemplo disto, é que dentro do sistema de ensino as contribuições de diversas outras grandes civilizações, como por exemplo, a civilização Egípcia que data de 3.200 a.C.-525 a.C., ou seja, mais antiga que a civilização Grega (1.100 a.C. – 146 a.C.)

²⁴O autor cita como exemplo o incentivo a imigração de brancos vindos da Europa com o objetivo de promover o branqueamento da população Brasileira que no momento era majoritariamente negra e parcialmente indígena (2014, p.9).

pouco são abordadas, e portanto, reconhecidas como fonte de saberes em relação a filosofia Grega. Um dos reflexos disso na medicina é “o mito popular de Hipócrates ser o pai da medicina” (Idem, 2014, p.24).

Antes do período clássico do Mundo Antigo, quando nasceu a medicina hipocrática, existiram duas civilizações que já tinham incorporado em sua cultura o ofício da medicina como saber. Essas duas civilizações eram a Mesopotâmica e a Egípcia (DANTAS, 2015, p.15).

Levando isso em consideração Machado (2014) defende que o conhecimento de Hipócrates se deu diante de seus estudos sobre os trabalhos do médico, astrólogo, sacerdote, sábio e arquiteto de pirâmides do Egito antigo Imhotep (c. 2.700 a.C.). Diante disso, é esclarecedor a existência da apropriação eurocêntrica por meio da civilização Grega como fonte saber, sendo este, apenas um dos reflexos do racismo na ciência e na medicina.

O Sistema Único de Saúde: um Direito Constitucional

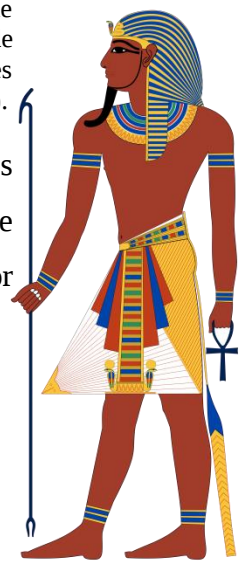
A consolidação da democracia garantida legalmente através do estado é um fato recente no Brasil. A Constituição da República Federativa do país entrou em vigor em 1988, através Assembléia Nacional Constituinte, após anos de ditadura militar (RIBEIRO, 2003). A Constituição de 88, que se tornou conhecida como a Constituição Cidadã, foi elaborada com base em tratados e convenções internacionais, promulgando uma série de princípios e diretrizes que estabelecem os direitos e deveres do Estado e da nação, criando um marco legal que englobou vários temas.

Assim, a partir da Constituição Federal a saúde passou a ser reconhecida pela legislação brasileira como um direito de todos e como um dever do Estado por meio da criação do Sistema Único de Saúde (SUS) também em 1988, compondo um marco institucional na garantia dos direitos de atendimento a saúde pública no Brasil, portanto:

Deveria caber ao Estado à tarefa de garantir a saúde para todos, através de políticas sociais e econômicas voltadas tanto para a redução do risco de doença e de outros agravos, quanto ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação (MATTOS, 2001, p.1).

O arcabouço institucional do SUS foi resultado de uma série de reivindicações que ocorreram por meio do movimento sanitário da época, formulado em torno de diretrizes.²⁵ Levando isso em consideração, constitucionalmente cabe ao Estado por

²⁵Ver Carvalho (2013).



meio de elaboração de Políticas Públicas²⁶ reduzir as desigualdades sociais e os impactos ambientais que inferem na qualidade de vida das pessoas de maneira a influenciar a saúde pública.

Entretanto, o processo histórico de desenvolvimento do Estado brasileiro, marcado por anos de colonização, coronelismo, patrimonialismo e períodos autoritários, fez com que o Estado de Direito²⁷ por vezes desempenhasse o papel de um estado centralizador, autoritário e conservador (BACELAR, 2003) com a ausência de pluralidade política²⁸, atualmente prevista constitucionalmente. Prova disso, foi o caráter desenvolvimentista do período de 1930-1980, que não priorizou a formulação de Políticas Públicas para redução das desigualdades e melhoria da qualidade de vida da população, mas sim, procurou promover o crescimento econômico para a consolidação da indústria e dos negócios, resultando em uma condição histórica que deixou de herança um forte viés autoritário na formulação de algumas políticas (Idem, 2003).

A correlação entre o cenário político e contexto histórico pode ser vislumbrado em uma diversidade de trabalhos que abordam a questão do desenvolvimento sustentável e a implementação de Políticas Públicas, inclusive sobre a mudança de discurso decorrente destas discussões. Até os anos 60 o termo *crescimento* era majoritariamente tido como sinônimo de desenvolvimento, devido ao processo de industrialização que enriqueceu as nações ditas desenvolvidas. Entretanto, só foi reconhecido que este processo se deu através da exploração por meio da colonização dos países considerados em desenvolvimento, quando a tentativa de implantar a industrialização nestes países não acarretou necessariamente em melhorias para a população pobre acabando por acentuar ainda mais as desigualdades e os impactos socioambientais através da exploração dos recursos naturais (VEIGA, 2008).

O Produto Interno Bruto (PIB), portanto, passa a ser insuficiente enquanto indicador base para a formulação de políticas e mensuração do desenvolvimento do país, o que acarretou nos anos 90 na criação do Índice de Desenvolvimento Humano

²⁶De acordo com a Secretária do Meio Ambiente do Paraná (2014) as Políticas Públicas são: “[...] conjuntos de programas, ações e atividades desenvolvidas pelo Estado diretamente ou indiretamente, com a participação de entes públicos ou privados, que visam assegurar determinado direito de cidadania, de forma difusa ou para determinado seguimento social, cultural, étnico ou econômico”.

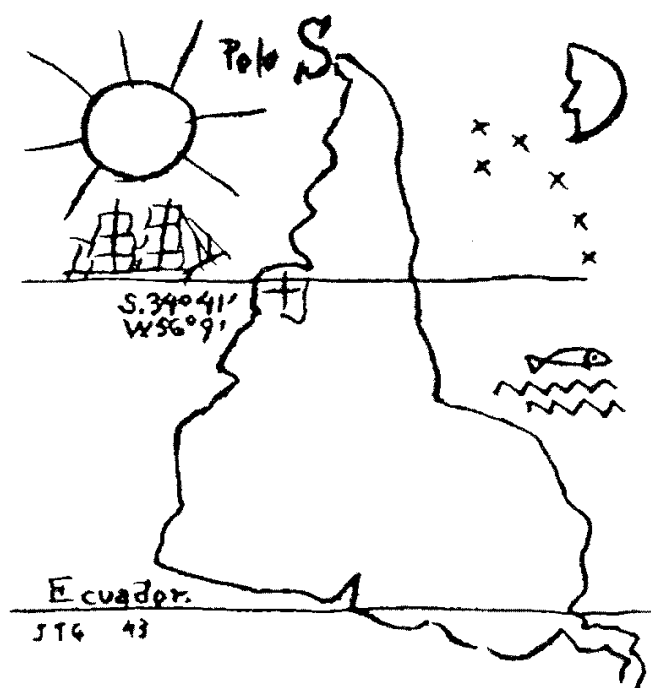
²⁷O Estado de direito é formado por duas componentes: o Estado (enquanto forma de organização política) e o direito (enquanto conjunto das normas que regem o funcionamento de uma sociedade). Nestes casos, portanto, o poder do Estado encontra-se limitado pelo direito, estes períodos foram caracterizados pela ausência de direitos civis (CONCEITO.DE, [201-]).

²⁸ O período da ditadura militar foi marcado pela ausência de pluralidade partidária, o poder era disputado apenas por dois partidos, Arena (governo - guiado pelos militares da ditadura) e MDB, oposição controlado.



(IDH)²⁹. Cuéllar Saavedra e Moreno Armella (2009) expõem o desdobramento da concepção do termo *desenvolvimento* na América Latina, considerando a legitimação do conceito de “desenvolvimento humano” na década de 90, fundamental para implementação de políticas sociais com base na igualdade de direitos e nodesenvolvimento das capacidades dos indivíduos de maneira a melhorar a sua qualidade de vida³⁰.

Entretanto, é preciso considerar que o Estado não consiste apenas no governo eleito para representar o povo (apesar da baixa representatividade), mas também consiste no povo, portanto, para que haja a efetividade das Políticas Públicas de maneira eficiente é essencial que haja a participação popular.



Assim sendo, o processo de desenvolvimento das Políticas Públicas esta relacionada com o contexto histórico, econômico e social da sociedade, além das influências externas. Desta forma, atualmente a elaboração de políticas com o âmbito socioambiental, que influenciam na saúde pública, esta associada a repercussão em diversas esferas, governamentais e sociais para o estabelecimentos de novos paradigmas dentro do âmbito das

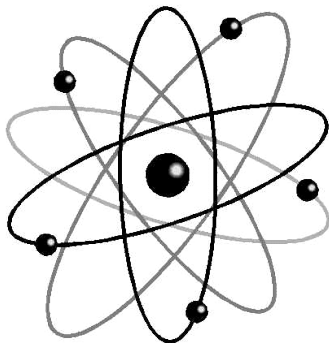
relações internacionais e nacionais da crise multidimensional.

Afinal, o pensamento cartesiano e/ou mecanicista, baseado no conhecimento científico trazido por pensadores como Galileu, Newton e Descartes³¹ também influenciaram a compreensão das relações entre o processo de saúde e doença. De acordo com este paradigma o corpo passa a ser visto como máquina, pois:

²⁹Para definição de PIB e IDH ver Ribeiro Neto e Gomes (2013).

³⁰“Qualidade de vida é uma noção eminentemente humana, que tem sido aproximada ao grau de satisfação encontrado na vida familiar, amorosa, social e ambiental e à própria estética existencial. Pressupõe a capacidade de efetuar uma síntese cultural de todos os elementos que determinada sociedade considera seu padrão de conforto e bem-estar. O termo abrange muitos significados, que refletem conhecimentos, experiências e valores de indivíduos e coletividades que a ele se reportam em variadas épocas, espaços e histórias diferentes” (MINAYO, 2000, p.2).

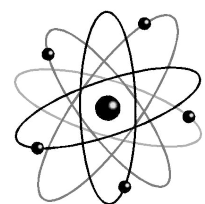
³¹Ver capítulo *o modelo biomédico* de Capra (1993).



No decorrer de toda a história da ciência ocidental, o desenvolvimento da biologia caminhou de mãos dadas com o da medicina. Por conseguinte, é natural que, uma vez estabelecida firmemente em biologia a concepção mecanicista da vida, ela dominasse também as atitudes dos médicos em relação à saúde e à doença. A influência do paradigma cartesiano sobre o pensamento médico resultou no chamado modelo biomédico *, que constitui o alicerce conceitual da moderna medicina científica (CAPRA, 1993, p.103).

Desta forma, o estudo do corpo humano passa a estabelecer o tratamento das enfermidades com base na fisiologia e anatomia mecanicista, não centrando no indivíduo e na integralidade de sua saúde, mas sim na enfermidade, tratando a doença por meio de medicamentos agressivos e hipervalorizando a tecnologia, onde outra faceta seria a especialização que foca em um recorte da doença, além de desconsiderar a dicotomia entre corpo e mente, ou seja, soluções pontuais que por vezes não atingem a raiz do problema (ANDRADE; COSTA, 2010).

Os grandes avanços proporcionados pela tecnologia através da ciência desenvolveram “métodos altamente sofisticados para remover ou consertar várias partes do corpo, e até para substituí-las por dispositivos artificiais [...] aliviando o sofrimento e o desconforto de inúmeras vítimas de doenças e acidentes”, mas apesar disso, devido “a impressionante desproporção entre o custo e a eficácia da medicina moderna [...] a saúde da população não parece ter apresentado uma melhora significativa³²” (CAPRA, 1993, p.114-126).

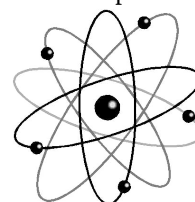


Um novo conceito surge no final do século XIX e início do século XX com as teorias de Einstein, onde a matéria passa a ser vista como manifestação de energia, dessa forma, o ser humano também passa a ser considerado um ser energético que interage com diversos outros sistemas energéticos (GERBER, 1988), passando a influenciar o fenômeno da cura.

Em termos científicos modernos, poderíamos dizer que o processo de cura representa a resposta coordenada do organismo integrado às influências ambientais causadoras de tensão. Essa concepção de cura envolve um certo número de conceitos que transcendem a divisão cartesiana e que não podem ser formulados de acordo com a estrutura da ciência médica atual. Por isso os pesquisadores biomédicos tendem a desprezar as práticas dos curandeiros populares, relutando em admitir sua eficácia. Tal “cientificismo médico” faz com que se esqueça que a arte de curar é um aspecto essencial de toda a medicina (CAPRA, 1993, p.105).

Esta fundamentação científica permite uma nova visão sobre o universo que passa a ser identificado como “dinâmico e indivisível, cujas partes estão essencialmente

³²O autor cita alguns méritos tidos como resultado dos avanços biomédicos, como o aumento da expectativa de vida e redução/extinção de doenças infectocontagiosas que na realidade ocorreram por conta de outras causas ver capítulo *o modelo biomédico*.



inter-relacionadas e só podem ser entendidas como modelos de um processo cósmico” (CAPRA, 1993, p.76). Levando isso em consideração, esta nova proposta da ciência se confronta com o paradigma cartesiano, apresentando uma nova visão com um caráter mais holístico considerando as relações energéticas dinâmicas. Entretanto, esta nova proposta não consiste necessariamente em abandonar os antigos paradigmas, mas sim em reconhecer suas limitações, abrindo espaço para a pluralidade de saberes e novas perspectivas, permitindo desta forma um diálogo entre saberes e as ciências (SIQUEIRA, 2007).

No Brasil, podemos identificar que diante das limitações do modelo biomédico é que se estabeleceu uma dupla crise: sanitária e médica de raízes socioeconômicas ocasionando o desenvolvimento da “medicina alternativa” como uma fuga da racionalidade médica (LUZ, 1997).

Entre os fatores socioeconômicos apresentados por Luz (1997) encontram-se as desigualdades sociais ampliadas e mantidas através de políticas de ideologia neoliberal que promovem políticas socioeconômicas agravando o quadro sanitário populacional, em especial em países com grande concentração de renda como os da América Latina, ocasionando conseqüentemente problemas de caráter básico de saúde:

[...] de natureza sanitária, tais como a desnutrição, violência, doenças infectocontagiosas, crônico-degenerativas, além do ressurgimento de velhas doenças que se acreditavam em fase de extinção, tais como a tuberculose, a lepra, a sífilis e outras doenças sexualmente transmissíveis, que se aliam a novas epidemias como a AIDS. Tudo isso sem mencionar o consumo de drogas como a cocaína e o crack (Idem, p.17).

Em contraposição a este modelo em crise é que a “medicina alternativa” vem a se desenvolver. Um marco histórico simbólico para utilização deste modelo de assistência à saúde foi a declaração do diretor geral da Organização Mundial de Saúde (OMS) na Alma Ata de 1978, fazendo:

[...] um apelo aos governos de todos os países para o desenvolvimento de formas simplificadas de atenção médica destinada às populações carentes no mundo inteiro, com o correspondente esforço no campo da formação de recursos humanos, utilizando para isso os próprios modelos médicos ligados às medicinas tradicionais.

A apropriação de tratamentos de saúde com caráter espiritual, fitoterápico, com base em técnicas manuais e entre outros, já é utilizada como uma estratégia pelas populações, em especial de países em desenvolvimento para atender suas necessidades sanitárias, muitas vezes através das crenças religiosas e dos saberes antigos (OMS, 2002). O fortalecimento destas práticas é fundamental diante das demandas elevadas em



atendimento na saúde pública, das quais os governos não conseguem suprir, por não atingirem os problemas de caráter estruturais cujas raízes são socioeconômicas (DUPAS, 2010).

Outro fator histórico relevante para o desenvolvimento da medicina alternativa foram os Movimentos de Contracultura dos anos 60 que surgiram nos Estados Unidos e na Europa e atuaram como os disseminadores de novos modelos de cura e saúde, estes eventos históricos tiveram seu marco nos países da América Latina em meados da década de 80, passando a buscar ocupar os espaços não apenas no âmbito privado, mas também no público (LUZ, 1997).

No Brasil, com o fim da ditadura militar e criação da Constituição Federal de 1988, passando então, a reconhecer a saúde como um direito de todos e como um dever



do Estado por meio da criação do Sistema Único de Saúde (SUS), marca o início da busca pela garantia do direito a saúde da população brasileira.

A utilização de práticas “não convencionais” pelo SUS foi um processo constante de lutas e discussões no âmbito nacional e internacional para a legitimação e a institucionalização dessas abordagens. O contexto

apresentado e sua repercussão no âmbito da saúde levaram a uma série de eventos realizadas ao longo dos anos que culminaram na elaboração de um documento normativo por parte de OMS, objetivando incentivar a criação de políticas para realização de práticas não convencionais, além de incentivar pesquisas que verifiquem a eficácia, segurança e qualidade desses serviços nos sistemas nacionais da saúde, colaboraram para o processo de inclusão legal e formal de tais práticas (FONTANELLA et al, 2007). Sendo assim, no final da década de 70 a OMS lançou o Programa de Medicina Tradicional com o propósito de incentivar a criação de políticas que abordassem a medicina tradicional.

No Brasil devido ao caráter descentralizador do SUS, que permite uma maior autonomia municipal para a implantação de experiências pioneiras (BRASIL, 2006),

mesmo anteriormente a formulação das políticas públicas que promovem uma maior pluralidade de atendimento à saúde com base em diferentes saberes, já existiam inúmeras atuações no SUS com as práticas medicinais não convencionais.

Em 2004, o Ministério da Saúde realizou um diagnóstico para o levantamento dos municípios que realizavam este tipo de serviço, sendo constatada a existência em 232 municípios que contavam com a estruturação para este tipo de atendimento, apesar do número reduzido diante da quantidade de cidades existentes no país, é preciso considerar a baixa taxa de respostas dos questionários enviados, mas, é relevante levar em conta, que os resultados apresentaram 19 capitais dos 26 estados envolvidos (Idem, 2006).

A relevância desse movimento em prol da pluralidade nas formas de atendimento à saúde, se expressa na diversidade de políticas nacionais no SUS formuladas dentro dessa perspectiva de forma a promover os cuidados integrativos como: a Medicina Natural e Práticas Complementares, em 2005; Práticas Integrativas e Complementares; Plantas Medicinais e Fitoterápicas ambas em 2006 (ANDRADE; COSTA, 2010).

Sendo assim, desde 2005, através da Política Nacional de Medicina Natural e Práticas Complementares – PMNPC, o Brasil passou a possuir políticas públicas que amparam as práticas não convencionais em saúde, sendo baseadas nas diretrizes e recomendações formuladas em Conferências Nacionais de Saúde e nas orientações da OMS (BRASIL, 2005). A PMNPC reconhece a complexidade desses sistemas de cura, passando a identificar a importância e o reflexo das relações do ser humano, com a sociedade e com o meio ambiente para a promoção da saúde (Idem, 2005).

No ano seguinte o Ministério da Saúde aprovou a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares – PNPIC no SUS (Portaria 971 de 03/05/2006), que passou a atender à necessidade de se conhecer, apoiar, incorporar e implementar as experiências que já estavam sendo desenvolvidas na rede pública e que foram identificadas através do diagnóstico federal (BRASIL, 2006). Dois meses depois foi aprovado a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos no SUS (Decreto 5.813, de 22 de junho de 2006).

Os objetivos da PNPIC para o SUS consistem na:

(i) a prevenção de agravos e a promoção e recuperação da saúde, com ênfase na atenção básica, voltada para o cuidado continuado, humanizado e integral em saúde;



(ii) a contribuição ao aumento da resolubilidade e a ampliação do acesso, garantindo qualidade, eficácia, eficiência e segurança no uso; (iii) a promoção e racionalização das ações de saúde;

(iv) o estímulo das ações de controle/participação social, promovendo o envolvimento responsável e continuado dos usuários, gestores e trabalhadores da saúde (BRASIL, 2006).

A PNPIC consiste em práticas da Medicina Tradicional (MT) e Medicina Complementar Alternativa (MCA) (OMS, 2002), contemplando sistemas médicos complexos e recursos terapêuticos que envolvem uma abordagem que procura estimular:



[...] os mecanismos naturais de prevenção de agravos e recuperação da saúde por meio de tecnologias eficazes e seguras, com ênfase na escuta acolhedora, no desenvolvimento do vínculo terapêutico e na integração do ser humano com o meio ambiente e a sociedade. Outros pontos compartilhados pelas diversas abordagens abrangidas nesse campo são a visão ampliada do processo saúde-doença e a promoção global do cuidado humano, especialmente do autocuidado³³ (Brasil, 2006, p.10).

Procurando, desta forma, adotar um caráter mais holístico no atendimento institucional à saúde, buscando envolver fatores políticos, técnicos, econômicos, sociais e culturais através de práticas não convencionais para a promoção, manutenção e recuperação da saúde, oferecidas gratuitamente pelo SUS, com base na atenção humanizada e centrada na integralidade do indivíduo (Idem, 2006).

A definição de MT/MCA de acordo com a OMS compreende “práticas, enfoques, conhecimentos e crenças sanitárias diversas que incorporam medicinas baseadas em plantas, animais e ou minerais, terapias espirituais, técnicas manuais e exercícios” (OMS, 2002 *apud* TESSER; BARROS, 2008). A MT abrange uma diversidade de saberes relacionado ao contexto cultural e ao saber popular de populações nativas, enquanto que a MCA compreende uma visão mais holística sobre o processo de cuidado da saúde, não focando apenas na enfermidade (ANDRADE; COSTA, 2010). Entretanto, para Fontanella e colaboradores (2007) o limite entre a medicina convencional e a complementar não é claro, pois o significado do termo medicina convencional, é diferente de acordo com o contexto geográfico sendo alterado com o passar o tempo, se trata da adoção tradicional com o cuidado com a saúde, pois, a medicina oriental se caracteriza como a convencional no Oriente.

³³“As ações de autocuidado constituem a prática de atividades que os indivíduos desempenham de forma deliberada em seu próprio benefício com o propósito de manter a vida, a saúde e o bem-estar” (BUB et al, 2006, p.156).



A abertura de espaço para o exercício da MT/MCA na saúde possibilita a elaboração de novos paradigmas e relações entre profissionais e pacientes, buscando conceber de acordo com Tesser e Barros (2008) “um estilo de vida mais independente da sociedade de consumo, com base na consciência ecológica, na espiritualidade, na concepção de saúde holística e não dualista”.

A disseminação das Práticas Integrativas e Complementares através de clínicas particulares, ONGs, igrejas, movimentos sociais e agora instituições governamentais aumentaram a visibilidade deste fenômeno. A formulação desta política por meio do Ministério da Saúde evidencia a sua legitimação, estimulando a difusão da MT/MCA de forma a enriquecer o pluralismo médico fornecido pelo Estado, possibilitando o diálogo e agregando uma diversidade de saberes e racionalidade com base no conhecimento popular (ANDRADE; COSTA, 2010).

Dentre práticas reconhecidas pelo Ministério da Saúde, encontram-se a medicina tradicional chinesa-acupuntura, homeopatia, fitoterapia, medicina antroposófica, tai-chi chuan, yoga, danças circulares, massoterapia, reflexologia e entre outras práticas complementares de saúde.

As Práticas Integrativas e Complementares em João Pessoa



Este processo de reconhecimento da medicina tradicional e complementar alternativa pode ser claramente identificada como de cima para baixo, onde primeiramente ela surge no contexto internacional, por meio das recomendações e diretrizes da OMS, o que desencadeou uma série de eventos no Brasil como Conferências Nacionais; que resultaram na criação de políticas pelo âmbito federal através do Ministério da Saúde, como a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares e entre outras.

Na esfera municipal, João Pessoa é considerada uma referência nacional no campo das Práticas Integrativas e Complementares (PICs) por meio do atendimento na esfera pública, por contar com três Centros do SUS especializados nestas práticas, através de uma equipe multidisciplinar, o Núcleo de Práticas Integrativas e Complementares à Saúde, o Canto da Harmonia e o Equilíbrio do Ser. O processo de consolidação destes Centros se deu por meio de duas vertentes: pela da mobilização do

Sindicato dos Terapeutas da Paraíba (SINTE – PB), que durante a gestão do prefeito Luciano Agra, conseguiram a aprovação da Lei Municipal 1.655, em Janeiro de 2008. Esta lei normatiza as terapias naturais para o atendimento público, ou seja, através do SUS (DANTAS, 2014); e pela realização de uma parceria entre a Secretária Municipal de Saúde e Secretária Municipal do Meio Ambiente.

O processo de mobilização dos terapeutas teve início entre 2007 e 2008 quando a Secretária Municipal de Saúde (SMS) fomentou a formação de terapeutas comunitários em práticas da MT/MCA (LEITE; CARVALHO, 2013). Alcançados estes objetivos, este grupo diferenciado de profissionais foram inseridos na equipe do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) passando, então, a fortalecer estas práticas por meio do atendimento público. Outro ponto crucial no desenrolar das PICs, na esfera municipal, foi à criação do Grupo de Trabalho (GT) sobre as práticas integrativas e complementares:

[...] composto por apoiadores, trabalhadores de Unidade de Saúde da Família (USF) e técnicos da Secretaria de Saúde, com o objetivo de implementar as PICs na rede SUS. O GT PIC foi o responsável pela sensibilização dos trabalhadores, usuários e gestores da rede de saúde, conseguindo apoio e investimento para a implementação das PIC no município (Idem, p.345).

Ao adotar a permacultura como abordagem para educação ambiental em 2010, a Secretária Municipal do Meio Ambiente, ampliou os campos de atuação das técnicas permaculturais, quando em abril de 2011, em parceria com a SMS passou a incluir a pétala permacultural da Saúde e Bem-Estar culminando na criação do projeto Cinco Elementos no Núcleo de Práticas Integrativas e Complementares à Saúde (NUPICs), cujos objetivos consistiam formação e capacitação de profissionais de saúde para a realização de atendimentos à comunidade e servidores públicos municipais (DANTAS, 2014). Por meio de informações coletadas em campo, foi possível levantar como ocorreu o surgimento do NUPICs:

Esse Núcleo surgiu mais ou menos, após um curso de PDC dado aqui por Marcos Ninguém, Neimar Marcos, também conhecido. E dae as duas secretárias Lígia Tavares e Roseana Meira, até então secretárias de Meio Ambiente e Saúde, firmaram uma parceria e dae começou a nascer o Núcleo de Práticas aqui da Bica o Cinco Elementos (registro audiovisual, terapeuta Sergio Eduardo de Holanda coordenador do NUPICs).

A contrapartida de ambas as secretarias se deu através da concessão da estrutura física da CEPAM para a realização das atividades do projeto, além da capacitação e formação em educação ambiental dos técnicos de saúde pela SEMAM, enquanto que a

SMS ficou responsável pelo suporte técnico aos profissionais de saúde assim como pela compra de materiais a realização das terapias (Idem, 2014).

Assim, essas ações culminaram em avanços primordiais na área das PICs desencadeando a criação, em 14 de maio de 2012, do primeiro Centro de Práticas Integrativas e Complementares (Cpics) de Saúde no SUS, batizado de Canto da Harmonia localizado no bairro Valentina e três meses depois, o Cpics Equilíbrio do Ser localizado no bairro dos Bancários.

Das três experiências, o Equilíbrio do Ser é o maior e foi inaugurado pela Secretaria Municipal de Saúde no dia 31 de agosto de 2012 (PREFEITURA DE JOÃO PESSOA, 2014). Ofertando uma diversidade de terapias coletivas e individuais como o tai chi chuan, yoga, reflexologia, massoterapia, arteterapia, reiki, aromaterapia, acupuntura, auriculoacupuntura, biodança, terapia comunitária, massagem-ayurvédica, gestalt-terapia, quiropraxia, argiloterapia, atividades de permacultura, resgate da auto-estima e entre outros.

Portanto, considerando o processo histórico de desenvolvimento das PICs no âmbito institucional de atendimento da saúde pública, é possível constatar a relevância do poder público no intuito de fomentar ações no âmbito da sustentabilidade de maneira a abordar a saúde e a educação ambiental, com o intuito de promover a pluralidade de atendimento à saúde e estimulando práticas ambientais com base na diversidade de saberes; bem como, a importância da formação da sociedade civil e principalmente dos profissionais do setor público e de saúde em PICs e em permacultura, que ao se tornarem detentores desta nova forma de conhecimento, passaram a se mobilizar para o reconhecimento e disseminação destas práticas, segundo Capra (1993, p.104):

O amplo conceito de saúde necessário à nossa transformação cultural — um conceito que inclui dimensões individuais, sociais e ecológicas — exige uma visão sistêmica dos organismos vivos e, correspondentemente, uma visão sistêmica de saúde.

Entretanto, a falta de incentivo e continuidade das ações levantadas por esta pesquisa encontram-se em um período de baixa atividade e por vezes inatividade, devido à mudança de gestão municipal e consequentemente dos atores presentes nas secretarias que promoviam as parcerias e contrapartidas para o desenvolvimento de atividades e projetos baseados na sustentabilidade, em especial atividades permaculturais que continham uma ampla gama de intervenções.





A equipe de saúde no Cpics Equilíbrio do Ser

Para atender os objetivos da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares foram estabelecidas uma série de diretrizes, entre elas a disseminação de informação sobre as PICs e o *desenvolvimento de qualificação para profissionais*. Afinal, para que se estabeleça um caráter mais holístico no atendimento institucional à saúde é fundamental que os profissionais que realizam esta nova abordagem sejam qualificados diante de uma visão mais holística da saúde e de seu papel no fenômeno de cura, pois, “os aspectos essenciais da assistência contemporânea à saúde são determinados pela natureza da educação médica”, assim, “qualquer tentativa de mudar o sistema atual de assistência à saúde terá de começar, portanto, pela mudança no ensino da medicina” (CAPRA, 1993, p.139).

Ainda de acordo com este autor, uma das maiores deficiências da abordagem biomédica cartesiana é que:

Ao concentrar-se em partes cada vez menores do corpo, a medicina moderna perde freqüentemente de vista o paciente como ser humano, e, ao reduzir a saúde a um funcionamento mecânico, não pode mais ocupar-se com o fenômeno da cura (1993, p.104).

Levando isso em consideração para que seja efetivado as propostas das PICs um novo perfil de profissional passa a ser demandado para compor a equipe de saúde das primeiras experiências implementadas a nível nacional enquanto espaços especializados nas PICs. O Nupics assim como os dois Cpics de João Pessoa, são compostos de uma equipe multidisciplinar da área da saúde, responsável pelo atendimento terapêutico. No caso do Equilíbrio do Ser³⁴, o Centro também conta com uma equipe responsável pelos serviços gerais como a recepção, auxiliar de limpeza, motoristas e vigilantes.

Apesar de algumas das práticas da MT e MCA serem abordadas na grade curricular dos cursos acadêmicos de saúde, a formação destes profissionais se dá através de especializações e/ou cursos no âmbito privado, o que consiste em investimentos em suas carreiras pessoais o que pôde ser constatado através dos entrevistados.

E de mão de obra, existe uma dificuldade de encontrar esses profissionais?

³⁴A composição da equipe profissional do Nupics e Cpics Canto da Harmonia não foram levantados por não comporem o campo de pesquisa deste estudo.



AAh, são raridades, por isso que assim, além da gente analisar currículo, ter todo aquele cuidado, são todos profissionais de nível superior, são da área de saúde e tem formação nessa área, então são pessoas, que a gente já vê a partir da que eles vêm o tratamento de uma outra forma, tanto que quando a gente recebe tantos alunos aqui de universidade e a gente diz pra eles, “olhe, é mais uma ferramenta que o profissional de saúde tem pra poder cuidar, e muito mais leve e natural, menos agressivo ao usuário”, e mesmo assim, ele tendo toda a formação acadêmica, ele tem esse outro olhar que ele junta as duas, os dois conhecimentos pra poder atuar, o que que faz você passar cinco anos em uma universidade e mais dois anos em uma formação de acupuntura, e a formação é contínua, então eles fazem dois anos, mas eles ficam sempre em formação (transcrição da entrevista com a Coordenação gestão de 2015).

Os profissionais que passam a compor a equipe de saúde do Cpics permanecem em constante formação nas PICs, tanto os terapeutas, quanto a equipe de apoio (serviços gerais). Levando isso em consideração, o sucesso desta Política Pública depende de um novo perfil profissional de assistência em saúde com o intuito de promover uma abordagem mais humanizada se preocupando com o fenômeno de cura, através da promoção do autocuidado em contrapartida ao modelo biomédico que geralmente adota uma postura agressiva da assistência médica que, para Capra (1993, p.127), é frequentemente tão:

[...] extrema que as metáforas usadas para descrever doença e terapia são extraídas da linguagem bélica. Por exemplo, diz-se que um tumor maligno "invade" o corpo, a terapia de radiação "bombardeia" os tecidos para "matar" as células cancerígenas, sendo a quimioterapia frequentemente comparada a uma guerra química.

Apesar desta contradição, é interessante ressaltar que durante o atendimento da escuta, os usuários que já se encontram em algum tratamento médico, incluindo o uso de medicamentos, são aconselhados a darem continuidade as recomendações médicas e assumirem as terapias oferecidas pelo Cpics como práticas complementares, como forma de auxiliar o seu processo de cura.

O Capital Social da equipe de saúde do Cpics Equilíbrio do Ser

O surgimento de Políticas Públicas promotoras da cidadania e da participação social inspiradas na Constituição Federal de 1988 são meios para abrir espaço para o resgate da noção de Capital Social através de iniciativas de políticas que incentivam a aproximação entre o Estado e a Sociedade, o pertencimento social, a solidariedade e a confiança entre os representantes da ação governamental e a população em geral. O conceito de Capital Social é amplo, não havendo um consenso sobre sua definição, mas



pode ser relacionado com a capacidade de coesão social, estabelecida por meio de relações de confiança que gerem cooperação entre os indivíduos em prol de um interesse coletivo.

A cooperação social gerada através do Capital Social é objeto de diversas áreas de estudos como, por exemplo, a Economia por meio da redução de custos de transações e contratos por conta de elos de confiança que dispensam tramites burocráticos; da Administração Pública, por ser um fator que pode melhorar ou piorar a eficiência de organizações governamentais e não-governamentais por meio das redes colaborativas; e até da Biologia com a discussão sobre comportamento geneticamente determinados procurando abordar o egoísmo, altruísmo e cooperação (SANTOS, 2003). O Capital Social pode, portanto, ser associado a todas as áreas da vida humana: a educação, o desenvolvimento, o policiamento, a produção, a pesquisa, etc.

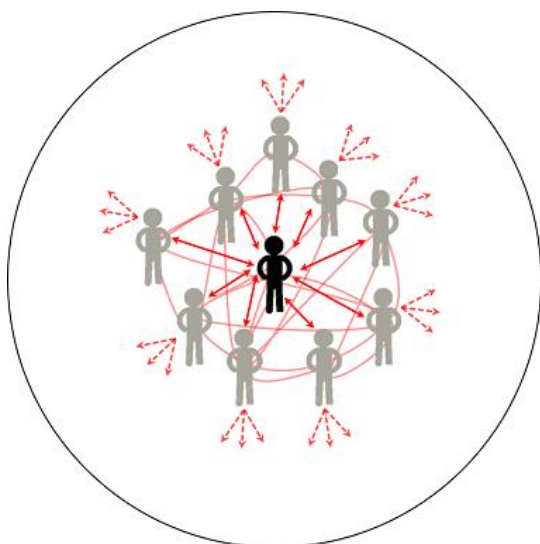


Levando isso em consideração, devido a este caráter multidisciplinar, existe uma dificuldade empírica em relação à temática do Capital Social, pois não há um consenso epistemológico e metodológico legitimado (KLIKSBERG, 2001). Sendo assim, estas teorias passam a ser abordadas em diversos

âmbitos nas pesquisas sobre as formas de capitais e possuindo implicações em estudos sobre a educação escolar (BOURDIEU, 1979; COLEMAN, 1988; ALENCAR, 2010), desempenho empresarial (ALBAGLI; MACIEL, 2002) democracia e governabilidade, superação da pobreza (ARRIAGADA; 2006) e conseqüentemente com relação aos impactos sobre o desenvolvimento socioeconômico - considerando que, no caso do Capital Social, pode ter efeitos positivos e/ou negativos, afinal as pessoas podem cooperar entre si em benefício da sociedade, ou apenas de um determinado grupo, que pode até mesmo prejudicar um todo maior (PUTNAM, 1993; KLIKSBERG, 2001).

Existem inúmeras definições e correntes teóricas em relação ao termo Capital Social, entre os principais autores se encontram Bourdieu com a teoria da ação social, Coleman com o contexto social da educação e Putnam com seu trabalho com foco na comunidade cívica (SANTOS, 2003). A principal diferença entre estes autores é de que

para Bourdieu o Capital Social é uma característica do indivíduo, enquanto que para Coleman este se trata de um “conjunto de elementos numa estrutura social, que possibilita os atores satisfazerem suas necessidades sociais”, ou seja, o Capital Social resulta dos fatores socioestruturais (BASTOS; SANTOS; TOVO, 2009, p.182), enquanto que para Putnam em seu trabalho sobre o desenvolvimento da Itália do Sul e do Norte, o Capital Social é o resultado das organizações sociais/comunidade cívica, o que indica um determinismo cultural, entretanto, em um trabalho posterior Putnam reconheceu as Políticas Públicas como fonte de mudanças passíveis de fortalecerem esse tipo de capital (SANTOS, 2003). Entretanto, não é o propósito deste estudo discorrer sobre as diferentes correntes e definições que tratam do Capital Social, que foram elucidadas por diversos autores (ABU-EL-HAJ, 1999, D’ARAUJO, 2003; MILANI, 2003).



Considerado este contexto, apesar do conceito de Capital Social ser amplo e não haver um consenso sobre sua definição, ele pode ser relacionado com a capacidade de coesão social, estabelecida por meio de relações de confiança que gerem cooperação entre os indivíduos em prol de um interesse coletivo. Este termo foi amplamente difundido por autores como Bourdieu (1986), Coleman (1988) e Putnam (1996).

De acordo com Arco (2012, p.5) níveis elevados de Capital Social estão relacionados a um bom estado da saúde pública por:

[...] melhorar a saúde individual, nomeadamente através da promoção de hábitos de comportamento saudáveis, aumentando o acesso aos serviços locais de saúde e fomentando o desenvolvimento de processos psicossociais, como o acesso ao apoio psicológico, elementos que realçam os benefícios que advêm para as políticas de promoção de saúde da implementação de intervenções sustentadas que fomentem na comunidade a confiança social.

Assim, o que é relevante para esta pesquisa é delimitar que o Capital Social diz respeito “a coordenação dos problemas da ação coletiva” (SANTOS, 2003, p.78), podendo ser estimulado e/ou criado por meio de instituições ou através de Políticas Públicas, dependendo dos diversos elementos estruturais e cognitivos, intrínsecos e extrínsecos dos indivíduos, ou seja, diz respeito às relações sociais e a maneira com que

elas contribuem ou prejudicam a ação coletiva (LOCHNER, KAWACHI, KENNEDY; 1999).

De acordo com a sistematização de alguns pesquisadores o Capital Social pode ser subdividido através de duas formas: o estrutural, referente às estruturas sociais que conectam os membros da sociedade e os cognitivos relacionados a valores, normas, confiança, cooperação, reciprocidade, etc. (SANTOS, 2003; MCKENZI; HARPHAM, 2006).

Levando isso em consideração, devido a PNPICs se basear em uma visão holística de saúde, por meio de abordagens mais humanizadas para a prevenção de doença, promoção e recuperação de saúde com base no autocuidado, é fundamental que as relações interpessoais entre a equipe de saúde sejam positivas de modo a atender os propósitos desta Política Pública. Um dos fatores para que isto ocorra pode ser atribuída à coordenação do Cpics que pode estimular boas relações interpessoais, ou seja, é preciso considerar a influencia do ambiente de trabalho do Cpics Equilíbrio do Ser sobre as relações interpessoais.

Desta forma, um dos objetivos deste estudo foi de avaliar o Capital Social dos agentes de saúde promovidos pelas práticas holísticas, por meio da aplicação de questionários, entrevistas semi estruturadas e da observação direta da equipe de saúde para avaliar a presença positiva ou negativa do Capital Social entre os funcionários do Equilíbrio do Ser (LOCHNER, KAWACHI, KENNEDY; 1999), de modo a compreender o sentido e as motivações dos agentes envolvidos na construção e desenvolvimento do Cpics – que atribuíram as suas ações quando decidiram encampar esta iniciativa de perfil inovador e avaliar em que medida a iniciativa e as atividades do Centro promovem o Capital Social dos agentes envolvidos em relação às práticas de saúde.

Dos 39 funcionários do Cpics Equilíbrio do Ser identificados pela coordenação, 25 responderam ao questionário. Considerando, o contingente de funcionários a maioria dos participantes da pesquisa acompanham o desenvolvimento do Centro desde a sua inauguração, com um tempo de serviço de em média dois anos a três anos. Em relação à função desempenhada, foram entrevistados catorze terapeutas, seis pessoas do setor administrativo e outras seis prestadores de





outros tipos de serviços, como recepção e serviços gerais (auxiliares de limpeza, vigilantes e motoristas). É interessante frisar que durante o período desta pesquisa o setor administrativo acarretava uma dupla função, pois também era ocupada pelos terapeutas, assim, a administração também prestava atendimento especializado nas PICs, o que indica uma aproximação com as necessidades do serviço, o que pôde ser averiguado pelo grau de participação e confiança elevado na Coordenação do Centro por meio da análise de dados desta pesquisa.

Para observar a relação do Capital Social estrutural relacionado com a existência do Cpics Equilíbrio do Ser, o *survey* atentou-se para descobrir se a inauguração do Centro levou o estímulo a participação dos funcionários em grupos e organizações. Metade dos entrevistados afirmaram ter passado a participar de mais grupos/organizações em relação há dois anos, enquanto que os demais afirmaram ter mantido (oito pessoas), reduzido (uma pessoa) seu nível de participação ou não souberam dizer se houve diferença em relação ao período solicitado (quatro).

De acordo com Grootaert e colaboradores(2003) a participação conjunta de um grupo em atividades similares, proporciona uma maior interação pessoal. Dezoito dos participantes da pesquisa afirmaram haver a presença de outras pessoas do Cpics nos grupos em que fazem parte, já o restante não, o que pode possibilitar uma maior interação das pessoas em prol de objetivos comuns.

A oferta de cursos formativos nas PICs aberta tanto para os funcionários quanto para usuários possibilitaram uma maior interação entre a equipe de trabalho assim como entre o público atendido no Cpics. Essas formações incluem a participação tanto dos terapeutas como dos demais setores de prestação de serviço, de modo a promover um entendimento compartilhado e uma maior qualificação sobre as PICs. A colaboração e interação entre os diferentes cargos do Centro foram constatados no cotidiano através do constante diálogo entre os funcionários nos diferentes espaços do Cpics; no auxílio nas terapias³⁵ e na dedicação na preparação dos espaços terapêuticos³⁶.

A inserção de uma rede de saúde alternativa no SUS, também é um dos fatores que fortalece as relações interpessoais especialmente devido à troca de informações sobre as PICs e entre outras questões relacionadas à saúde pública. Ou seja, a inserção das pessoas em redes de relações gera reciprocidade que pode acarretar em ganhos

³⁵Durante as atividades de permacultura frequentemente a equipe responsável pelos serviços gerais contribuía voluntariamente com a rega, poda e plantio das plantas do espaço.

³⁶Geralmente as salas onde ocorrem as terapias passam por um processo de purificação, através da limpeza constante (informação adquirida durante a prática terapêutica da meditação).



como, por exemplo, a troca de informações, o que pôde ser averiguado por meio dos questionários (PUTNAM, 2000). A implementação dos Cpics aumentaram a demanda por informações relacionadas às Práticas Integrativas e Complementares, mas também possibilitaram a criação de uma rede especializada que fomenta a busca de conhecimento em torno destas práticas o que acarreta a melhora ao acesso a informação sobre as PICs, o que foi constatado por meio dos entrevistados.

Assim sendo, a inserção em Grupos e organizações constitui um importante aspecto do Capital Social, pois estimula a participação social possibilitando a troca de informação, aprendizado e entre outros benefícios que fomentam discussões sobre os dilemas da vida social de maneira a sobrepor os interesses coletivos sobre os individuais. Além disso, fortalece o sentimento de coletividade de modo a estimular a



confiança ampliando a rede de assistência de social, ou seja, “a confiança estimulada entre os indivíduos produzem cooperação, e a cooperação produz mais confiança criando um círculo virtuoso

de relações interpessoais e recíprocas” (SILVA FILHO; LIMA; FORTE, 2008, p.1).

Deste modo, o aumento da inserção em grupos e organizações, por parte dos funcionários do Centro, assim como a participação em grupos em comum, possibilita um maior entrosamento e fortalecimento de suas relações, o que pode ser refletido na efetividade do Cpics enquanto uma política pública, que busca promover a recuperação da doença, prevenção e promoção da saúde através do autocuidado com o corpo, a mente e o espírito.

Ao ser analisado as percepções em torno do sentimento de unidade social e níveis de interação social, assim como a presença de conflito por conta de diferenças individuais que podem levar a falta de confiança (GROOTAERT, et al. 2003), não foram constatadas por meio das entrevistas a presença de alguma divisão (religiosa, gênero, renda, origem étnica, etc.) que pudesse levar a exclusão dos indivíduos que trabalham do Cpics, apesar de ter sido claro as diferenças sobre o grau de envolvimento e tomada de decisões entre os cargos administrativos e terapeutas em relação às demais funções. Além disso, apesar da maioria dos entrevistados terem informado que



raramente possuem problemas por conta de diferenças pessoais, foi possível constatar a presença de diferenças de educação, crenças, política, entre gerações e questões culturais referentes a diferentes estilos de vida, através dos questionários.

Segundo o depoimento de um dos entrevistados, o incentivo a formação contínua da equipe de saúde/serviços gerais é trabalhada através do olhar sobre si mesmo e por meio de suas relações com a equipe do Centro:

Então a gente sempre cuida da equipe, pra que eles tenham esse olhar, além do burocrático, mas você sabe que muitas vezes isso é da pessoa, por isso, que tem também a política aqui de "não tá bem?" Se insere em alguma terapia. Veio de outro serviço; entrou na casa pela primeira vez, é terapeuta, então, pelo menos, uma semana ele fica como, fazendo observação, ou então faltou um usuário, ele é acolhido faz uma sessão de acupuntura, de massagem, pra ele entrar no clima, do que é o Equilíbrio do Ser, pra ele poder compreender também. E com os nossos outros funcionários a gente sempre cuida disso, por que tem que prezar, a gente sabe que existe aquele conflito... nos corredores a falar um do outro, tenta sempre promove uma cultura de paz e dissemina isso entre eles (transcrição da entrevista com a Coordenação gestão de 2015).

Diante do exposto, é interessante frisar que a constante formação da equipe é tão importante quanto à cooperação entre os profissionais para a oferta de um serviço de qualidade, afinal a educação biomédica geralmente é pautada na competição, que de acordo com Capra (1993, p.127) promove:

[...] atitudes e padrões de comportamento de um sistema de valores que desempenha um importante papel na causa de muitas das enfermidades que a medicina pretende curar, pois, a maioria dos médicos adota atitudes não-saudáveis logo no início do curso de medicina, onde seu treinamento foi planejado para ser uma experiência extremamente estressante e competitiva. Assim, o mórbido sistema de valores que domina nossa sociedade encontrou algumas de suas expressões extremas na educação médica.

O papel da coordenação no intuito de lidar com as diferenças pessoais e profissionais é primordial para manter um sentimento colaborativo e harmonioso do Cpics. Segundo depoimento de campo, as propostas e discussões para melhoria do serviço ocorrem durante uma reunião semanal da equipe, além de mensalmente haver o encontro da rede com o propósito de atender as diretrizes e objetivos da PNPIC.

A gente tem uma reunião de equipe que se faz toda sexta feira pela manhã, então o Centro fecha então todos os terapeutas, já tá dentro da carga horária deles, os profissionais que trabalham aqui na recepção, no administrativo no período da manhã eles fazem parte dessa reunião, participam, e lá a gente tem todo um cronograma de reuniões. Então tem hora que a gente separa a parte administrativa e recepção de terapeuta, e os terapeutas vão estudar, vão fazer um estudo de caso de algum paciente, que eles precisam dar outro tipo de encaminhamento a aquela pessoa, uma parte mais específica. E a parte de recepção a gente tá reciclando esse pessoal, trocando as pessoas de lugar pra ver se... Às vezes há um conflito, a gente tenta dissipar isso aí e conversar com ele, então a gente vai muito por dialogo, algumas decisões a gente tem que tomar aqui e levar pra eles, o queque foi que aconteceu; o que que a

gente ta fazendo. Outras a gente leva em grupo, e eles vão dando as opiniões né e vai construindo, sempre teve essa orientação (transcrição da entrevista com a Coordenação gestão de 2015).

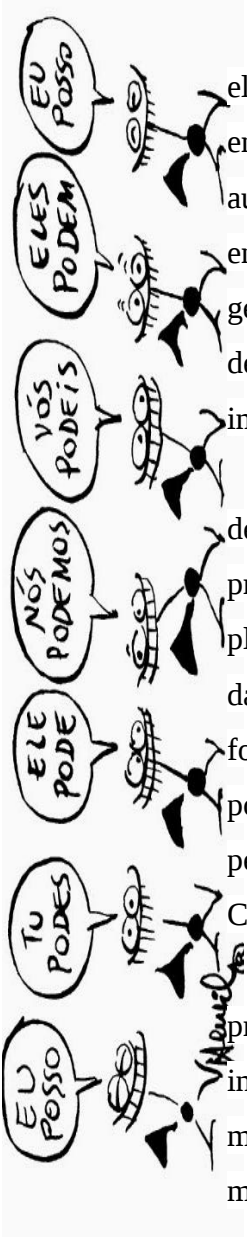
A “habilidade para tomar decisões que afetam as atividades cotidianas” pode mudar a maneira com que as PICs são conduzidas através dos Centros especializados (GROOTAERT, et al 2003, p.21). A formação contínua, que demonstrou ser recorrente entre os funcionários do Equilíbrio do Ser, constitui um dos fatores essenciais para o desenvolvimento positivo após a recente implementação das PICs no município de João Pessoa de modo a promover uma melhor qualidade dos serviços oferecidos por meio do SUS.

Entre os entrevistados foi possível levantar a percepção de existir um controle elevado sobre a tomada de decisões de suas atividades diárias, o que reflete o empoderamento pessoal. O empoderamento pode desenvolver características como autoestima e liderança, o que também pode ser associado com o alto grau de envolvimento por meio de uma participação muito ativa nos grupos e organizações. Em geral dezenove pessoas responderam achar ter um grande impacto em fazer o seu local de trabalho um lugar melhor, enquanto quatro acharam que possuem um pequeno impacto e três acreditam não ter nenhum impacto.

A implementação de um serviço especializado em PICs, de atendimento público de saúde trás uma nova perspectiva em relação à recuperação de doenças, prevenção e promoção da saúde. Ela abrange um atendimento diferenciado promovendo a pluralidade de saberes ao atendimento básico a saúde ao utilizar de métodos advindos da MT e MCA, que procuram trabalhar o ser humano de maneira mais holística e de forma integral, enquanto ser vivo dotado de corpo, mente e espírito. Em relação à ação política, foi levantada a percepção sobre o atendimento das demandas manifestadas pelos servidores ao governo local e líderes locais na tomada de decisões que afetam o Cpics e em geral o resultado apontou para um nível intermediário de satisfação.

Também foi possível levantar que a existência do Centro especializado em PICs promove a formação continuada e o agregamento de pessoas que possuem como interesse comum o conhecimento em torno práticas medicinais diferenciadas da medicina convencional que muitas vezes se baseiam em medidas pontuais e na medicalização agressiva.

Segundo entrevistas em campo, o Cpics atrai um perfil específico de profissionais, que possuem interesses em torno das PICs, portanto, mesmo com a baixa



atratividade salarial averiguado por meio do grau de satisfação salarial, muitos dos entrevistados não possuem interesse por outro local de atuação o que também o que corrobora com o baixo grau de rotatividade dos profissionais já que a maior parte são funcionários do Cpics desde sua inauguração.

E o salário deles é de acordo com o PIS salarial?

Sim, o PIS do município de especialista, mas, é uma raridade, porque eles tem que ter esse perfil, e essa formação e a entrevista, e é raro a gente encontrar essas figuras, muito difícil, e a carga horária de trabalho ela é elevada né, 40h semanais, mais dependendo da categoria, tipo quem é fisioterapeuta aí são só trinta horas, psicólogo 30h, assistente social são 30h mas os outros todos são 40h (transcrição da entrevista com a Coordenação gestão de 2015).

Ainda assim, é preciso considerar que uma parcela pequena de pessoas afirmou que devido à insatisfação salarial pretendem conseguir um emprego que pague melhor. Levando em consideração todo o contexto apresentado, o papel dos agentes governamentais influenciam diretamente a cooperação da sociedade civil, de modo a melhorar ou piorar o desempenho de ações coordenadas em Políticas Públicas.

Além disso, o nível de confiabilidade entre os indivíduos que utilizam os serviços também é um fator relevante que não foi foco desta pesquisa, sendo necessário, portanto, novos estudos que contemplem as relações entre a equipe de saúde e de apoio das PICs com os usuários do serviço, em especial a relação terapeuta-paciente. Pois, se por um lado existe o papel do Estado enquanto promotor de mecanismos que venham a fortalecer o Capital Social institucional, por outro lado existe a comunidade, que também precisa ser empoderada de seus direitos e deveres, pressionando o governo para que assuma o compromisso de manter a qualidade do serviço público.

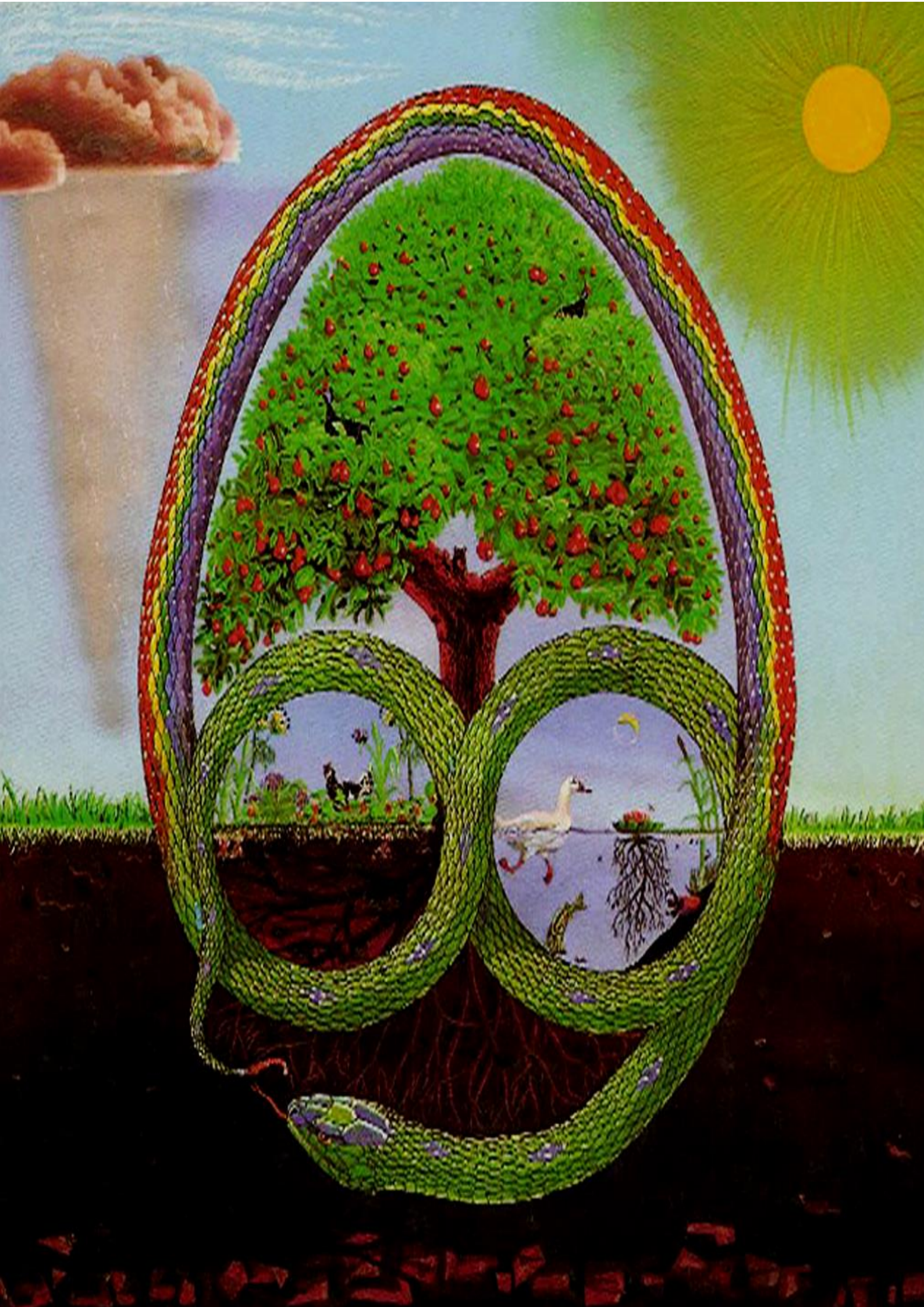
Assim, é possível concluir através deste estudo que a eficácia destes tratamentos conta com a elevada dedicação dos funcionários que compõem este quadro inovador, pois, é essencial que esta rede de profissionais conte com um Capital Social elevado de modo a colaborarem para o sucesso da implementação das PICs por meio do atendimento à saúde pública. Afinal, o Capital Social é um recurso que pode ser utilizado como estratégia para a promoção de saúde (SAPAG; KAWACHI, 2007). Dessa forma, um Capital Social fraco em um determinado grupo, está relacionado com um pior estado da saúde, sendo importante:

[...] reconocer y favorecer los elementos del Capital Social presentes en una comunidad resulta fundamental para potenciar La participación activa de sus integrantes en el camino de promoción de salud. Entendiendo empoderamiento como el “proceso de acción social que promueve la participación de la gente, organizaciones y comunidades hacia los objetivos

de lograr um mayor control individual y comunitario, eficacia política, melhoria em la calidad de vida comunitaria y justicia social”, es fácil comprender la importancia que los factores colectivos de confianza, reciprocidad y colaboración significan em su consecución. (Sapag, Kawachi p.145).

Por fim, buscar estratégias que promovam o fortalecimento do Capital Social, incorporando variáveis sociais que afetam a saúde pública, é uma maneira de potencializar a promoção da saúde.



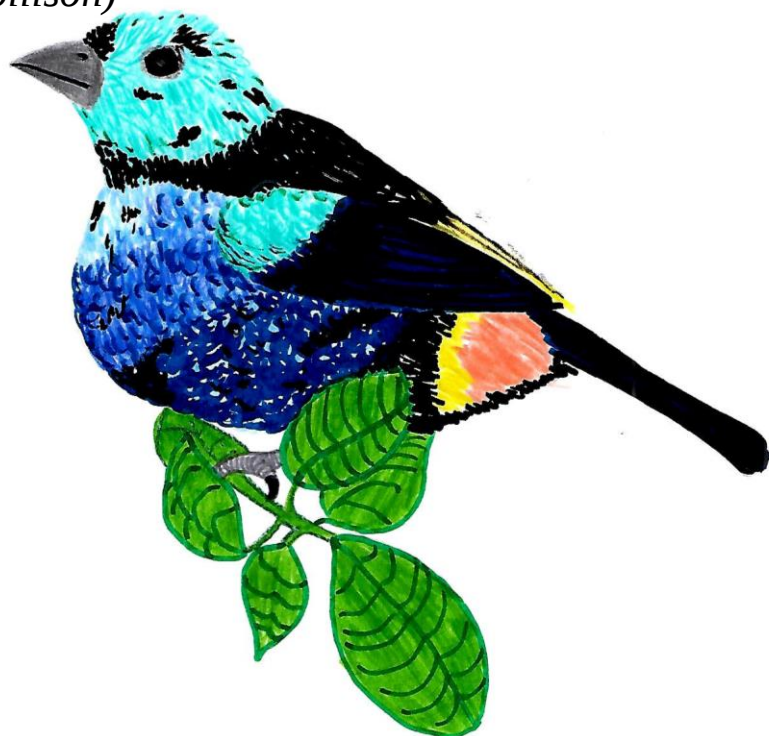




Ouroboros da Permacultura

O Formato Oval

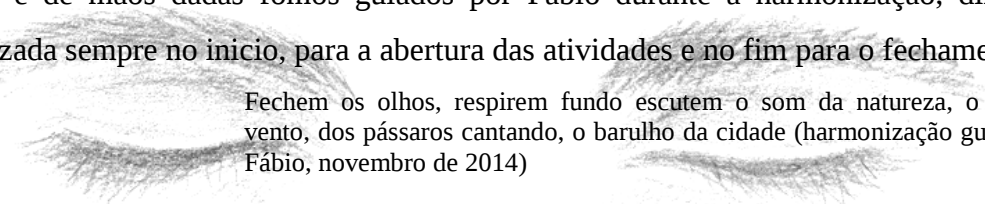
Do Símbolo Da Permacultura, Representa O Ovo Da Vida; Aquela Quantidade De Vida Que Não Pode Ser Criada Ou Destruída, Mais Que É Expressada E Emana De Todas As Coisas Vivas. Dentro Do Ovo Está Enrolada A Serpente Do Arco-Íris, A Formadora Da Terra Dos Povos Aborígenes. No Centro Está A Árvore Da Vida, A Qual Expressa Os Padrões Gerais Das Formas De Vida. Suas Raízes Estão Na Terra E Sua Copa Na Chuva, Na Luz Do Sol E No Vento. O Símbolo Inteiro E O Ciclo Que Representa, É Dedicado À Complexidade Da Vida No Planeta Terra.” (Extraído De “Introdução A Permacultura” De Bill Mollison)



AS ATIVIDADES PERMACULTURAIS NO CPICS EQUILÍBRIO DO SER

A permacultura, em especial no cenário urbano, é bastante recente no contexto brasileiro. Inserido neste contexto, relatamos aqui as vivências e experiências adquiridas neste período de um ano e alguns meses, desde novembro de 2014 a março de 2015, acompanhando as atividades de permacultura no Centro de Práticas Integrativas e Complementares do Equilíbrio do Ser, SUS de João Pessoa.

Meu primeiro contato com o espaço ocorreu através de um convite estendido por meio de uma colega do PRODEMA. Em nossa visita fomos recebidos por Fábio, um dos facilitadores e pelos demais usuários que estavam participando das atividades. Como chegamos um pouco atrasados, os trabalhos do dia já estavam em andamento. O serviço era retirar uma parcela da terra da horta mandala principal para adicionar adubo. O processo demandava paciência e persistência, o tempo passou rápido e logo chegou hora da chamada para a formação do círculo final e assim se fecharam os trabalhos, em roda e de mãos dadas fomos guiados por Fábio durante a harmonização, dinâmica realizada sempre no início, para a abertura das atividades e no fim para o fechamento.



Fechem os olhos, respirem fundo escutem o som da natureza, o som do vento, dos pássaros cantando, o barulho da cidade (harmonização guiada por Fábio, novembro de 2014)

Em silêncio ouvimos os sons do espaço que nos rodeia, por algum tempo só escutamos, então Fábio pediu que agradecêssemos por mais um dia de trabalho, as mãos se apertaram e levemente se chacoalharam, o que era sinal para despertarmos. Chico Douglas o outro terapeuta que facilita a atividade chega para compor a roda, todos se apresentam e ele e Fábio explicam a história e a proposta do espaço. Logo construímos e estabeleci um diálogo, diante do meu interesse pessoal na permacultura e em terapias não convencionais e desde então passei a participar das atividades, procurando compreender seu aspecto terapêutico e a institucionalização destas práticas por uma unidade pública de saúde.

A estrutura do Cpics Equilíbrio do Ser enquanto prestador de serviço do SUS é diferenciado. A entrada principal possui um grande quadro de estilo esotérico em sua fachada, incluindo diversas outras obras em forma de mandalas em areia, pedras e sementes do artista Aldemir Oliveira. A recepção se localiza logo na porta de entrada, as recepcionistas repassam os direcionamentos e informações para utilização do serviço para usuários do SUS. Os bancos da sala de espera dão vista para uma pequena área

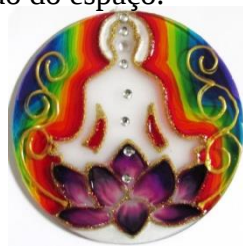


verde. A decoração do espaço possui alguns adereços e quadros típicos de espaços terapêuticos. Ao lado do balcão da recepção se encontram os informes sobre cursos, palestras e workshops desenvolvidos pelo espaço. Já o painel ao lado dos sanitários possui diversas divulgações de atividades e serviços terapêuticos oferecidos por terceiros e em outras dependências. Apresentada a documentação necessária o primeiro atendimento ocorre através do acolhimento pela *escuta* com as psicólogas do Cpics podendo ser realizado de maneira individual ou coletiva.

A prática da permacultura é uma atividade aberta, sem limite de participantes e não exige a obrigatoriedade do encaminhamento pelo acolhimento da escuta. Assim, a atividade atende tanto voluntários esporádicos, usuários encaminhados pelas psicólogas ou por outras terapias do Cpics. Durante entrevista com uma das psicólogas da escuta, questionei sobre o perfil de usuário que ela costuma indicar para esta atividade.

Ah eu indico vários, quando eu acolho o usuário, eu primeiro escuto, por que não é por que eu acredito e por que eu sou assim, que eu tenho que impor ou passar de alguma forma pra todo mundo. Primeiro eu escuto a história deles e vejo assim, através do que eu escutei, da sua história, do que ele me trás, por onde eu vou começar o plano terapêutico dele. Muitas vezes, eu acho que tem tudo a ver com aquela pessoa, mas ele ainda não descobriu, então assim, às vezes, eu vou por um outro caminho pra depois eu chegar, e outras pessoas é mais fácil, ela já tá bem aflorada, já coloco e já encaminho [...] ele primeiro tem que ter essa disponibilidade, vamos dizer assim, estar aberto, disponível, pra ter o contato com a terra, com aprendizado com a terra, dos alimentos, da natureza de como aquilo vai ser bom pra ele até em termos de energia terapia, quando você mexe com a terra, com a água e os alimentos, que você aprende que pode estar fazendo em casa, como um chá... se ele tem essa disponibilidade ou se eu consigo estabelecer um diálogo que eu percebo que ele fica atento, eu encaminho, não precisa ser um perfil [...] ele pode ser pessoas que tem dificuldades emocionais, eu já indiquei muitas pessoas que estão mais ou menos instáveis que são usuárias do CAPES, eu indico pessoas que estão muito ociosas em casa, vendo só televisão acumulando energia e sem ter onde extravasar [...] por que eu acho que computador e televisão fica emanando uma energia que a pessoa fica cheia de energia estática, eu acho que precisa liberar, aí eu faço a sugestão se ele recebe e acolhe eu encaminho e eu faço os três, eu faço a permacultura, coloco na alimentação saudável e falo da feira.

Realizado sempre as terças e quintas das 15h às 17h as atividades da permacultura ocorrem aos fundos do Equilíbrio do Ser, em uma área de aproximadamente 1200m². Durante o período que acompanhei esta prática, desde novembro de 2014 a agosto de 2015, a permacultura era constituída de participantes com uma frequência mais esporádica ou que compareciam uma ou outra vez e já não retornavam e de participantes contínuos, como o seu Zé (que faltou apenas uma vez nesse período de um ano) Rita, Maria de Lourdes, Fátima e entre outros dos quais, alguns participam desde a inauguração do espaço.





[...] existe um núcleo de pessoas mais compromissadas, com o trabalho né que já assim compreenderam o trabalho se identificam e vem construindo, estão firmes, e a gente sabe que pode contar com elas mais fortemente e existem pessoas que são flutuantes, e ae nessa... por n motivos, ou por falta de identificação, ou alguns parceiros mesmo mais jovens da universidade que vem se identificam, mas que pela demanda do seu dia a dia, não podem estar sempre presentes e como pessoas que são usuários da casa, ou foram usuários da casa, mas que se identificam e tão sempre ,assim, volta e meia aparecem, com sua contribuição, então a gente identifica dois públicos distintos, dois públicos bem característicos aqui do nosso trabalho, é esse que ta mais fixo e esse que flutua. (transcrição da entrevista com Chico Douglas)

O número de pessoas que participa das atividades varia entre cinco a vinte dependendo do dia, geralmente próximo de feriados ou em dias chuvosos há um número reduzido de pessoas, a idade dos participantes é entre a faixa etária de 20 a 60 anos, entretanto, a parcela de indivíduos mais constante é de 45 a 60 anos, sendo pessoas que já tiveram ou ainda mantêm contato com práticas de jardinagem além do Centro, por conta da familiaridade com a vida do campo presente durante a infância ou juventude³⁷, o que pôde ser constatado durante as entrevistas com os usuários.



Eu tenho um filho que tem problema de saúde, ele tem esquizofrenia *paranoidia*, e eu procurei uma rede que tinha as terapias numa rede de mangabeira no CAPES e lá ele não se integrou de jeito nenhum e lá só recebe o remédio se é atendido pelo médico, se participar das terapias [...]e ele se deu aqui (na arterapia) é o único lugar que ele vem satisfeito, a gente vai sair de casa “vamo? Tem uma festa, tem uma missa” o que tive pra ele não serve, mas aqui ele gosta, graças a deus saiu [...]ae eu ficava aqui sem fazer nada esperando ele . Ae eu fui lá na horta conheci ali e o menino (Fábio) perguntô “Quer ficar aqui?”. Eu sou do sertão, toda a vida eu trabalhei na roça e trabalha com mato é comigo mesmo, ae eu disse “Oxente, aqui eu me encaixo muito bem, eu não tenho que fazê mesmo”, pra ficar a tarde todinha aqui esperando ele, passei umas três semanas ae sem faze nada, ae eu não conhecia a horta ali, ae eu conheci, o menino se integrou, ae eu fiquei lá (transcrição da entrevista com Almirvan, 53 anos).

Almirvan, já participa das atividades há um ano, um senhor incrivelmente disposto com a enxada na mão, algumas vezes é seu filho que precisa aguardar ele sair da permacultura para irem embora.



Oxe, eu gosto demais disso ae, eu fui criado no sertão, fui criado no mato” quando eu to lá eu me perco, ae pronto! Fui criado lá, fiquei toda a vida lá, ae eu acho bom sabe, eu não tinha o que faze, ficava sem faze nada, oxe eu não gosto de ficar sem faze nada não, eu trabalhei hoje de manhã, ae eu venho, sem fazer nada não é comigo (Idem).

Fátima, professora aposentada de 60 anos, é uma das pessoas que frequentemente está presente e que estendeu a experiência para o seu quintal conta que começou um jardim por conta das práticas de permacultura.

³⁷ Chen e Janke (2012) relatam que atividades de jardinagem são mais comuns entre pessoas idosas, pois, boa parte já conviveu com a vida no campo, ou, com um jardim.

Estou
de Volta!!

Após um ano, foi possível observar e interagir com o contexto que compõem a permacultura do Cpics, assim, as pessoas que optei entrevistar já possuíam um grau de confiança e aproximação gerados pela convivência e interação ao longo dos dias de trabalho coletivo. Foi possível observar a frequência e a disposição das pessoas que se envolviam com o espaço, muitos participam pela afinidade com Chico e Fábio, carinhosamente chamando-os de *meninos*, a disposição em trabalhar com a terra e de socializar com o grupo também foram constatadas como motivações relevantes.

Foi possível observar que durante o período em que ambos os facilitadores obtiveram licença muitos participantes reduziram a frequência de participação e o comprometimento, as listas de frequência foram disponibilizadas pelo Cpics sendo avaliado a média mensal ($\bar{x}$) de participantes para os meses de Novembro e Dezembro de 2014 e Fevereiro, Abril, Maio, Julho e Agosto de 2015, os demais meses, apesar de terem contado com minha participação nas atividades não constavam no banco de dados do Equilíbrio do Ser, mas, pude observar claramente essa redução de pessoas e do envolvimento de alguns dos participantes. Assim durante o período de férias e de festas de fim de ano, Dezembro ($\bar{x}=7,6$) e Fevereiro ($\bar{x}=7,14$) contaram com uma redução na participação de pessoas nas atividades, já em Abril é possível verificar o aumento na participação ($\bar{x}=9,6$), que volta a ser reduzido em Maio ($\bar{x}=7,87$) e Julho ($\bar{x}=5,12$) que foram os meses de licença de ambos os facilitadores, só tornando a crescer em Agosto ($\bar{x}=7,37$) (Gráfico 1).

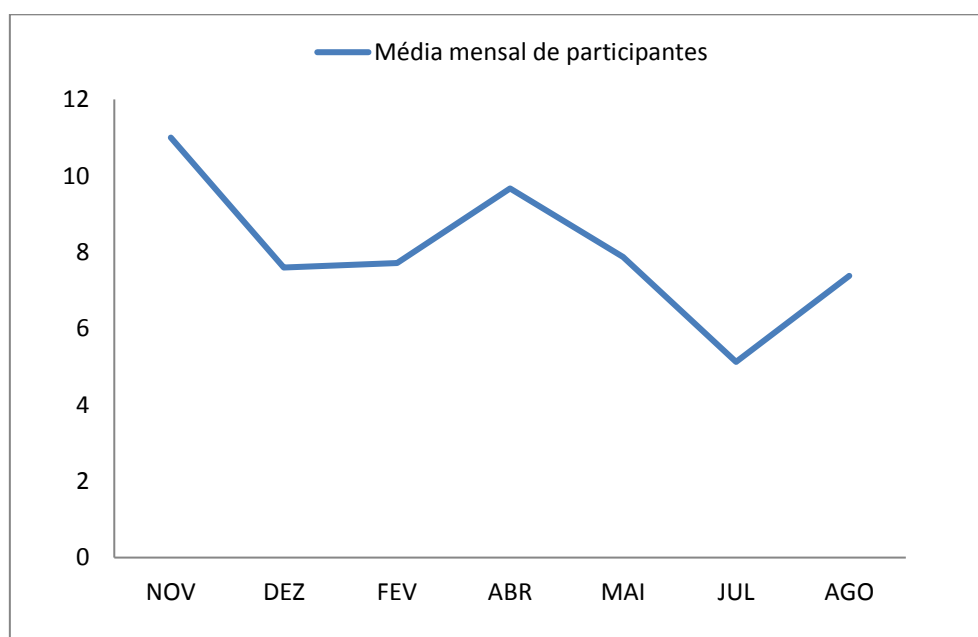


Gráfico 1 Média mensal de participantes nas atividades de permacultura
Fonte: Dados secundários extraídos das listas de frequência

O aspecto terapêutico surge em diversos âmbitos por meio da interação com o meio natural e pela interação social incluindo aspectos psicológicos e físicos que ultrapassam a capacidade formativa deste estudo.



[...] a gente entra como uma pratica terapêutica, a gente acolhe pessoas aqui de diversas maneiras, passando por diversos desequilíbrios, a gente tem jovens, senhoras, idosos [...] é um trabalho de reconexão com os ciclos da natureza, que a gente ta aqui plantando pra colher, ta limpando o mato, ta sempre transformando o espaço, assim uma das coisas que o pessoal comenta e até ri com isso é de a gente ta sempre transformando isso, é sempre um processo de transformação nossa e do espaço, também algo que é bem interessante é a conexão com outro, trabalho com o outro, que aqui se faz amizade, aqui o pessoal tem uma rede de contato cria uma rede de interação entre si, ae vão se criando novas amizades, a rede de apoio social vai se ampliando (transcrição de entrevista com Chico Douglas).

Dos casos que foram encaminhados, seja pelo acolhimento no atendimento da escuta ou como uma extensão de outros tratamentos terapêuticos realizados no Cpics, se encontram casos de ordem de saúde mental, dependência alcoólica, depressão e ociosidade incluindo nestes quadros aposentados, desempregados, estudantes e donas de casa. O aspecto terapêutico a partir do acompanhamento dos usuários foi relatado durante a pesquisa de campo.



[...] como a gente ta num centro de práticas integrativas, a gente concentrou as nossas atividades, dentro dessa abrangência, dessa amplitude da permacultura, a gente focou nessa pétala da saúde, bem estar físico e espiritual, então o contato com as plantas medicinais, o contato com... O encanto de você plantar uma flor e a flor desabrochar, e trazer uma beleza também praquem ta vendo, de quem plantou aquela beleza daquela flor desabrochando, mas também desabrochando a beleza interna da pessoa né, a contemplação do belo, a utilização da plantas medicinais, o contato direto com a terra, a experiência de você ver aquela terra sendo transformada por um solo saudável, que ae vai também fazer uma construção de uma horta mais saudável, então todo esse processo de transformação da terra até a semeadura, dentro de uma visão de uma ecologia mais interna pra aquela pessoa que esta experienciando aquele processo. Foi nisso que a gente entendeu que a permacultura dentro do Equilíbrio do Ser, pode ser contemplada, como uma prática de promoção de saúde (transcrição de entrevista Fábio Henrique Miranda).

[...] a gente vê experiências fantásticas na permacultura, principalmente, em pessoas muito jovens que chegam aqui com ideias suicidas, então a gente põem logo pra cuidar da terra, de um outro ser, de ver aquele ser crescendo, de toda a semana ele ta ali vendo do que que ele pode cuidar, o que que ele pode tirar, o que ele pode afastar mais a terra bota mais um pouquinho de água, em três semanas que aquela pessoa ta ali, ela começa a sair daquela ideia, e ter um outro olhar pra sua vida, então a gente vê muito crescimento nessa situação, vê também os vínculos que se formam(transcrição de entrevista com a Coordenação, gestão de 2015).

A socialização através de um trabalho coletivo gerando laços compõe um aspecto da terapia coletiva, além disso, também se estabelece um elo com o espaço

construído. A conexão com o local, ou seja, a existência de um elo afetivo (TUAN, 1980) se torna evidente diante da apropriação do espaço pelos usuários e funcionários que colaboram por meio de doações de roupas para o brechó, além da construção e manutenção do jardim através de doações de mudas, sementes, ferramentas, tempo, dedicação (DOBBERT, 2010). O que pode ser averiguado pelas seguintes falas:

Eu vim pensando numa coisa e foi outra completamente diferente né, eu pensei que era só pra cuidar das plantas, mas aqui não é só cuidar das plantas, é cuidar também do ser humano (registro audiovisual de Rita, 47 dona de casa).

Eu moro em apartamento, desde que eu vim morar aqui em João Pessoa eu moro em apartamento e eu brinco que aqui é meu quintal, a gente cuida das plantas aqui e gosto da conexão que a gente consegue ter com a terra, da harmonização da galera, do pessoal que participa (registro audiovisual de Alzair, 26 anos estudante).

Além do aspecto terapêutico, constantemente o espaço recebe visitas de outras instituições, incluindo profissionais de outros serviços de atendimento público, projetos de extensão da universidade, escolas e entre outros (Figura 8). A atividade já contou com o apoio de arquitetos, paisagistas, técnicos agrícolas e gestores ambientais, propostas de formações por meio de oficinas, palestras e trocas de experiências são sempre bem vindas. Outras terapias do Cpics como a arteterapia direcionada para crianças, por vezes, também fazem uso do espaço.



Figura 8.Visitação de escola

A prática de permacultura sempre começa com a *harmonização* guiada por um dos terapeutas facilitadores responsáveis, consistindo em uma breve meditação onde fazemos um círculo de mãos dadas em torno de um espaço previamente escolhido, podendo ser um espaço do jardim, ou uma planta específica a que iremos dedicar o dia de trabalho ou mandar boas energias, então, oralmente somos conduzidos a fazer uso de nossos sentidos, respirando fundo, ouvindo o nosso redor, sentindo o toque da mão ao lado e procurando trazer a mente para o espaço a ser trabalhado (Figura 9).



Figura 9. Roda de harmonização das atividades de permacultura

O círculo geralmente era iniciado por Chico ou por Fábio, procurando intercalar os gêneros femininos e masculinos, equilibrando de maneira simbólica as energias femininas e masculinas, envolvendo um contexto ritualístico de conexão com o sagrado e de integração³⁸, transmitindo um sentimento de unidade e de espírito comunitário a partir do momento que se estende a mão de maneira amparar e colaborar com próximo (RAMOS, 2008). Bernhard Wosien (1908 – 1986), coreógrafo, bailarino e pedagogo da dança, descreveu de maneira singular o simbolismo do círculo, assim:

O círculo representa uma imagem do espaço cósmico. Todos nós temos a origem nesse círculo. Cada ponto no círculo é um ponto crucial. Cada um está à igual distância do centro. [...] Nossa mão direita é a mão que recebe, com a palmas para cima; nossa mão esquerda é a mão que doa, as palmas para baixo. Esta mão passa a diante a luz e nos assegura, ao mesmo tempo, do nosso elo com o passado que em latim é “religio”. Dessa forma fazemos uma corrente que mostra a origem sagrada (Em: dancascirculares.org. Acesso em: 29 jul. 2015).

³⁸Ver Piazzetta (2009, p. 1-7).



Após a harmonização são discutidos os trabalhos focais do dia e então se tem início às atividades, que geralmente consistem em práticas de jardinagem, como poda, plantio, capinagem, rega, transplante, envasamento de plantas e preparação de mudas (Figura 10) tais atividades possuem benefícios a saúde, por trabalharem a coordenação motora, o equilíbrio e o fortalecimento muscular³⁹.



³⁹Chen e Janke (2012) constataram benefícios físicos, psicológicos e sociais em atividades de horticultura terapêutica por incluírem movimentos que trabalham o equilíbrio, a coordenação motora, o fortalecimento muscular pelo levantamento de peso e entre outros benefícios físicos, além de interação social e com o meio natural.





Figura 10. Da esquerda para direita: retirada de lixo para reutilização de gramacomo matéria seca; manutenção do espaço; capinagem; manutenção do laguinho; rega

Além disso, regularmente é realizada a limpeza do terreno, que constantemente acumula lixo que eventualmente é jogado de maneira indevida no terreno por cima do muro e/ou acumulado através do propósito de reutilização de, por exemplo, garrafas pets para a formação dos canteiros, copos descartáveis para preparação de mudas, seleção de grama cortada da área pública, que estão em sacos plásticos misturado com lixo, para utilizar como cobertura do solo.

Uma das dificuldades da permacultura enquanto prática terapêutica é a destinação de verba para a compra de materiais e insumos. Pois, por se tratar de uma terapia pioneira não estando inserida na rede da biomedicina oficial, a compra de materias como enxada, facão, pá, carrinho de mão, tesoura de poda e entre outros para tratamentos em saúde é bastante incomum. Assim, complicações burocráticas se instauram diante das licitações abertas para a rede de saúde do SUS segundo os depoimentos coletados em campo:



[...] a gente não tem autonomia, nesse sentido, de governabilidade, porque nos estamos dentro de um serviço de saúde, que tem toda a sua hierarquia e as suas aquisições, e que a gente depende, muitas vezes a gente termina, nós mesmos desembolsando.

Olha, eu digo que os meus colegas são uns batalhadores Rafa, vocês tudinho, por que, desde quando a Andreia tava aqui eles conversavam muito, sobre como é que a gente pode fazer, por que a gente não consegue as coisas, não consegue ferramenta, vamos inventa brechó vamos inventa não sei o quê!

[...] é mais fácil você chegar e pedir pra comprar uma seringa, do que comprar um óleo de massagem, até os fornecedores pra se encontrar aqueles que são destinados a vender esses insumos que tem cadastro e tudo mais, é bem mais difícil que uma pessoa que comumente pede aquilo ali a uma rede de saúde é mais fácil, é de aquisições ae não chega dinheiro pra cá, tudo é através de uma licitação ou através de um processo licitatório, o estrume, a



pá, isso é muito difícil de solicitar. Quantas vezes esses meninos não desembolsaram dinheiro pra fazer, e aqui a gente de vez em quando ta fazendo também, e ae com relação à areia, alguma coisa assim a gente consegue em articulação com as outras secretárias. A feira! Foi muita articulação deles pra conseguir as barracas, com outras associações, pra isso de fato acontecer, então tem que ter aquele agente que queria fazer, junte as teias (transcrição de entrevista com a Coordenação, gestão de 2015).

Diante desta situação é que os próprios usuários, juntamente com os terapeutas das atividades de permacultura, formaram o Coletivo PermaneSer e organizaram um Brechó no intuito de possibilitar a viabilidade econômica das demandas das atividades de permacultura (Figura 11).



Mas e essa coisa, do coletivo de permacultura, como é que formou essa ideia?

Então a gente ta amadurecendo essa ideia, de que pra gente poder ser sustentável a gente vem trazendo a ideia agora de para além de uma prática terapêutica isso aqui ser uma prática de permacultura, que ae isso nos permite assim, trabalhar com brechó trabalha com produção, que a gente envolve a terapia no serviço, que é representada por nós terapeutas que tamo trabalhando aqui junto com o pessoal e envolve também essa maneira de sustentabilidade do projeto, que é esse trabalho do brechó, trabalho de vender as mudas né, que não é com um fim lucrativo, é um fim de manutenção de nossas ações, uma maneira da gente poder se tornar sustentável aqui. (transcrição de entrevista com Chico Douglas).



Figura 11. Folder de divulgação do Brechó

O Brechó propiciou o desenvolvimento de novas propostas que agregassem as ações realizadas pelo Coletivo, o que acarretou na busca por parcerias e uma das mais significativas foi o estabelecimento de uma associação entre o Coletivo, Cinturão Verde⁴⁰, Prefeitura Municipal, Comissão Pastoral da Terra ⁴¹e o Cpics Equilíbrio do Ser para realização de uma feira agroecológica quinzenal (Figura 12):

[...] a gente (Coletivo PermaneSer) que deu o start com a feirazinha que a gente fez, que antes era só o brechó e a alimentação natural e ae a gente convidou né, entrou em contato com o pessoal do cinturão verde, falando dessa possibilidade de ter a feira o pessoal se animou, contactou com os agricultores, eles compraram a ideia e a gente ta indo de 15 em 15 dias fazendo essa feira.



⁴⁰O Cinturão Verde é uma linha de crédito especial criada pelo Programa de Apoio aos Pequenos Negócios de João Pessoa, voltado a pequenos produtores que desenvolvem atividades ecologicamente sustentáveis, que não usem agrotóxico ou defensivos agrícolas (Prefeitura de João Pessoa)

⁴¹É uma entidade de defesa dos Direitos Humanos ou uma Pastoral dos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras da terra





Figura 12. De cima para baixo: Folder de divulgação da feira agroecológica; brechó; oficina de customização de roupas para o brechó.

As feiras desempenham um importante papel na comercialização de produtos agroecológicos, pois consistem em “circuitos curtos de comercialização, sobretudo no que se refere à sua capacidade de oferecer alimentos a um preço mais barato” o que propicia uma aproximação entre produtor e consumidor conferindo um caráter mais humanizado ao processo de comercialização (LAMPA, 2014, p.100). Além disso, as feiras proporcionam um maior controle sobre a destinação e condições dos produtos, assim como uma maior apropriação do valor final pelo produtor (Idem, 2014).



Por um lado, é difícil encontrar alguma pessoa que vive em ambiente urbano, em uma sociedade crescentemente urbana, que não frequente e compre parte de seus alimentos em supermercado; por outro, um número crescente destas mesmas pessoas tem procurado se conectar a outras formas de troca, sejam elas mais solidárias, de cadeia curta (que garante maior proximidade comercial e de valor agregado com quem produz) ou mesmo diretas com os produtores (ROVER, 2011, p.62).

Afinal, apesar de propiciarem produtos diferenciados por meio de uma agricultura ecológica, as feiras agroecológicas por vezes não atendem a todas as demandas dos consumidores em termos de diversificação de produtos, o que por vezes não propicia uma exclusividade de consumo de seus produtos. Deste modo, a disposição para priorizar a compra de produtos agroecológicos em feiras de comercialização do agricultor familiar juntamente com a preferência por determinados produtos e/ou boicotando de outros muitas vezes corresponde a um ato político por parte de alguns consumidores que frequentam estes espaços de compra. Entretanto,



compreender os papéis das feiras agroecológicas para o consumidor e o produtor diante do pano de fundo ideológicos para uma cultura ecológica, ou seja, incluindo questões ambientais, políticas, econômicas e sociais da produção de alimentos, não foi o foco de pesquisa deste estudo.

Outra proposta em processo de construção através das atividades de permacultura e da participação dos agricultores, era a implementação do projeto farmácia viva⁴². Criado em 1985 pelo prof. farmacêutico Francisco Jose de Abreu Matos, este projeto foi criado a partir da observação “de que boa parteda população do Nordeste do Brasil não tinha acesso aos serviços de saúde, utilizando plantas da flora local como único recurso terapêutico” (BRASIL, 2012, p.1). Diante disso, Francisco Jose de Abreu Matos se dedicou a estudar e desenvolver métodos para produção e utilização correta das plantas medicinais pelas comunidades no interior do Nordeste Brasileiro, com o objetivo de prestar assistência básica de saúde por meio de cuidados primários. De acordo com as entrevistas, no caso do Cpics Equilíbrio do Ser:



Inicialmente o projeto visava, a gente articular com os agricultores familiares, na época chamava cadeia produtiva de plantas medicinais, hoje já não se chama mais de cadeia e sim de arranjos produtivos, e ae é organizar todo esse arranjo, desde o plantio da planta medicinal, até a manipulação e fabricação do medicamento e todo esse arranjo. A gente conseguiu construir a estrutura física da farmácia e o próprio Cpics ele tem uma estrutura que poderia dar suporte como uma farmácia viva que poderia de ter os próprios canteiros de plantas medicinais pra pode abastecer a farmácia. E, além disso, em 2013 a gente submeteu um projeto ao Ministério da Saúde, e esse projeto ele foi contemplado, então ele se chama “arranjos produtivos locais, em plantas medicinais e fitoterápicos de João Pessoa”, então, ele articula desde o agricultor familiar, a formação de cooperativismo, a formação deles também, desde a qualificação de preescritores, ligadas a manipulação, ele ta andando, então a gente conseguiu dar bons passos, mas o tempo das coisas é meio devagar. A farmácia já tem toda a estrutura física aprovada pela vigilância sanitária, só não os equipamentos e a matéria prima (transcrição de entrevista com a Coordenação, gestão de 2015).

Apesar da aprovação, o projeto da APL (Arranjos Produtivos Locais) demorou em torno de um ano para começar a ser aplicado, devido novamente a problemas de caráter burocrático que não permitiam a acessibilidade da verba destinada ao projeto, por não ter sido incluso no orçamento municipal. Atualmente o projeto encontra-se em andamento, contando com visitas de campo e formação dos participantes do Coletivo PermaneSer (Figura 12). As etapas de implementação do projeto não foram levantadas.

Considerando todo o contexto apresentado, é possível perceber que o trabalho é constante e exige persistência, o espaço Horta Mandala do Equilíbrio do Ser, ainda é um

⁴²Ver os três modelos de farmácia viva em Ceará (2009).

desafio em termos de manejo. O sistema de irrigação ainda está em processo de instalação e a qualidade do solo é precária, por se tratar de uma área aterrada. Além disso, o desenvolvimento das plantas é influenciado pelo clima regional. João Pessoa possui um clima úmido caracterizado por duas estações do ano bem definidas com pouca variação de temperatura entre elas. Entretanto, o verão, possui um índice de pluviosidade mais reduzido em relação ao inverno, que é marcado pelo período das chuvas (INPE, 2016).

Durante o verão, com o calor e muito sol, as plantas se desenvolvem com dificuldade, muitas morrem, outras amarelam. Afinal, as atividades ocorrem apenas as terças e quintas à tarde, durante o resto da semana os facilitadores se revezam e contam com a colaboração de outros colegas de trabalho do Centro, entretanto, a irrigação manual é inconstante e por vezes insuficiente, a colheita e a destinação da produção local são ínfimas, raramente os próprios participantes usufruem.

Menina, aqui a gente faz uma coisa num dia, no outro dia já desmancha, eu queria era fazer uma horta, pra você ver o resultado do que você faz, ae não vi resultado de nada, a gente produz, a gente plantou os abacaxi, não colhe, entendeu, ae tem tanta coisa que a gente plantou e não colheu, eu gosto de vê e já colhe (transcrição de entrevista, Almirvan).

Este consiste um dos desafios primordiais da prática: o retorno produtivo do espaço trabalhado. A recente aquisição de um temporizador d'água⁴³ realizada através da verba arrecadada pelo Brechó Equilíbrio do Ser, juntamente com uma possível parceria, fruto de uma visita de campo, com o projeto de Compostagem desenvolvido pela Gestora Ambiental Silvana Alves na Empasa - Empresa Paraibana de Abastecimento e Serviços Agrícolas (Figura 13), podem futuramente assegurar um manejo mais adequado do solo para o plantio. Por vezes, a falta de planejamento em meio a tantas demandas limitaram nossa gama de ações dentro da proposta permacultura de otimização do uso espaço, para além de uma atividade terapêutica.



⁴³Dispositivo acoplado com um *timer* que pode ser programado para irrigação automática em horários pré-estabelecidos.



Figura 13.Visita de campo ao projeto de compostagem da Empasa

Recentemente formamos um grupo de estudos de Permacultura tendo por base o livro de Rosemary Morrow, *Permacultura Passo à Passo* (2014), no intuito de pensarmos propostas, planejamento e ações que se fortifiquem e movimentem o cenário Pessoense.

Este livro é um guia simples e prático. Um manual para o desenvolvimento do design em permacultura na sua casa, na sua terra e na sua vida. [...] Ele será ainda de maior benefício se aplicado no planejamento do espaço onde vive ou trabalha (MORROW, 2010, p. 6).



O grupo de estudos integra diversos indivíduos interessados pela temática como alguns dos integrantes do Coletivo PermaneSer e Canto do Uirapuru⁴⁴, dos quais alguns estarão em formação no segundo PDC municipal e pelo Coletivo Gaia Parahyba - Educação & Design em Sustentabilidade⁴⁵.

O espaço é dinâmico e o processo é lento, de área aterrada, atualmente é possível se deparar com uma área verde, subdividido em vários espaços que durante o ano foram destruídos, reconstruídos e renovados de acordo com as demandas levantadas pelos participantes, mas especialmente pelos facilitadores, mas, sempre discutidas em grupo, este compõe uma das máximas do primeiro princípio⁴⁶ da permacultura: “Pensamento de cima para baixo, ação de baixo para cima” (HOLMGREN, 2002, p. 70), ou seja, as idéias podem ser individuais, mas ações precisam ser coletivas e para isso é preciso compartilhar, argumentar e priorizar a tomada de decisões de maneira coletiva.

Espaços que curam

A relação do ser humano com o meio é um determinante essencial para a promoção da saúde, onde geralmente, os espaços que contêm elementos naturais podem ser identificados como "espaços que curam" por estarem associados à saúde e ao rejuvenescimento (OLDS, 1989), fato intensificado pelo distanciamento do mundo natural, com a crescente urbanização, muitas vezes mal planejada e com poucas áreas verdes. Para tanto, inúmeros trabalhos tem sido realizados analisando a importância destes espaços para a recuperação de pacientes, e/ou enquanto uma extensão de seus tratamentos como uma forma de terapia, através de atividades desenvolvidas em espaços naturais.

Mas nem todo espaço que contêm elementos naturais podem ser considerados um espaço de cura, diversos elementos influenciam a nossa percepção podendo levar a reações positivas ou negativas dependendo da interação estabelecida com o espaço, desde fatores intrínsecos do indivíduo, até fatores do design, paisagismo, componentes naturais que estimulam os sentidos, atividades em grupo e entre outros (STIGSDOTTER, GRAHN, 2002). Inúmeros estudos em diferentes áreas de pesquisa como a medicina, psicologia, arquitetura e entre outros, buscaram compreender os

⁴⁴O canto do Uirapuru é um espaço de estudo e trabalhos espirituais em busca do autoconhecimento

⁴⁵Ver gaianordeste.com

⁴⁶Observe e Interaja



impactos do espaço físico na saúde e bem estar das pessoas (ULRICH 1984; VASCONCELOS, 2004; CHEN, JANKE, 2012).

Para Gressler e Gunther (2013, p.488) ambientes restauradores, consistem em lugares que permitem “o processo de restauração, recuperação ou restabelecimento dos aspectos físicos, psicológicos ou da capacidade social, perdidos pelo esforço contínuo”, ou seja, pelo estresse ou/e emoções negativas geradas pelo cotidiano. De acordo com a pesquisa realizada pelos autores a contemplação da natureza possibilita a reflexão, cujos benefícios permitem uma experiência mais densa e reparadora ao nos afastarmos fisicamente e psicologicamente do ambiente gerador do estresse cotidiano, portanto, “as atividades em ambientes naturais reduzem o estresse da vida diária, promovem a capacidade de recuperação ante os desgastes cotidianos e ajudam a estabelecer vínculos emocionais com o ambiente [...]” (Idem, p.493). Além disso, Van Den Berg (2005), um dos estudos citados por Gressler e Gunther (2013), comprovou que o contato com a natureza acarreta benefícios fisiológicos relacionados com a exposição à luz solar, que quando realizada de maneira precavida e em horários adequados estimulam a produção da vitamina D relacionada ao sistema imunológico, absorção de cálcio e fósforo.

Uma interessante pesquisa realizada por Ulrich (1984), entre 1972 e 1981 em um hospital da Pensilvânia, avaliou o tempo de recuperação de pacientes pós-operatório que possuíam o mesmo quadro clínico. Onde alguns se encontravam em leitos hospitalares que possibilitavam a visão da natureza através da janela do hospital e outros não. Os resultados obtidos demonstraram que os pacientes que se encontravam nos leitos com visibilidade para a natureza tiveram um menor tempo de internação, além de precisar de menos analgésicos do que os que se encontravam em leitos com vista para paredes ou prédios. Diante disto, Ulrich constatou que alguns componentes naturais como a água e a vegetação, estimulam uma recuperação psicofisiológica ao estresse.



Outra pesquisa que corrobora com estes fatos foi a que Ulrich e colaboradores (1991) realizaram com grupos estudantes universitários, onde os resultados apontaram que a

contemplação de áreas naturais em relação a espaços urbanos, reduz o estresse e sentimentos negativos como medo, tristeza e nervosismo, estimulando uma distração positiva por captar a atenção dos indivíduos de modo a bloquear os pensamentos ruins e estressantes. Eles submeteram os participantes à visualização de filmagens que ocasionavam o estresse e posteriormente a vídeos que continham paisagens naturais e urbanas. A análise dos dados adquiridos por meio de exames fisiológicos levou a conclusão que quando os indivíduos eram expostos às paisagens naturais ao invés de urbanas, a recuperação era significativamente mais rápida. Sendo assim, é interessante considerar a adequação de espaços destinados ao cuidado da saúde de modo a possibilitarem uma melhor recuperação de seus pacientes.

Para Vasconcelos (2004) a humanização de ambientes hospitalares por meio da arquitetura, é relevante por influenciar o processo de cura através do contato do paciente com o espaço físico. A autora cita a importância de espaços ao ar livre e/ou jardins internos, que por vezes são projetados de maneira a proporcionar uma extensão do tratamento dos pacientes, sendo denominados, portanto, de jardins terapêuticos, que usualmente são compostos por “plantas com propriedades de cura, que despertam os sentidos e provocam estímulos positivos nos usuários. É um lugar quieto, tranquilo, suave e aconchegante [...]” (Idem, p.95).

Mas “O que faz com que um jardim, seja um jardim terapêutico?” (tradução nossa) esse é o questionamento do título da pesquisa de Stigsdotter e Grahn (2002), afinal, inúmeras áreas já se debruçaram sobre esta pergunta, mas, de acordo com os autores é possível identificar três correntes teóricas: a dos *Jardins Terapêuticos* que defende que os benefícios à saúde ocorrem diante de experiências com os espaços do jardim, tanto através do design quanto do seu conteúdo. A segunda escola citada por eles é a *Horticultura Terapia*, cuja linha de pensamento é baseada nos benefícios através da realização de atividades de jardinagem. E por fim, a *Cognitiva*, que defende que os benefícios à saúde são resultantes da percepção do indivíduo no jardim.



Assim, após discorrem sobre diferentes correntes além de apresentarem outras hipóteses e teorias sobre a percepção do indivíduo de um jardim terapêutico seja por meio de atividades ou apenas pelo contato, Stigsdotter e Grahn (2002) concluem que tanto a percepção com base no design e nos componentes naturais que constituem o jardim, quanto às atividades realizadas no jardim, são fundamentais para que este atenda propósitos terapêuticos.

Outra atividade semelhante e por vezes simultânea à jardinagem terapêutica é a horticultura terapia que corresponde a atividades de cultivo de plantas que pressupõem benefícios, por contemplar atividades ao ar livre, com exposição ao sol que utilizam a musculatura e exercitam o cérebro (LIU, LIAO, 2015). De acordo com a Associação Americana de Horticultura Terapia (tradução nossa), as atividades de horticultura realizadas de maneira terapêutica trabalham aspectos como a memória, as habilidades cognitivas, a coordenação motora, equilíbrio, a socialização, etc.

Portanto, esta prática trabalha com os sentidos sensoriais, pois, a diversidade de plantas presentes em um jardim/horta pode estimular diversos sentidos, como a visão, através da contemplação das cores e formas das plantas; o tato, através do contato com diferentes estruturas e texturas das sementes, folhas, flores, frutos, terra, água; o olfato, através dos diferentes tipos de odores liberados pelas plantas (folhagens, frutas e flores)



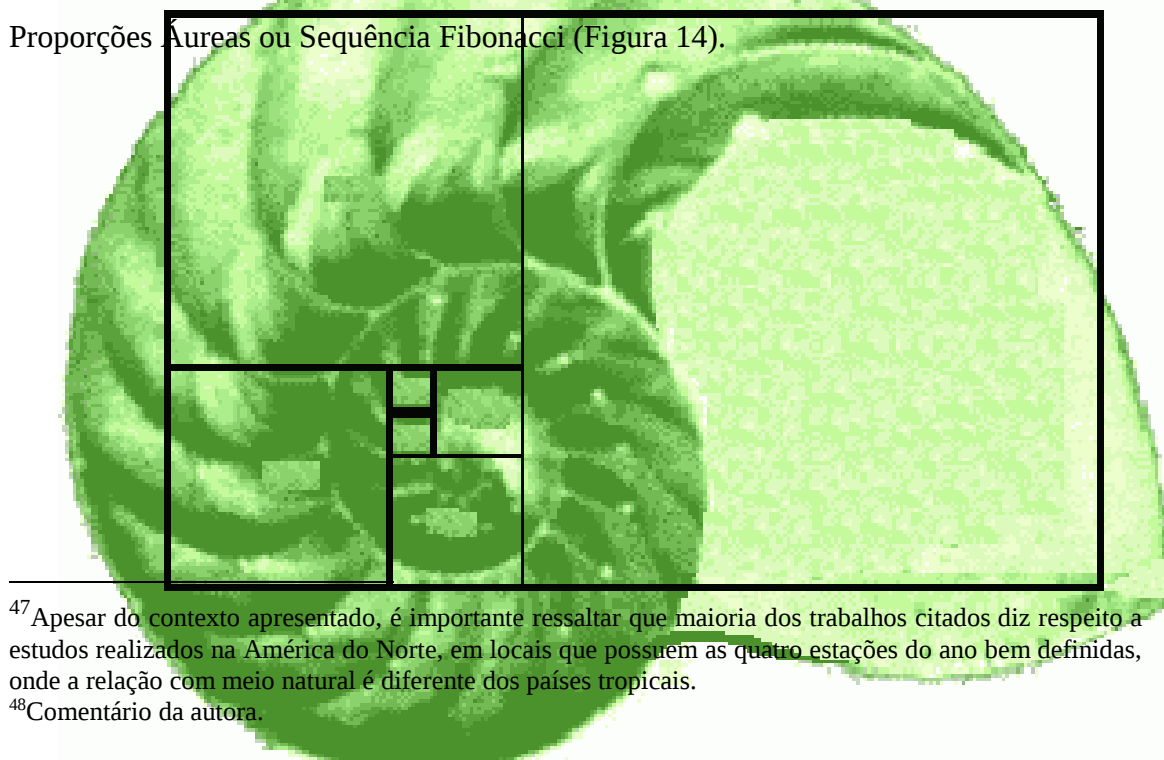
que podem estimular a sensação de prazer através do cérebro, o que corrobora com a existência de práticas terapêuticas como aromaterapia, outro sentido que também é estimulado durante estas práticas é a audição, por meio dos sons presentes em ambientes naturais, como o barulho das folhagens, o canto dos pássaros, do vento, pois, sons que consideramos belos e subjetivamente associamos ao conforto, podem acalmar a mente de modo a trazer um estado de relaxamento (LIU; LIAO, 2015).

Atividades de jardinagem, assim como outras práticas como tai chi, yoga e danças demonstram possuir elementos que trabalham o equilíbrio, além de ter outros efeitos positivos sobre a saúde (WOOTON, 2010; KEOGH et al, 2009; OMKAR et al, 2009). Chen e Janke relatam em seus estudos que atividades de jardinagem são mais comuns entre pessoas idosas, pois, boa parte já conviveu com a vida no campo, ou, com

um jardim. Atividades de jardinagem são caracterizadas por uma intensidade moderada, e são utilizadas de forma terapêutica desde 1920 (DAVIS, 1997). Chen e Janke constataram que as atividades realizadas por meio da horticultura terapêutica incluem o transplante, plantio, rega e envasamento de plantas, consistindo em movimentos potencialmente benéficos a saúde, pois trabalha o equilíbrio, a coordenação motora, o fortalecimento muscular pelo levantamento de peso e entre outros; e além dos benefícios físicos. Por ser considerada uma atividade doméstica de fácil acesso, este tipo de atividade também possui benefícios psicológicos e sociais⁴⁷.

O design do espaço influencia a psique e o subconsciente humano, podendo gerar sensações agradáveis ou desagradáveis (LAURO, 2005). Na permacultura, o design dos espaços tende a ser feito de maneira a otimizar o seu potencial para que haja um bom manejo; um padrão bastante utilizado são as curvas, principalmente por conta dos efeitos de borda, pois, “essa técnica aumenta o tamanho da borda (para plantio) comparado com uma linha reta [...]; as espirais, *por exemplo*,⁴⁸ são muito eficientes no uso da água e providenciam proteção para as plantas” (MORROW, 2012, p. 11).

O *Design Inteligente* é uma das teorias “que defende que certas características do universo e dos seres vivos são explicadas de uma melhor forma, por uma causa inteligente ao invés de processo não direcionado, como a seleção natural” (DISCOVERY INSTITUTE). A base desta teoria é que todo padrão natural tem relações matemáticas, apesar de haver muita controvérsia sobre o tema. Os padrões naturais presentes na natureza e que se repetem, por exemplo, são denominados de Proporções Áureas ou Sequência Fibonacci (Figura 14).



⁴⁷ Apesar do contexto apresentado, é importante ressaltar que maioria dos trabalhos citados diz respeito a estudos realizados na América do Norte, em locais que possuem as quatro estações do ano bem definidas, onde a relação com meio natural é diferente dos países tropicais.

⁴⁸ Comentário da autora.



Figura 14.Fenômeno simétrico das Proporções Áureas

Fonte: Hypeness

Cultivar o belo, através das formas naturais “é a própria representação da Arte [...] e a arte enobrece os sentimentos humanos enriquecendo-lhe a vida, propiciando alegria e sentido” (IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL DO BRASIL). Assim, a utilização de hortas mandalas, espirais, círculos e entre outras formas apreciadas pelo design permacultural propiciam uma maior contemplação do espaço.

No sentido de otimizar o espaço das atividades permaculturais, realizei um breve diagnóstico com base em Marcus e Barnes (1999) que levantaram em seus estudos componentes medicinais e do design de jardins terapêuticos (Quadro 1).

Acessibilidade	Simple, fácil e bem sinalizada permitindo a contemplação por meio das passagens/caminhos de acesso a espaços distintos permitindo diferentes percepções do espaço e possibilitando que pacientes com dificuldades físicas tenham acesso às áreas
Visibilidade e delimitações	Presença de subáreas de diferentes tamanhos e níveis de privacidade. Ser visível ou possibilitar o fácil acesso ao espaço, possuir delimitações que promovam a sensação de isolamento, evitando o contato direto com espaços externos como a rua
Plantas	Plantas atóxicas, que produzam estímulos sensoriais havendo diversidade de cores texturas e formas. Presença de plantas floríferas e frutíferas, que atraiam borboletas, pássaros e outros pequenos animais, que estimulem a sensação de mudanças sazonais, reforçando a percepção do ritmo cíclico da vida
Água	Fontes, lagos, rios e/ou cascatas, permitindo a conexão com o elemento água e estimulando a atração de pequenos animais
Bancos e	Confortáveis, se possível leve e de fácil manejo proporcionando a opção



cadeiras	de escolha do local onde se sentar
Figuras, quadros e esculturas	Preferencialmente referentes a cenas naturais evitando formas abstratas

Quadro 2. Adaptação dos componentes medicinais e do design de jardins terapêuticos descritos por Marcus e Barnes (1999)

Foi possível observar que a acessibilidade é limitada, pois não existe nenhuma sinalização que indique a existência do espaço para os usuários que não estejam envolvidos com as atividades de permacultura. Durante minhas visitas ao espaço em períodos em que não ocorriam as atividades de permacultura muitas vezes ele se encontrava fechado, impedindo desta forma o vislumbramento do espaço por pessoas que estejam conhecendo o Centro. Apesar do acesso principal contar com uma rampa e de haver a preocupação em manter o tamanho adequado das passagens para o trânsito de cadeira de rodas, o acesso para pessoas com dificuldades físicas é limitado, pois, não existe um acesso adequado para todas áreas presentes no espaço.

Estas áreas são subdivididas em sete reconhecidas pelos participantes das atividades como o cantinho, a agrofloresta, cantão, laguinho, a horta mandala principal, espiral buraco de fechadura, espiral de ervas e a mandalinha.

A área do *cantinho* (Figura 15) já foi re-configurado algumas vezes, mas, permanece com a função de viveiro de mudas, sendo o local onde é realizado as atividades de preparo de mudas para doação ou plantio no próprio espaço:





Figura 15. Fotos do espaço do *cantinho* de março de 2015 a março de 2016

O objetivo principal de um sistema agroflorestal (SAF) é de:

[...]otimizar o uso da terra, conciliando a produção florestal com a produção de alimentos, conservando o solo e diminuindo a pressão pelo uso da terra para produção agrícola (ENGEL, 1999, p.1).

Apesar da área denominada *agrofloresta* (Figura 16) consistir especialmente em bananeiras e em uma diversidade de plantas de médio e baixo porte, plantadas na mesma área no intuito de aumentar a ciclagem de nutrientes por meio da poda, devido ao seu pequeno tamanho, ela não constitui de fato um sistema agroflorestal. Pois, além do tamanho esta área não inclui os componentes de um sistema agroflorestal que é definido



como “um sistema diferenciado por ter um componente arbóreo ou lenhoso, o qual tem um papel fundamental na sua estrutura e função”(Idem, 1999, p.1).





Figura 16. Fotos do espaço do *agrofloresta* de março de 2015 à março de 2016

Outra área identificada pelos participantes das atividades é o *cantão* (Figura 17). Localizado na lateral do espaço, ainda é um local subutilizado, já houveram algumas tentativas de plantios de abóboras em canteiros e entre outros cultivos, entretanto, devido a má qualidade do solo não houve produção. Atualmente a área é utilizada para o cultivo de mamona para ciclagem de nutrientes através da poda, sendo previsto a construção de uma geodésica no local para realização de atividades diversas.







Figura 17. Fotos do espaço do *cantão* de março de 2015 a março de 2016

Um dos grandes atrativos do espaço que gera o encantamento dos visitantes é *olaguinho* (Figura 18). Contando com um metro de profundidade e o diâmetro de um pneu de caminhão, esta pequena fonte de água, conta com plantas aquáticas cedidas por uma usuária do serviço, sendo o recinto de inúmeros pequenos peixes de aquário doados por um antigo funcionário do Centro.





Figura 18. Fotos do espaço do *lagozinho* de março de 2015 a março de 2016.

Outro grande atrativos do espaço é a *horta mandala principal*, que foi o primeiro canteiro a ser implementado no terreno por meio de mutirões para inauguração do Equilíbrio do Ser em 2012. Através da pesquisa de campo foi possível obter os registros do período de construção da mandala central, sendo possível acompanhar parte de seu desenvolvimento por meio dos registros fotográficos deste estudo (Figura 19 -20).







Figura 19. Fotos da construção do espaço da *mandala central* em 2012
Fonte: Pereira e colaboradores (2015).

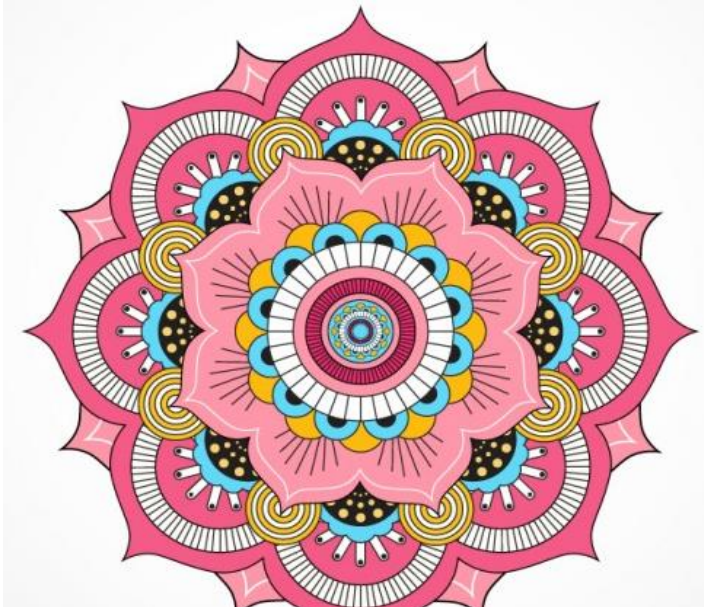
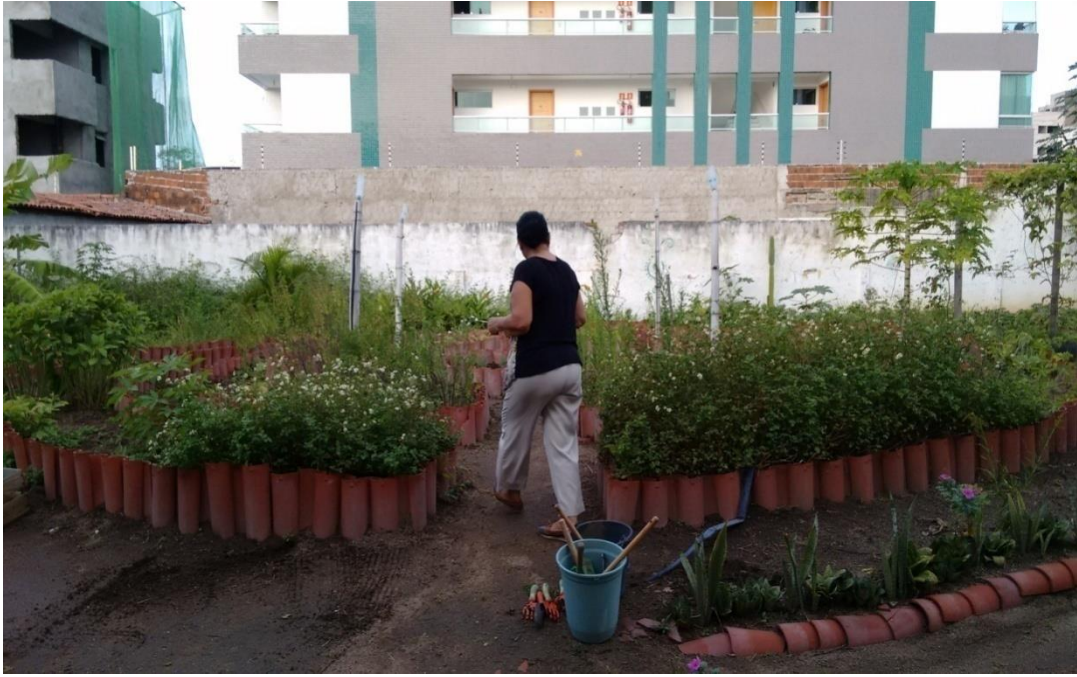




Figura 20. Fotos do espaço da *mandala central* de março de 2012 a março de 2016

O *espiral buraco de fechadura* e *espiral de ervassãoum* dos canteiros que não possuem tanta visibilidade e que já tiveram uma diversidade de plantas como a babosa, hortelã, tomate e entre outros, sendo constantemente alterado (Figura 21).





Figura 21. De cima para baixo, *espiral buraco de fechadura* e *espiral de ervas*. Fotos da construção dos canteiros em 2012. **Fonte:** Pereira e colaboradores (2015)

Por fim, *amandalinha* foi um dos últimos canteiros construídos durante o período deste estudo, que inicialmente de acordo com as informações levantadas em campo, foi criado em parceria com estagiários do Cinturão Verde, para a realização de experimentos com biofertilizantes em hortaliças. Entretanto, devido a inúmeros problemas que incluem a qualidade do solo, adubação, irrigação e logística do projeto, os testes foram transferidos para as próprias propriedades rurais, estando em desenvolvimento novos projetos de manejo do canteiro pelos participantes das atividades (Figura 22).



Figura 22. Fotos da construção do espaço *mandalinha* em 2015

A visibilidade do espaço só é possível através da porta de acesso principal, no interior do Cpics, a entrada por esta passagem possibilita a visualização de praticamente todo o espaço que é composto de subáreas, entretanto, devido à recente implementação ainda não existe uma diversidade de níveis de privacidade, pois as áreas são delimitadas por cercas vivas, coqueiros e entre outras plantas que ainda estão se desenvolvendo. Em relação à delimitação do espaço em sua totalidade existe um muro que após o primeiro ano de funcionamento foi construído principalmente no intuito de evitar a depredação do espaço e gerar uma sensação de conforto, segurança e isolamento para os usuários e funcionários do Centro.

Com referência às plantas, foi possível identificar uma variedade de plantas incluindo frutíferas, medicinais, floríferas que promovem a atração de variedades de animais e insetos, como borboletas, abelhas e pássaros. Em um levantamento prévio sobre as plantas medicinais realizado nos primeiros anos pelos participantes das atividades de permacultura foram identificados os seguintes itens: Babosa (*Aloe vera*), boldo japonês (*Plectranthus barbatus*), chachambá (*Justicia pectoralis*), manjerição (*Ocimum basilicum*), saião (*Kalenchoe brasiliensis*), hortelã da folha miúda (*Mentha villosa*), mastruz (*Chenopodium ambrosioides*), hortelã da folha grande (*Plectranthus amboinicus*), terramicina (*Alternanthera brasiliana*), erva cidreira (*Lippia alba*), cana de macaco (*Costus spicatus*), capim santo (*Cymbopogon citratus*), cardo santo (*Carduus benedictus*), e citronela (*Cymbopogon nardus*) e aipim (Manihot esculenta)⁴⁹. Algumas dessas plantas já não são mais encontradas no espaço, outras foram acrescentadas ou cresceram espontaneamente, assim como uma ampla gama de plantas ornamentais, como espada de são Jorge (*Sansevieria trifasciata*), buque de noiva (*Spiraea cantoniensis*), e entre outras. O laguinho é o único espaço com uma fonte de água constante, mas sua presença se destaca dentre todos os componentes do espaço Horta Mandala.

Apesar de haver a disponibilidade de cadeiras de plásticos leves e de fácil mobilidade, estas não se encontram diretamente disponíveis no espaço, geralmente estão no corredor de acesso para que se mantenham limpas e evitem a deterioração pela exposição aos fatores climáticos. Sendo assim, uma das demandas que ainda precisam ser atendidas, é a presença de estruturas como bancos nas diferentes áreas de modo a proporcionar a acomodação dos visitantes, possibilitando a contemplação do espaço.

A implementação de placas informando sobre o espaço e as subáreas (cantinho, a agrofloresta, cantão, a horta mandala principal, laguinho, espiral de ervas e mandalinha) podem ser inspiradas nas seguintes propostas: através do reaproveitamento de materiais como madeira, tampas de baldes, azulejos, utilizando texto informativo simples (Figura 24, 25, 26, 27).

⁴⁹Equivocadamente identificada como *Petiveria alliacea*.





Figura 24: Da esquerda para direita, imagem vetor, placas informativa escrita. Fonte: Freepik, Pinterest.



Figura 25: Mosaico em azulejo. Fonte: Cris Mosaico.





Figura 26: Escrita em tampa de balde.

Outra forma pode ser através do uso de ilustrações que expressem a intenção do local, dando preferência para as cenas naturais como proposto por Marcus e Barnes (1999) (Figura 27-28):



Figura 27: Ilustrações me madeira. Fonte: Projeto Ambientes Saudáveis





Figura 28: Ilustrações com autorelevo. Fonte: Disney Babbie

A permacultura preza pela utilização dos recursos locais de modo a reutilizar e reciclar matérias de maneira criativa. Assim diversas possibilidades podem ser criadas para a acomodação dos usuários no espaço horta mandala, como bancos de pneu, reaproveitamento de materiais madeira como shapes de skates, madeiras de demolição, paletes, e entre outros exemplificados abaixo:



Figura 29: Modelo artesanal de banco de pneu. Fonte: artesanatobrasil.net

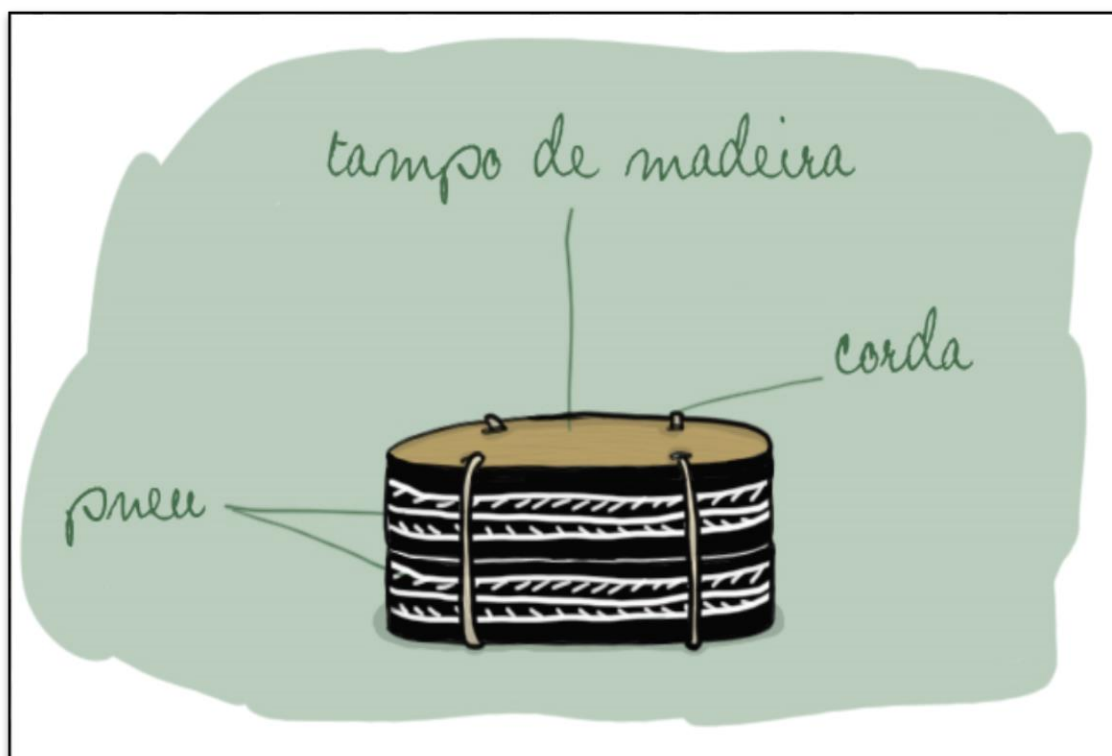


Figura 30: Ilustração de modelo de banco de pneu. Fonte: prea.wordpress



Figura 31: Banco de pneu Fonte: Maratimba.com





Figura 32: Banco de madeira da shape de skate Fonte: dicasverdes.com



Figura33: Banco de concreto e madeira Fonte: mostarda.com





Figura 34: Banco de pallets no Centro Holístico para mulheres Afya de João Pessoa-PB

Apesar do design dos canteiros, que privilegiam as curvas no intuito não só de embelezar, mas, de aumentar a área de borda quando comparado com uma linha reta (MORROW, 2010), o espaço pode melhorar o design, através da delimitação de áreas de canteiros específicos para determinadas plantas, no sentido de ordenar as informações sensoriais do espaço como canteiros de folhagens (Figura 35), suculentas (Figura 36), cactos (Figura 37), flores (Figura 38) e entre outros, assim como arranjos que delimitem os caminhos e as entradas das subáreas exemplificados pelas figuras abaixo:





Figura 35: Canteiro de folhagens de meia sombra Fonte: jardinaria.com



Figura 36: Canteiro de suculentas. Fonte: fotosdedecoração.net





Figura 37: Canteiro de cactos do jardim botânico de Jundiaí – SP. Fonte: jundiai.sp.gov.br



Figura: Modelo de canteiro de flores. Fonte: carrodemola.com

Em relação aos componentes do design que compõem um jardim terapêutico, foi possível averiguar que ainda existem inúmeras demandas a serem atendidas de modo a potencializar o aspecto terapêutico do espaço Horta Mandala, entretanto, é preciso

considerar que tanto o estímulo da percepção através dos componentes do design, como a realização de atividades de jardinagem são essenciais para que sejam atendidos os propósitos terapêuticos de um jardim terapêutico (STIGSDOTTER, GRAHN, 2002).

Além disso, é preciso considerar que a manutenção do espaço é subsidiada com os recursos obtidos no brechó e/ou muitas vezes desembolsados pelos próprios terapeutas facilitadores desta atividade, ou seja, não há uma destinação de recursos específica para esta prática. De acordo com a coordenação do Cpics isso ocorre devido ao fato desta terapia de caráter coletivo não estar inserida na rede da biomedicina oficial, o que burocraticamente dificulta a destinação de recursos e licitações que são comumente solicitados pela rede de saúde.

Foi constatado que a jardinagem terapia possui inúmeros benefícios, incluindo o cultivo de áreas verdes em espaços urbanos, promovendo desta forma a proximidade com o mundo natural e possibilitando o acompanhamento dos ciclos naturais. Por fim, um dos propósitos deste estudo como contrapartida ao espaço e grupos de pessoas que colaboraram com a pesquisa foi o de contribuir com o estabelecimento de novas áreas verdes juntamente com a promoção de práticas terapêuticas em espaços de atendimento a saúde, estimulando o uso da jardinagem terapia, como proposta terapêutica inserida nas práticas integrativas e complementares propagando a pluralidade de saberes em torno do que tange a saúde do ser humano.





QUANDO a ÚLTIMA
ÁRVORE TIVER CAÍDO
QUANDO o ÚLTIMO
RIO TIVER SECADO
o ÚLTIMO & PEIXE FOR
PESCADO ...
... AE VOCÊS VÃO
ENTENDER QUE
DINHEIRO NÃO
SE PODE COMER

PROVÉRBIO CREE

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cotidianamente a observação e a pesquisa científica têm evidenciado os efeitos difusos da modernidade técnica e industrial sobre a qualidade da vida humana e demais seres vivos, advindos dos processos múltiplos de poluição do ar, do solo, da água, da redução da qualidade da alimentação humana, das inúmeras fontes de stress psicológico provenientes da vida urbana, dos ambientes e relações de trabalho e dos conflitos da sociabilidade moderna. Portanto, a estreita correlação da saúde do planeta e a saúde pública implicam em mudanças de estilo de vida que promovam a saúde mental, corporal e espiritual por meio da responsabilidade social, para consigo, com os outros seres vivos e com o planeta, de modo a possibilitar a recuperação de doenças, prevenção e promoção de saúde. Além disso, é preciso considerar que mudanças significativas só ocorreram de maneira consciente, a partir de um novo paradigma enquanto visão de mundo, pois:

Ao investigarmos as raízes de nosso atual dilema ambiental e suas conexões com a ciência, a tecnologia e a economia, cumpre-nos reexaminar a formação de uma visão do mundo e de uma ciência que, ao reconceituar a realidade mais como uma máquina do que como um organismo vivo, sancionou a dominação da natureza e das mulheres. Têm que ser reavaliadas as contribuições de tais 'patriarcas' da ciência moderna como Francis Bacon, William Harvey, René Descartes, Thomas Hobbes e Isaac Newton (CAPRA, 1993, p.30).

Propostas para uma nova cultura, como a Permacultura, defendem o resgate de ensinamentos ancestrais para que seja estabelecido uma “tentativa de viver uma vida ética” e mais harmônica com a natureza (HOLMGREN, 2002, p.52). Isto não significa um retrocesso à modernidade, nem mesmo uma tentativa de voltar ao passado, mas sim de valorização do conhecimento com base na diversidade de saberes, em especial de culturas que perduraram por muito tempo de um modo mais equilibrado com o meio ambiente em que viviam (Idem, 2002), já que o elevado grau predatório para “manutenção de um padrão de qualidade de vida fundado no consumismo e na exploração da natureza” é insustentável (MINAYO, 2000, p.3).

É incontestável a problemática de caráter socioambiental representada pelo mau uso dos recursos naturais e pela falta de valores e princípios que norteiem a sociedade para um estilo de vida mais ético e harmônico entre os seres vivos e a natureza, pois, o modelo atual acarretou na:

[...] perda de valores humanos milenares nos planos da ética, da política, da convivência social e mesmo da sexualidade, em proveito a valorização do individualismo, do consumismo, da busca do poder sobre o outro e do prazer imediato a qualquer preço como fontes privilegiadas de consideração e *status* social (LUZ, 1997, p.18).

Deixando a maioria das pessoas inseguras quanto a seus valores e seu papel na sociedade diante, do embate entre as tradições culturais multifacetadas e a modernidade (HOLMGREN, 2002). Desta forma, devido ao comprometimento da qualidade das condições ambientais que sustentam a vida na terra, é fundamental que os valores da sociedade atual se convertam em princípios éticos de existência.

O surgimento de uma nova visão influenciando instituições através de Políticas Públicas pode ser evidenciado através de um novo perfil de atendimento a saúde como a PNPIC. Esta política representa o reconhecimento de conhecimentos tradicionais e a superação dos padrões patriarcais que se impuseram na medicina. Assim, como o reconhecimento do fenômeno de cura enquanto uma busca do indivíduo através da promoção do autocuidado, convidando a mudanças de hábitos não-saudáveis relacionados a nosso estilo de vida depredatório. Assim, essa democratização do processo de cura, descentraliza a figura do médico trazendo uma perspectiva inovadora para o campo da saúde pública, afinal:

A saúde dos seres humanos é predominantemente determinada, não por intervenção médica, mas pelo comportamento, pela alimentação e pela natureza de seu meio ambiente. Como essas variáveis diferem de cultura para cultura, cada uma tem suas próprias enfermidades características, e, na medida em que mudam gradualmente a alimentação, o comportamento e as situações ambientais, mudam também os tipos de doença (CAPRA, 1993, p.118).

A implementação desta Política Pública através dos Centros de Práticas Integrativas e Complementares, constitui um grande avanço na saúde pública de modo a promover a pluralidade do atendimento de assistência a saúde, por meio de uma abordagem mais humanizada. O Cpics Equilíbrio do Ser constitui uma das experiências pioneiras no âmbito nacional de um Centro de atendimento especializado em PICs contando com uma equipe multidisciplinar, ofertando uma diversidade de tratamentos, que trabalham desde a autoestima, socialização, alimentação saudável, atividades

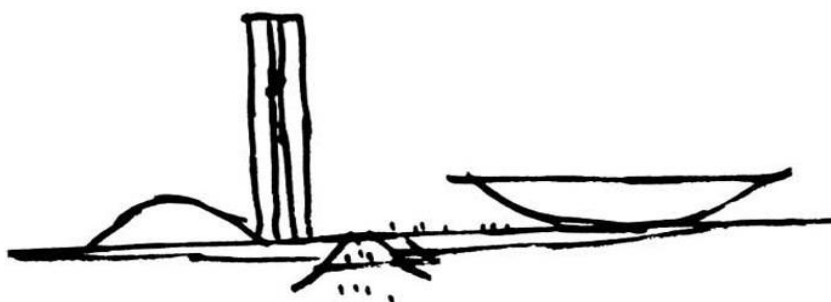


físicas, mentais e espirituais que demandam um perfil profissional diferenciado. Assim, a presença positiva de Capital Social na instituição é essencial para um serviço de qualidade que atenda os propósitos da PNPIC.

Afinal, a postura e dedicação dos agentes governamentais é um dos fatores do sucesso ou fracasso das Políticas Públicas, a adesão comunitária conquistada muitas vezes através destes agentes é outro fator primordial, entretanto, este estudo não se debruçou sobre a participação, contribuição e satisfação do serviço em relação aos usuários em geral, sendo necessários mais estudos sobre esta temática. Além disso, a presença positiva no Capital Social entre os funcionários do Cpics Equilíbrio de Ser, observada nestes estudo, é estimulada através de inúmeros fatores já elucidados, mas em especial devido a formação continuada em PICs, que sensibiliza e gera vínculos interpessoais entre as pessoas em formação através do compartilhamento de interesses em comum; e também devido a horizontalidade na tomada de decisões que dizem respeito à gestão das PICs, por conta de uma Coordenação Geral comunicativa e disposta a vias de ações discutidas entre a equipe de funcionários. O fortalecimento do Capital Social através de relações formais e informais é um determinante para um ambiente de trabalho saudável e para a saúde dos indivíduos (ROSE, 2000). Podendo ser concluído a existência de um elevado nível de colaboração para vias de ações coletivas, o próprio espaço das atividades permaculturais, por exemplo, como a mandala central, foram inicialmente construídas através de mutirão entre os próprios funcionários do Cpics:

[...] algumas semanas antes de inaugurar, já tinha a equipe pronta que ia trabalhar no Equilíbrio do Ser, e aí nas reuniões de preparação a gente foi fazendo convocação de mutirões, pra começar a deixar pelo menos a mandala inaugurada, pronta pra inauguração né. Aí a gente convocou voluntários mesmo não sendo da equipe, mas pessoas que já tinham o conhecimento da permacultura e se sensibilizaram com a ideia. Então, a gente fez uma divulgação na época por meio da rede virtual de permacultura em João Pessoa e algumas pessoas foram pela rede de permacultura, e outras foram pela comunidade mais algumas pessoas da própria equipe de trabalho Cpics (transcrição de entrevista com Fábio Henrique Miranda).

Levando isso em consideração, as instituições desempenham um papel significativo na contribuição com o desenvolvimento local, através da disseminação de práticas de transformação social que através de princípios de solidariedade e cooperação podem desenvolver o sentimento de comunidade com responsabilidade coletiva, podendo resultar em inúmeros benefícios, sociais, ambientais,





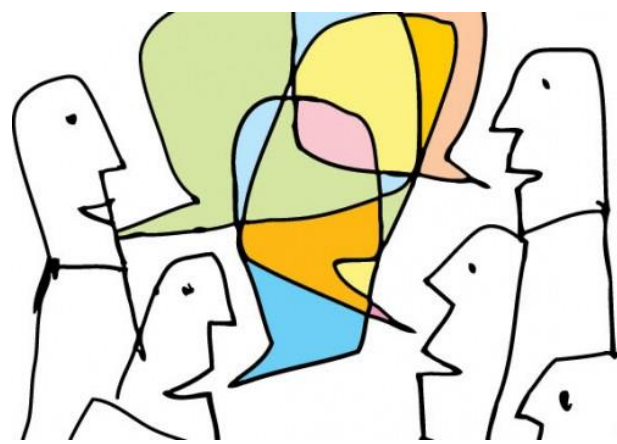
econômicos, etc. (MILANI, 2003).

Milani (2003) identificou em seus estudos, dois fatores como fortalecedores do Capital Social, que corroboram com os resultados apresentados nesta pesquisa. O primeiro diz respeito ao papel das instituições no fortalecimento do Capital Social, e o segundo diz respeito ao sentimento comunitário que fortalece os laços e amplifica valores como a cooperação e a solidariedade, convertidos em benefícios econômicos, o que pode ser identificado pelo papel desempenhado pela feira agroecológica.

A ação coordenada em prol das PICs permite uma melhor organização da comunidade, possibilitando uma maior troca de informações, o que influencia na pressão exercida para a conquista de objetivos comuns, ou mesmo na mobilização para atingi-los. Todavia, o Capital Social também pode exercer efeitos negativos para o desenvolvimento de um grupo, através da exclusão social aos membros não pertencentes ou pela falta de renovação dos integrantes que compõem a rede de trocas, o que acarreta o isolamento do grupo não ampliando o seu potencial benéfico, entretanto, por estarem inseridos em redes e em formação contínua esta problemática não é significativa em relação ao Cpics Equilíbrio do Ser.

O reconhecimento e facilitação dos elementos que constituem o Capital Social de uma comunidade são essenciais para que haja uma participação mais ativa para a promoção da saúde, ou seja, também trata da promoção do empoderamento social que pode ser entendido como “o processo de ação social que promove a participação de organizações, da comunidade e das pessoas de modo a proporcionar um maior controle individual e comunitário, politicamente eficaz, melhorando a qualidade de vida e a justiça social” (SAPAG; KAWACHI, 2007, p.89).

Levando isso em consideração é possível estabelecer uma correlação entre o fortalecimento do Capital Social, promoção da saúde e desenvolvimento sócio comunitário, pois para que haja efetividade das políticas públicas de saúde pública e a “concretização de mudanças sociais sustentadas e sustentáveis, é essencial que ocorra o empoderamento social” e a melhoria da qualidade de vida (ARCO, 2012, p.8). Afinal uma participação social ativa, de acordo com Benevides permite uma maior qualidade dos serviços públicos possibilitando também





o aumento da abrangência dos serviços prestados (BASTOS; SANTOS; TOVO, 2009). De acordo com Souza e Grundy (2004) o aumento do poder comunitário através do Capital Social, de modo a facilitar ações coordenadas infere diretamente sobre a saúde da população, assim estudos que contemplem o Capital Social comunitário são necessários para analisarem o impacto dos Cpics.

Através da iniciativa dos próprios terapeutas do Centro e com o apoio da Coordenação Geral, a área que seria inicialmente utilizada para ser um estacionamento no espaço interno do Cpics Equilíbrio do Ser, foi preparada para receber atividades de permacultura realizadas como prática terapêutica coletiva. Esta prática foi inserida nas PICs por meio do eixo da Saúde e Bem-Estar Espiritual da pétala da permacultura e contribui com os objetivos do Cpics através da realização de atividades de jardinagem de maneira terapêutica, que possibilitam a troca de saberes e a interação entre os atores envolvidos sobre os três princípios éticos que regem a permacultura o cuidado com a terra, o cuidado com as pessoas e partilha dos excedentes.



Assim como o fenômeno da cura encontra-se estritamente relacionado com a promoção do autocuidado, a transição para uma cultura ecológica depende da busca pela auto-suficiência.



Na medida em que reduzimos nossa dependência da economia global e a substituímos pelas economias locais e domésticas, reduzimos as demandas que geram as atuais desigualdades. Assim, “cuide de você primeiro” não é um convite à ganância, mas um desafio para o crescimento por meio da autossuficiência e da responsabilidade pessoal (HOLMGREN, 2002, p. 59).

Levando isso em consideração a:

A jornada da Permacultura se inicia a partir das éticas e dos princípios de design, e percorre os domínios fundamentais necessários para a criação de uma cultura de sustentabilidade. O caminho evolucionário em espiral reúne todos estes campos de domínio, iniciando por um nível pessoal e local e evoluindo para um nível coletivo e global (permacultureprinciples.com).

O campo da Saúde e Bem-Estar Espiritual, na qual se inseriu as atividades de permacultura, compõem uma das pétalas de sistemas de design e soluções que foram associadas a uma visão mais abrangente da Permacultura, sendo composta dos seguintes fundamentos:

Parto em casa e Aleitamento materno

Requerendo o nascimento e a nutrição infantil como parte da economia da natureza e doméstica.

Medicina Complementar e Holística

Um espectro amplo de se apropriar dos cuidados com a saúde fora da medicina alopática convencional.

Yoga, Tai Chi, Capoeira e outras disciplinas de corpo/mente/espírito



A manutenção da saúde através de exercícios planejados regulares baseados em tradições orientais.

Espírito do lugar, renascimento cultural indígena

Reconexão com valores espirituais e culturais de lugar e “país”.

Morte Digna

Movimento para requerer a morte fora da medicina institucionalizada (Idem).

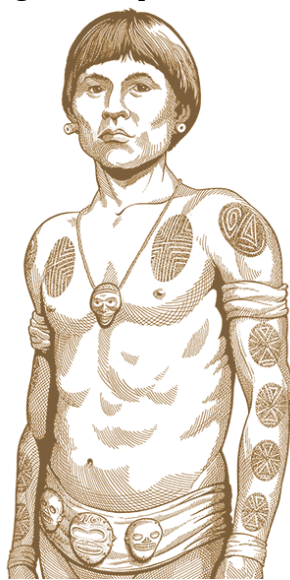
As atividades de permacultura do Cpics Equilíbrio do Ser encontram-se em uma jornada repleta de desafios, desde a arrecadação de verba, até o manejo adequado do espaço enquanto proposta terapêutica e arranjo produtivo permacultural. A formação continuada do coletivo PermaneSer através do grupo de estudos e da formação na Educação Gaia irão possibilitar novas propostas de planejamento e vias de ação assim como o estabelecimento de novas parcerias, portanto, o acompanhamento do papel das PICs através desta atividade compõe um novo cenário de estudo sobre o desenvolvimento da permacultura urbana no município de João Pessoa.

Por fim a Permacultura Tupiniquim

Por se adaptar as necessidades locais, a permacultura no Brasil ainda precisa de uma caracterização que promova sua disseminação, pois:

[...] ela chega no Brasil, com uma cara mais Européia, mais Australiana, e aí nós somos América Latina, nós somos outra raça, a gente trouxe essa pegada do Paulo Freire pra dentro da permacultura, do movimento sem Terra, dos movimentos sociais, então eu sinto que a permacultura, tá nessa transição também, desses modelos, pra um modelo mais tupiniquim, um modelo mais brasileiro, mas com certeza esbarra na falta de financiamento que acaba dificultando o processo de profissionalização (transcrição de entrevista com o permacultor Marcos Ninguém).

No contexto nordestino, Marcos Ninguém foi um dos permacultores pioneiros responsáveis pela formação de muitos dos indivíduos que promoveram movimentos permaculturais na Paraíba. Entretanto, esta primeira formação foi possível devido ao estímulo dos agentes governamentais que articularam para o oferecimento de um PDC gratuito, que abriu caminhos para a inserção institucional da permacultura.



[...] a permacultura ela tem sair dos institutos apenas e de alguns grupos, ela tem que virar política pública essa é uma das novas tendências que veio com Robin Hopinks, em cidades em transição e justamente a permacultura ela tá entrando em diversos setores da sociedade e principalmente como política pública, como saneamento ambiental, como saúde holística, como construções ecológicas [...] a gente sonha também de para além das capacitações em parceria com o governo e com projetos governamentais, com o apoio do governo, a gente que avança pra realmente mexer nisso em nível mais estrutural, por exemplo, de estar desenvolvendo casas populares ecológicas, entre outras iniciativas assim como o projeto dos meninos do Permanecer que é isso, aproveita e inserir a permacultura que muitas vezes é

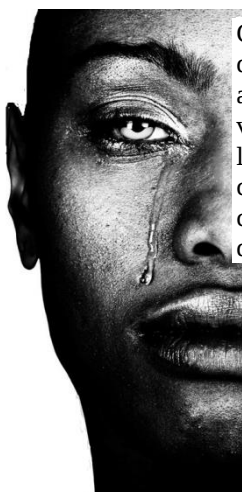
como um cavalo de Tróia e fazer com que chegue ao máximo de pessoas (transcrição de entrevista com o permacultor Marcos Ninguém).

Por ser um movimento criado dentro de outro contexto, a inclusão de problemáticas locais na busca por soluções permaculturais é fundamental para mudanças significativas na realidade regional. Na Paraíba, uma das mais fortes expressões populares encontram-se na cultura, e estando a cultura extremamente ligada as contribuições africanas e de seus descendentes, o racismo é uma das problemáticas das quais diante do princípio do cuidado com as pessoas precisa ser trabalhado na permacultura, para que esta também não seja aplicada de maneira a contribuir com o eurocentrismo.

Em algumas discussões informais me deparei com o discurso de que a permacultura não se preocupa com crenças, etnias, gêneros, idades, etc. ela é para todos. Assim, o cuidado com as pessoas se baseia em princípios de igualdade, entretanto, quando não reconhecemos as diferenças que se impõem, tornamos invisíveis sua existência. Assim como disse Boaventura dos Santos pensador renomado:

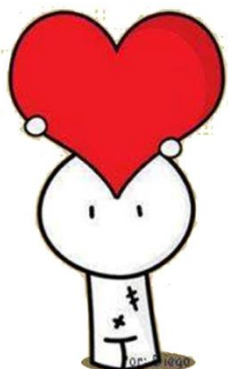
Temos o direito de ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito de ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades.

O estado da Paraíba encontra-se entre os estados da Região Nordeste onde o jovem negro corre mais risco de exposição à violência. Em João Pessoa 83% dos jovens assassinados são negros, para cada branco vítima de arma de fogo, morrem proporcionalmente mais de 10 negros, vítimas de homicídio intencional. Esta violência não é apenas a violência homicida, com vitimização juvenil negra, mas, são também resultantes das más condições de vida, de políticas de segregação sócio-espacial, e ausência do Estado na geração de oportunidades que sejam interessantes e potencializem as características destes jovens em situação de risco (WAISELFISZ, 2014). A cultura ecológica se baseia em uma cultura de paz, assim, diante da necessidade da permacultura se adaptar a realidade local é fundamental que nos debrucemos sobre o racismo e suas consequências no Estado da Paraíba.



Chamamos de genocídio todas as ações, e a falta delas, de governo ou Estado que tem impacto negativo na qualidade de vida do povo negro, como, ausência de saneamento básico, redes de esgoto, saúde pública de qualidade, violência policial e encarceramento em massa. Estas políticas de Estado têm levado milhões de negros e negras à morte. O genocídio atual preserva características da escravidão em que nós negros e negras fomos tratados como objetos e mercadorias (Trecho retirado da página Contra o Genocídio do Povo Preto/facebook).

Uma das vias utilizadas como ferramenta de transformação e enfrentamento do racismo, é a cultura popular. A cultura popular constitui uma das vias de ação de fundamental importância para comunidades em situação de risco:



As manifestações tradicionais brasileiras se encontram inseridas no cotidiano da sociedade por meio da perpetuação de valores e costumes regionais que expressam diferentes princípios culturais. Assim, fortalecer a diversidade cultural consiste em um modo de legitimar o cidadão enquanto sujeito importante, único e indispensável dentro de um contexto maior. Cabe destacar que nenhuma cultura é melhor que a outra, no entanto, percebemos que a importância da Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena na formação do povo brasileiro, bem como a desvalorização destas matrizes culturais em decorrência do processo de colonização e do racismo estruturante em nossa sociedade (trecho retirado do Histórico do Grupo Sementes da Jurema).

A musicalidade, ritmos, danças e tradições da cultura Paraibana e nordestina em geral constituem uma de suas características sociais regionais mais relevantes como via de ação na propagação, reconhecimento e valorização da ancestralidade do povo brasileiro e populações marginalizadas para o enfrentamento do racismo e para a transição para uma cultura ecológica. Afinal, as manifestações tradicionais brasileiras possuem uma estreita relação com o meio natural, transmitidas através de representações dos elementos naturais pelas entidades religiosas de matriz africana e afro descendentes (por exemplo, Iemanjá rainha do mar); por canções que cantam as relações com a natureza; pela estreita relação na confecção de instrumentos artesanais como o bumbo de macaíba com pele de bode, o berimbau, a rabeca e entre outros.

“A sustentabilidade é divertida, se não é divertido não é sustentável”⁵⁰, desta forma as manifestações tradicionais brasileiras constituem uma das vias para o estabelecimento de elos em prol de um movimento de transição ecológica pois:

As expressões artísticas, podem contribuir com a elevação do carácter do ser humano, pois, são capazes de transmitirem verdadeiras vibrações espirituais vindas do artista (IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL DO BRASIL).

A cultura propicia integração, diversão e criatividade, assim é fundamental que para o estabelecimento de uma Permacultura Tupiniquim seja inserido as manifestações culturais durante a transição ecológica como via de ação para lidar com as problemáticas locais de modo a se tornar uma diversão levada a sério. Afinal, o artista é “um orientador espiritual do povo, à vista que o espírito de quem cria comunica-se, por meio de sua obra, com aquele que a aprecia” (Idem).

⁵⁰Frase de permacultores



Por fim, concluo que este mestrado integrado com o que se tornou minha ideologia de vida, consistiu na primeira etapa para a implementação de um *design* em permacultura, através da observação e interação⁵¹. As próximas etapas irão consistir no planejamento para vias de ação, este é o ano que batizo de PRAGMÁTICO e será impulsionado por uma série de parcerias e formações que tenho certeza que irão se estabelecer por meio do segundo PDC municipal e da formação Gaia da qual já me encontro. Por fim, minha pesquisa e colaboração com as atividades de permacultura do Cpics Equilíbrio do Ser estão se convertendo de pesquisa participante para pesquisa e ação, procurando a cada novo passo, retrocesso, persistência e conquista aplicar os princípios de *Design* em Permacultura nos mais diversos âmbitos da minha vida (Figura 22).



⁵¹Primeiro princípio da Permacultura guiado pelas seguintes máximas: “todas as observações são relativas; pensamento de cima para baixo, ação de baixo para cima; a paisagem é um livro-texto; o fracasso é útil quando aprendemos com ele; as soluções elegantes são simples, até mesmo invisíveis; faça a menor intervenção necessária; evite o excesso de algo bom; o problema é a solução; reconheça e escape dos becos sem saída do design” (HOLMGREN, 2002, P.70)

 1. Observa e interactúa "La belleza está en los ojos del que la percibe"	 7. Diseñar desde los patrones hacia los detalles "El árbol no deja ver el bosque"
 2. Captura y almacena energía "Recoge el heno mientras el sol brilla"	 8. Integrar más que segregar "Muchas manos aligeran el trabajo"
 3. Obtén un rendimiento "No puedes trabajar con el estómago vacío"	 9. Usar soluciones lentas y pequeñas "Cuanto más grande, más dura es la caída" "Lento y seguro se gana la carrera"
 4. Aplica la autorregulación y acepta la retroalimentación "Los pecados de los padres se castigan en los hijos hasta la séptima generación"	 10. Usar y valorar la diversidad "No pongas todos los huevos en la misma canasta"
 5. Usa y valora los servicios y recursos renovables "Dejemos que la naturaleza siga su curso"	 11. Usar los bordes y valorar lo marginal "No pienses que estás en el buen sendero sólo porque hay muchas pisadas"
 6. Deja de producir desperdicios "Evitando producir residuos, se evita generar carencia" "Más vale prevenir que curar"	 12. Usar y responder creativamente al cambio "La visión no es ver las cosas como son sino como serán"

Figura 5. Princípios da permacultura.
Fonte: <http://permaculturaenraizando.org>

Não usemos bombas nem armas
para conquistar o mundo. Usemos
o amor e a compaixão
Madre Teresa



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, L. S. **A construção social da relação com o meio ambiente entre agricultores familiares da Floresta Atlântica Brasileira**. IMOPI, p.1-147, 2005.
- ABREU, L. S. D.; KLEDAL, P. R.; PETTAN, K.; RABELLO, F.; MENDES, S. C. Trajetória e situação atual da agricultura de base ecológica no Brasil e no estado de São Paulo. **Cadernos de Ciência e Tecnologia**, v. 26, n. 1, p. 149-178, 2009.
- ABU-EL-HAJ, J. O debate em torno do Capital Social: uma revisão crítica. Rio de Janeiro: **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, n. 47, p. 65-79, 1999. Disponível em: <http://www.academia.edu/5796904/O_Debate_em_Torno_do_Capital_Social_Uma_Revis%C3%A3o_Cr%C3%ADtica> Acesso em: 15 abr. 2015. Acesso em: 15 de jun. 2015.
- ALBAGLI, S.; MACIEL, M. L. Capital Social e empreendedorismo local. Em: Lastres, H. M. M. e colaboradores (coordenação) **Proposição de políticas para a promoção de sistemas produtivos locais de micro, pequenas e médias empresas brasileiras I, Fase II**, p. 1-28, 2002. Disponível em: <www.ie.ufrj.br/redesist.com> Acesso em: 15 set. 2014.
- ANDRADE, J. T.; COSTA, L. F. A. Medicina Complementar no SUS: práticas integrativas sob a luz da Antropologia médica. **Saúde Sociedade**: São Paulo, v.19, n.3, p.497-508, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/sausoc/article/viewFile/29665/31537>> Acesso em: 13 ago. 2014.
- ARCO, A. Capital Social e saúde: um espaço de interação estrutural. **Repositório Comum**, p. 1-10, 2012. Disponível em: <<http://comum.rcaap.pt/handle/123456789/4079>> Acesso em: 13 dez. 2014.
- ARRIAGADA, I. **Breve guía para La aplicación del enfoque de Capital Social em los programas de pobreza**. Santiago de Chile: Cepal, p. 1-55, 2006.
- ATAÍDE, Y. D. B. A educação e a cultura da paz. **Revista da FAEBA**, v.9, n.14, p.1-11, 2000. Disponível em: <http://ddd.uab.cat/pub/ideconpaz/ideconpaz_a2008m7n2.pdf> Acesso em: 12 jun 2015
- BACELAR, T. As políticas públicas no Brasil: herança tendências e desafios. In: **Políticas públicas e gestão local: programa interdisciplinar de capacitação de conselhos municipais**. Santos Jr., O. A. [et al] (organizadores). Rio de Janeiro: Fase, 2003. Disponível em: <<http://franciscoqueiroz.com.br/portal/phocadownload/gestao/taniabacelar.pdf>> Acesso em: 12 ago. 2014.
- BASTOS, F. A.; SANTOS, E; TOVO, M. F. Capital Social e Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil. São Paulo: **Saúde e Sociedade**, v. 18, n. 2, p. 177-188, 2009.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902009000200002> Acesso em: 20 jul. 2014.

BOFF, L. **Sustentabilidade. O que é - O que não é**. Petrópolis: Vozes, p.34, 2012.

BOURDIEU, P. The forms of capital (1986). **Cultural theory: An anthology**, p. 81-93, 2011.

BUB, M. B. C.; MEDRANO, C.; SILVA, C. D. D., WINK, S., LISS, P. E.; SANTOS, E. K. A. D. A noção de cuidado de si mesmo e o conceito de autocuidado na enfermagem. **Texto Contexto Enferm**, v.15, p. 152-7, 2006.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares - PNPIC**. Brasília, 2006a. Disponível em: <www.saude.gov.br/ewww.amhb.org.br>. Acesso em: 20 jul. 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Medicina Natural e Práticas Complementares – PMNPC**. Brasília, 2005. . Disponível em: <<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/ResumoExecutivoMedNatPratCompl1402052.pdf>> Acesso em: 20 jul. 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Medicina Natural e Práticas Complementares – PMNPC**. Brasília, 2005. . Disponível em: <<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/ResumoExecutivoMedNatPratCompl1402052.pdf>> Acesso em: 20 jul. 2014.

BRASIL. **Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção a Saúde**. Departamento de Atenção Básica. **Práticas Integrativas e Complementares: plantas medicinais e fitoterapia na Atenção Básica/Ministério da Saúde**, p. 97-110. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

BRASIL. **Ministério do Desenvolvimento Agrário Agricultura Familiar no Brasil e o Censo Agropecuário de 2006**. Brasília: MDA, 2009. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/agri_familiar_2006/familia_censoagro2006.pdf> Acesso em: 8 out. 2015.

CAPORAL, F. R.; PETERSEN, P. Agroecologia e políticas públicas na América Latina: o caso do Brasil. **Agroecología**, v. 6, p. 63-74, 2011.

CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1998.

CAPRA, F. **O ponto de mutação, a sociedade e a cultura emergente**. São Paulo: Cultrix, 1993.

CARSON, R. **Primavera silenciosa**. São Paulo: Gaia. 2 edição, p.1-304, 1968. Disponível em: <https://biowit.files.wordpress.com/2010/11/primavera_silenciosa_-_rachel_carson_-_pt.pdf> Acesso em: 12 jun 2015.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários**. São Paulo: Ed. McGraw-Hill do Brasil, 1983.

CHEN, T.; JANKE, M. C. Gardening as a potential activity to reduce falls in older adults. **Journal of aging and physical activity**, v. 20, n. 1, p. 15-31, 2012.

CMMAD, Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Nosso futuro comum. **Fundação Getúlio Vargas. Rio**, 1988.

COLEMAN, J. Social capital in the creation of human capital. **American Journal of Sociology**, v. 94, p. 95-120, 1988. Disponível em: <<http://courseweb.lis.illinois.edu/~katewill/forchina/readings/coleman%201988%20social%20capital.pdf>> Acesso em: 20 jul 2014.

CONCEITO.DE. **Conceito de estado de direito**. Disponível em: <<http://conceito.de/estado-de-direito>> Acesso em: 12 ago. 2014.

CUÉLLAR SAAVEDRA, Ó.; MORENO ARMELLA, F. Del crecimiento económico al desarrollo humano: Los cambiantes usos del concepto de desarrollo en América Latina, 1950-2000. **Sociológica**, v. 24, n. 70, p. 83-114, 2009.

D'ARAUJO, M. C. **Capital Social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 2003.

DANTAS, B. N. R. **Saberes ambientais: proposta de turismo ecopedagógico em espaços institucionais com permacultura na cidade de João Pessoa- Paraíba**. (Graduação em Turismo). Departamento de Turismo da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa: UFPB, p.1-113, 2014.

DAVIS, S. Development of profession of horticulture therapy. *Em*: Simson, S.; STRAU, M.C. (Eds.), **Horticulture therapy: Principles and practice** Binghamton, NY: Food Products Press, p. 3–18, 1997.

DEBASTIANI, L. F.; VARGAS; C. Apostila de Reiki Nível 1. **Essencialquimia**, n.1, 2008. Disponível em: <<http://lucianodebastiani.com/wp-content/uploads/Apostila-Reiki-N1-Luciano-Debastiani.pdf>> Acesso em: 27 fev. 2016.

DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 2001.

DISCOVERY INSTITUTE. **What is the theory of intelligent design?** Disponível em: <<http://www.discovery.org/id/faqs/#questionsAboutIntelligentDesign>> Acesso em: 04 mar. 2016.

DOBBERT, L. Y. **Áreas verdes hospitalares-percepção e conforto**. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Piracicaba, 2010. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/11/.../Lea_Yamaguchi_Dobbert.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2015.

DUPAS, G (Organizador). **Meio-ambiente e crescimento econômico: tensões estruturais**. São Paulo: Unesp, 2008.

ENGEL, V. L. **Introdução aos Sistemas Agroflorestais**. Botucatu: FEPAF, 1999. 70 p.

FARIAS, T. Princípios gerais do Direito Ambiental. **Revista prima facie-direito**, v. 5, n. 9, p. 126-148, 2006. Disponível em: <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/26874-26876-1-PB.pdf> >. Acesso em: 27 ago. 2014.

FONSECA, S. de M. Movimento ambientalista e desenvolvimento sustentável, um breve histórico. **Anais do III Encontro Nacional de Economia Ecológica**, Recife, 1999.

FONTANELLA, F.; SPECK, F. P.; PIOVEZAN, A. P.; KULKAMP, I. C. Conhecimento, acesso e aceitação das práticas integrativas e complementares em saúde por uma comunidade usuária do Sistema Único de Saúde na cidade de Tubarão/SC. **Revista da Associação Catarinense de Medicina**, v. 36, n. 2, p.69-74, 2007.

FORMAÇÃO E PESQUISA EM CULTURA. **Seleção de projetos artísticos e culturais**, 2015. Disponível em: <http://www.consultacultural.pb.gov.br/fic/pdfs/FormacaoPesquisaemCultura.pdf> > Acesso em: 10 jul. 2015.

FUNDAÇÃO LAMA GANGCHEN PARA A CULTURA DE PAZ. **O que é Cultura de Paz?** Disponível em: <http://www.napaz.org.br/index.php/o-que-e-cultura-de-paz/> > Acesso em: 10 jul. 2015.

GERBER, R. **Medicina vibracional: uma medicina para o futuro**. São Paulo: Cultrix, 1988.

GRESSLER, S. C.; GÜNTHER, I. A. Ambientes restauradores: Definição, histórico, abordagens e pesquisas. Natal: **Estudos de Psicologia**, v. 18, p. 487-495, 2013.

GROOTAERT, C.; NARAYAN, D.; NYHAN, V. J.; WOOLCOCK, M. Questionário integrado para medir Capital Social (QI-MCS). **Grupo Temático sobre Capital Social. Washington, DC**, 2003.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Ed. Atlas, 1999.

HOLMGREN, D. **Os Fundamentos da permacultura**. Versão em português: Ecossistemas Design Ecológico, 2007. Disponível em: http://holmgren.com.au/downloads/Essence_of_Pc_PT.pdf > Acesso em: 01 jul. 2014.

HOLMGREN, D. **Principles and pathways beyond sustainability**. Holmgren Design Services, Hepburn, 2002.

IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL DO BRASIL. **Belo**. Disponível em: <http://www.messianica.org.br/colunas-da-salvacao/belo> > Acesso em: 04 mar. 2016.

INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, 2016. Disponível em:
<<http://www.inpe.br/>> Acesso em: 03 mar. 2016.

INSTITUTO DE PERMACULTURA DA BAHIA. Permacultura - Da agricultura permanente à sociedade sustentável. Disponível em:
<<http://permaculturabahia.org.br/interna.php?cod=14>> Acesso em: 15 de jun. 2015.

INSTITUTO ROERICH PAZ E CULTURA DO BRASIL. **Bandeira da paz.** Disponível em: <<http://roerich.org.br/portal/bandeira-da-paz-e-cultura/>> Acesso em: 20 jul. 2015.

IPEC. **PDC – Permacultura, design e consultoria.** Disponível em:
<<http://www.ecocentro.org/cursos/pdc/>> Acesso em: 15 de jun. 2015.

IPOEMA. **Design da permacultura.** Disponível em:
<<http://www.ipoema.org.br/ipoema/portfolios/pdc/>> Acesso em: 15 de jun. 2015.

KEOGH, J.W.; KILDING, A.; PIDGEON, P.; ASHLEY, L.; GILLIS, D. Physical benefits of dancing for healthy older adults: A review. **Journal of Aging and Physical Activity**, v.17, p.479–500, 2009.

KLIKSBERG, B. **Falácias e mitos do desenvolvimento social.** Brasília: UNESCO, 2001.

LAMPA, F. M. **Recampesinização na distribuição de alimentos: uma análise comparativa entre dois núcleos da Rede Ecovida de Agroecologia e suas relações com os mercados.** Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

LAURO, M. M. A razão áurea e os padrões harmônicos na natureza, artes e arquitetura. **Exacta, São Paulo**, v. 3, p. 35-48, 2005. Disponível em:
<http://www.uninove.br/PDFs/Publicacoes/exacta/exacta_v3/exactav3_3b_01.pdf>
Acesso em: 6agos. 2015.

LEITE, F. D. C.; CARVALHO, A.C. Novo momento do SUS: realidade das PIC em João Pessoa. *Em: Encontro nordestino de práticas integrativas e complementares à saúde, 2013, Juazeiro. Anais.* Petrolina: UNIVASF. 2013, p. 344-347. Disponível em:
<<http://www.encontropicsne.univasf.edu.br/docs/anais26.05ultimo.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2014.

LEVY-COSTA, R. B.; SICHIERI, R.; PONTES, N. D. S.; MONTEIRO, C. A. Disponibilidade domiciliar de alimentos no Brasil: distribuição e evolução (1974-2003). **Revista de Saúde Pública**, v. 39, n. 4, p. 530-40, 2005.

LÍGIA TAVARES. **Permacultura no Centro de Estudos e Práticas Ambientais da Bica.** Disponível em:
<<http://www.ligiatavares.com/index.php?secao=atividade&id=5>> Acesso em: 15 de jun. 2015.

LIU, Y.; LIAO, J. Analysis on health care function of horticultural therapy. *Em: 2nd International Conference on Civil, Materials and Environmental Sciences*. Atlantis Press, p.1-3, 2015

LOCHNER, K.; KAWACHI, I.; KENNEDY, B. Social capital: a guide to its measurement. **Health and Place** [Internet], v.5, n.1999, pp.259-270, 1999. Disponível em: <www.elsevier.com/locate/healthplace> Acesso em: 04 mar. 2015.

LUZ, M. T. Cultura contemporânea e medicinas alternativas: novos paradigmas em saúde no fim do século XX. Rio de Janeiro: **Revista de Saúde Coletiva**, v.7 n.1, p.13-43, 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v15s0/v15s0a08.pdf>> Acesso em: 15 mai. 2015.

MACHADO, C. E. D. **Ciência, tecnologia e inovação africana e afrodescendente**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2014.

MACHADO, L. C. P.; MACHADO FILHO, L. C. P. **Dialética da agroecologia - contribuição para um mundo com alimentos sem veneno**. 1 Edição. São Paulo: Expressão Popular, p. 360, 2014.

MARCUS, C. C.; BARNES, M. **Gardens in healthcare facilities: Uses, therapeutic benefits, and design recommendations**. Center for Health Design, 1995.

MARIZÁ EPICENTRO DE CULTURA E AGROECOLOGIA. **Marsha Hanzi**. Disponível em: <<http://www.marsha.com.br/marsha-hanzi/>> Acesso em: 15 de jun. 2015.

MATTOS, R. A. Os sentidos da integralidade: algumas reflexões acerca de valores que merecem ser defendidos. Em: PINHEIRO, R.; MATTOS, R. A. (Organizadores) **Os sentidos da integralidade na atenção e no cuidado à saúde**. Rio de Janeiro: UERJ/IMS: ABRASCO, p.39-64, 2001.

MCKENZIE, K.; HARPHAM, T. Meanings and uses of social capital in the mental health field. Em: MCKENZIE, K.; HARPHAM, T. Social capital and mental health. London: **Jessica Kingsley Publishers**, p.11-23, 2006. Disponível em: <<http://bjp.rcpsych.org/content/bjprcpsych/181/4/280.full.pdf>> Acesso em: 04 mar. 2015.

MENDONÇA, R. T.; MARINHO, J. L. Medicamentos e Agrotóxicos: um estudo comparativo. **Revista Estudos**, v. 35, n. 3, p. 465-479, 2008.

MILANI, C. Teorias do Capital Social e desenvolvimento local: lições a partir da experiência de Pintadas (Bahia, Brasil) 2003. *Em: IV Conferência regional, ISTR-LAC, San José, Costa Rica*. Disponível em: <http://www.plataformademocratica.org/Publicacoes/690_Cached.pdf> Acesso em: 29 mar. 2015.

MINAYO, M. C. de S. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.5, n.1, p.7-18, 2000.

- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Agenda 21 Global**. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/responsabilidade-socioambiental/agenda-21/agenda-21-global>> Acesso em: 01 mar. 2016.
- MIRANDA, M. B. Homens e mulheres: a isonomia conquistada. **Revista Eletrônica Direito, Justiça e Cidadania, São Roque**, v. 2, n. 1, p. 1-25, 2011. Disponível em: <http://www.facsao Roque.br/novo/publicacoes/pdfs/bernadete_drt_20111.pdf> Acesso em: 17 mar. 2016.
- MIRRA, A. L. V. Princípios fundamentais do Direito Ambiental. **Revista de Direito Ambiental**, v.1, n. 2, p. 50-66, 1996. Disponível em: <<http://www.direitoambiental.adv.br/ambiental.qps/Ref/PAIA-6SRNQ8>> Acesso em: 13 ago. 2014.
- MOLLISON, B; SLAY, R. M. **Introduction to Permaculture**. Tyalgum, Australia: TagariPublications, p.1-155, 1991.
- MOREIRA, R, J. **Agricultura familiar: processos sociais e competitividade**. Rio de Janeiro: Mauad, UFRRJ/CPDA, 1999.
- MORROW, R. **Permacultura passo a passo**. Pirenópolis: Mais Calango Editora, 2010.
- MUELLER, C. C. Avaliação das duas correntes da economia ambiental: a escola neoclássica e a economia da sobrevivência. **Revista de economia política**, v.18, n.2, p. 66 – 89, 1998. Disponível em: <<http://www.rep.org.br/PDF/70-5.PDF>>. Acesso em: 10 jun. 2015.
- OLDS, A. R. Nature as healer. **Children's Environments Quarterly**, v. 6, n.1, p. 27-32, 1989.
- OMKAR, S.N.; VISHWAS; S.; TECH, B. Yoga techniques as a means of core stability training. **Journal of Body work and Movement Therapies**, v.13, p. 98–103, 2009.
- OMS. Organização Mundial da Saúde. **Estratégias de la OMS sobre medicina tradicional 2002-2005**. Genebra: Organização Mundial da Saúde. 2002. Disponível em: <http://whqlibdoc.who.int/hq/2002/WHO_EDM_TRM_2002.1_spa.pdf> Acesso em: 19 jul 2014.
- PEDROSA; J. I. S. A educação popular e a formação dos trabalhadores de nível médio da saúde. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 5 n. 1, p. 125-138, 2007. Disponível em: <<http://www.revista.epsjv.fiocruz.br/upload/revistas/r161.pdf>> Acesso em: 11 ago. 2014.
- PEREIRA, M. B. G.; GUTIERREZ, S. **O mecanismo de desenvolvimento limpo setorial: perspectivas para o desenvolvimento sustentável brasileiro**. Texto para Discussão, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2009.
- PEREIRA, R. K.; LIMA, G. F. da COSTA, O encontro da caravana arco-íris na Paraíba: Uma vivência alternativa da cultura da paz. **Anais do I Congresso de Agroecologia do**

Semiárido e VII Simpósio Brasileiro sobre Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável do Semiárido. Mossoró: UFERSA, 2015.

PEREIRA, R. K.; MIRANDA, F. H., DOUGLAS, C.; DA COSTA SILVA, A. Atividades Permaculturais: a experiência no SUS. **Cadernos de Agroecologia**, v.10, n.2, 2015.

PERUZZO, C. M. K. Da observação participante à pesquisa-ação em comunicação: pressupostos epistemológicos e metodológicos. **Trabalho apresentado no III Colóquio Brasil-Itália de Ciências da Comunicação.** Belo Horizonte: Intercom, 2003.

PIAZZETTA, C. M. Danças circulares-sagradas e cirandas. **Revista FAP**, 2009. Disponível em: <www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/.../OFICINA_Dancas_Sagradas.pdf> Acesso em: 19 jul. 2015.

PINDORAMA. **PDC – Curso de Design em Permacultura.** Disponível em:<<http://pindorama.org.br/eventos/pdc-curso-design-permacultura/>> Acesso em: dez 2014.

POLANYI, K. **A grande transformação.** Leya, 1964. *Em:* BOFF, L. **Sustentabilidade. O que é - O que não é.** Petrópolis: Vozes, p.34, 2012.
PRATICAS DE LOS MUNICIPIOS. **Ideas para construir la paz.** Diplomacia municipal y otras iniciativas de los gobiernos locales para construir la paz, n. 2, 2008. Disponível em: <http://ddd.uab.cat/pub/ideconpaz/ideconpaz_a2008m7n2.pdf> Acesso em: 12 jun 2015.

PREFEITURA DE JOÃO PESSOA. **Notícia: Centro de Práticas Integrativas comemora dois anos de atividades com programação especial**, 2014. Disponível em: <<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/centro-de-praticas-integrativas-comemora-dois-anos-de-atividades-com-programacao-especial/>>. Acesso em: 22 jul 2014.

PUTNAM, R. D. The prosperous community: Social capital and public life. **The American Prospect** [Internet], n.13, p. 35-42, 1993.

PUTNAM, R. D. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna.** FGV Editora, 2000.

QUEIROZ, D. T.; VALL J.; ALVES, S. A. M.; VIEIRA, N. F. C. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. **Enfermagem UERJ**, v. 15, n. 2, p.276-83, 2007. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v15n2/v15n2a19.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2014.

RAMOS, R. C. L. (Org). **O que são as Danças Circulares dos Povos e Sagradas?** Disponível em: <<http://www.triom.com.br> acesso, 12-09-2008> Acesso em: 19 jul. 2015.

REDE DE PERMACULTURA DA PARAÍBA. **Rede de Permacultura da Paraíba**, 2010. Disponível em: <<http://permaculturaparaiba.blogspot.com.br/2010/05/rede-de-permacultura-da-paraiba.html>> Acesso em: 08 jun. 2015.

RIBEIRO NETO, H.; GOMES, J. FIB, IDH e PIB: Complementaridades e contrapontos entre os indicadores de desenvolvimento humano e das nações. *Em: II CONINTER – Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades*. Belo Horizonte, 2013.

RIBEIRO, L. C. Q. Republica democracia e reforma social. *Em: Políticas públicas e gestão local: programa interdisciplinar de capacitação de conselhos municipais*. Santos Jr., O. A. [et al] (organizadores). Rio de Janeiro: Fase, 2003.

RISÉRIO, A. **Anos 70: trajetórias**. Editora Iluminuras Ltda, 2006.

ROSE, R. How much does social capital add to individual health? A survey study of Russians. **Social Science and Medicine**, v.51, n.2000, p. 1421-1435, 2000. Disponível em: < <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11037227> > Acesso em: 29 abr. 2015.

ROVER, O. J. Agroecologia, mercado e inovação social: o caso da Rede Ecovida de Agroecologia. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 47, n. 1, p. 56-63, 2011.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 1986.

SANTOS, C. R. A. A alimentação e seu lugar na história: os tempos da memória gustativa. **História Questões e Debates**, v. 42, 2005.

SANTOS, F. F. S. **Capital Social: Vários conceitos, um só problema**. Dissertação de Mestrado – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, São Paulo: 2003. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/2403> > Acesso em: 29 abr. 2015.

SAPAG, J. C.; KAWACHI, I. Capital Social y promoción de La salud en América Latina. São Paulo: **Revista Saúde Pública**, v. 41, n. 1, p. 139-149, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102007000100019> Acesso em: 22 Set 2014.

SAWAYA, A. L.; FILGUEIRAS, A. "Abra a felicidade"? Implicações para o vício alimentar. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 27, n. 78, p. 53-70, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142013000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 out. 2015.

SILVA, M. B.; GRIGOLO, T. M. Metodologia para iniciação científica à prática da pesquisa e da extensão II. **Caderno Pedagógico**. Florianópolis: Ed. Udesc, 2002.

SCHEURMANN, E. **O Papalagui: comentários de Tuiávii, chefe da tribo Tiavéa nos mares do sul**. Marco Zero, 2003.

SCHUMACHER, E. F. **Small is beautiful**. Zahar, p. 318, 1973.

SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE DO PARANÁ. **O que são Políticas Públicas**, 2014. Disponível em:< http://www.meioambiente.pr.gov.br/arquivos/File/coea/pncpr/O_que_sao_PoliticasPublicas.pdf > Acesso em: 03 mar. 2015.

SILVA FILHO, C. B.; ALVES, M. L.; FORTES, L. Capital Social e Saúde Coletiva: O Programa Saúde da Família como cerne da política de saúde do SUS. *Em: I Conferência nacional de políticas públicas contra a pobreza e a desigualdade*, 2010, Natal. **Anais da Conferência Nacional de Políticas Públicas contra a pobreza e a desigualdade**.

Natal: UFRN, 2010. Disponível em:

<<http://www.cchla.ufrn.br/cnpp/pgs/anais/Artigos%20REVISADOS/CAPITAL%20SOCIAL%20E%20SA%C3%9ADE%20COLETIVA%20O%20PROGRAMA%20SA%C3%9ADE%20DA%20FAM%C3%8DLIA%20COMO%20CERNE%20DA%20POL%C3%8DTICA%20DE%20SA%C3%9ADE%20DO%20SUS.pdf>> Acesso em: 22 Set 2014.

SIQUEIRA, V. L. **Razão e fé: estudo do grupo de oração como pratica complementar na promoção a saúde**. 2007. Dissertação de Mestrado em Enfermagem -Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007. Disponível em:

<<http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/14833/1/VeraLS.pdf>> Acesso em: 20 mai. 2015.

SOARES, A. L. J. **Conceitos básicos sobre permacultura**. Brasília: MA/SDR/PNFC, p.1-53, 1998.

SOUZA, E. M.; GRUNDY, E. Promoção da saúde, epidemiologia social e Capital Social: inter-relações e perspectivas para a saúde pública. Rio de Janeiro: **Cadernos de Saúde Pública**, v. 20, n. 5, p. 1354-1360, 2004. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/csp/v20n5/30.pdf>> Acesso em: 22 Set 2014.

STIGSDOTTER, U.; GRAHN, P. What makes a garden a healing garden. **Journal of therapeutic Horticulture**, v. 13, n. 2, p. 60-69, 2002.

THE CLUB OF ROME. **O clube de roma**. Disponível em:

<<http://www.clubofrome.org/?p=4771>> Acesso em: 27 set. , 2013.

THE STORY OF STUFF PROJECT. **The Story of stuff**. Disponível em:

<<http://storyofstuff.org/movies>> Acesso em: 27 set., 2013.

TOYNBEE, A. J. **A study of history**. Oxford University Press, 1947. *Em: CAPRA, F. O ponto de mutação, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo: Cultrix, 1993.

ULRICH, R. S. View through a window may influence recovery from surgery. **Science**, v. 224, n. 4647, p. 420-421, 1984.

ULRICH, R.S.; SIMONS, R.F.; LOSITO, B.D.; FIORITO, E.; MILES, M.A.; ZELSON, M. Stress recovery during exposure to natural and urban environments. **Journal of Environmental Psychology**, v. 11, p. 201-230, 1991.

UNESCO. **Llamaniento lanzado en la sesión de clausura de la conferencia mundial sobre educación del deporte para una cultura de paz**. Doc Web, 1999.

VAN DEN BERG, A. E. **Health impacts of healing environments: A review of evidence for benefits of nature, daylight, fresh air, and quiet in healthcare settings.** Groningen: The architecture of hospitals, 2005.

VEIGA, J. E. da. **Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI.** Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

VIEIRA, F. S. S. Do eurocentrismo ao afropessimismo: Reflexão sobre a construção do imaginário da “África” no Brasil. **Revista do Departamento de Serviço Social da PUC-RIO, Rio de Janeiro, março**, p. 1-15, 2006.

WAISELFISZ, J. J. Mapa da violência. **Fonte: Mapa da Violência: <http://www.mapadaviolencia.org.br>**, 2014.

APÊNDICE A - Referências visuais

Página 4. Figura: 20 anos Prodema. Fonte: Rafaela Kleinhans Pereira

Página 10. Figura: Rosa de Hiroshima. Fonte:
<<https://br.pinterest.com/pin/317574211200469400/>>

Página 11. Figura: Pachamama. Fonte: Pinterest
<<https://br.pinterest.com/pin/298011700317547489/>>

Página 12. Figura: Precursores do Iluminismo. Fonte:
<<http://historiadomundo.uol.com.br/upload/conteudo/images/da-esquerda-para-direita-os-pensadores-precursores-iluminismo-rene-descartes-francis-bacon-john-locke-isaac-newton-56fcf8514128a.png>>

Página 13. Figura: Ying Yang. Fonte: <<http://www.shutterstock.com/pt/pic-103154027/stock-vector-ying-yang-sketch-symbol.html>>

Página 14. Figura: Folhas. Fonte: <<http://www.soulseeds.com/grapevine/2013/02/small-is-beautiful/>>

Página 15. Figura: Pássaro e livros silente spring, agriculture, the sea around us. Fonte:
<<http://www.oocities.org/~esabio/cientistas/buecherstapel.gif>>

Página 16. Figura: Small is beautifull. Fonte:
<<http://www.soulseeds.com/grapevine/2013/02/small-is-beautiful/>>

Página 17-18. Figura: Quando eu falo de leitura. Fonte:
<<https://doqueufaloqueufalodeleitura.wordpress.com/>>

Página 19. Figura: Objetivos. Fonte: <<http://www.jrmcoaching.com.br/wp-content/uploads/2015/06/1-ObjetivoMeta.jpg>>

Página 22. Figura: Corda bamba, razão e coração. Fonte:
<<https://freespiritctw.files.wordpress.com/2016/05/30aaa2a5153f325045607eb630facd5e.jpg?w=341&h=443>>

Página 23. Figura: Cultivando dentro do coração. Fonte:
<[74ec38c2bea2f0a6691f67591f856ddd](https://74ec38c2bea2f0a6691f67591f856ddd.files.wordpress.com/2013/07/planeta-terra.png)>

Página 24. Figura: Planeta Terra. Fonte:
<<https://entreluxoelixo.files.wordpress.com/2013/07/planeta-terra.png>>

Página 25. Figura: Arte stencil Mickey Mouse, Ronald McDonalds– Banksy. Fonte:
<<http://www.stencilrevolution.com/photopost/2012/09/Ronald-Mcdonald-And-Mickey-Mouse-by-Banksy.jpg>>

Página 26. Figura: Arte stencil Banksy Money. Fonte: <http://www.80grados.net/wp-content/uploads/2011/12/hd_jesus_christ_shopping_grey_4156.jpg>

Página 27. Figura: A história das coisas – a linearidade do consumo. Fonte:
<<http://www.spoon-tamago.com/wp-content/uploads/2008/06/the-story-of-stuff.jpg>>

Página 28. Figura: Tirinha Mafalda. Fonte:
<https://itssoquiet.files.wordpress.com/2013/07/72825_519100221471353_571556627_n.jpg>

Página 29. Figura: Tirinha agrotóxico e saúde. Fonte:
<www.diaadiaeducacao.pr.gov.br>

Página 30. Figura: Bayer e Monsanto. Fonte:
<http://www.commondreams.org/sites/default/files/styles/cd_large/public/headlines/sou_monsantobayer_fb1_1200x630-01_1.jpg?itok=eeOXdSuT>

Página 31. Figura: Símbolo paz e amor. Fonte: <[http://2.bp.blogspot.com/-WIHKUgzGrNU/Ush4wiyK11I/AAAAAAAAACd0/CIu0JZq30ag/s1600/WORLD+DO+PNG+\(287\).png](http://2.bp.blogspot.com/-WIHKUgzGrNU/Ush4wiyK11I/AAAAAAAAACd0/CIu0JZq30ag/s1600/WORLD+DO+PNG+(287).png)>

Página 31. Figura: Tuaivii – O papalagui. Fonte:
<http://2.bp.blogspot.com/_TG_iAejwbYfY/TPzuDZKXPsi/AAAAAAAAAAG/uYAGKbZFkAI/s1600/index.jpeg>

Página 32. Figura: Lixo. Fonte:< <http://planetasustentavel.abril.com.br/imagem/OS-PODRES-DE-NOSSO-LIXO-abre.jpg>>

Página 33. Figura: Pomba. Fonte:< <https://thumbs.dreamstime.com/x/pombas-brancas-13017656.jpg>>

Página 35. Figura: Seja responsável pela sua própria existência. Fonte:
<<http://files.permacultura.webnode.com.br/200000101-39bf63ab8e/capacite4.gif?ph=1dcc83597b>>

Página 36. Figura: Plantas. Fonte:
<http://www.guiarioclaro.com.br/guia/imagens/conteudo/materias/imagens_wide/editorias/thumbs3/agroecol_sorocaba_1_w.jpg>

Página 37. Figura: Coração de comida. Fonte:
<http://static1.squarespace.com/static/56af9a2ab209430ed479e6f7/56d586d4d51cd46806bf42a7/56d586d6d51cd46806bf42bc/1456834262838/5253469_orig.jpg?format=1000w>

Página 38. Figura: Avião pesticidas. Fonte:
<https://www.salveaserva.org/uploads/photos/teaser_reduced/fumigacion-escuela-soy.jpg>

Página 38. Figura: Trator. Fonte:<<http://www.nortemaq.com/wp-content/themes/nortemaq/images/trator.png>>

Página 39. Figura: Cuidado com a Terra. Fonte:

<<http://www.tudodesenhos.com/uploads/images/14739/cuidado-com-o-planeta-terra.jpg>>

Página 41. Figura: Gentileza gera gentileza. Fonte:

<<http://img.elo7.com.br/product/zoom/11D0D6B/poster-gentileza-gera-gentileza-palavras.jpg>>

Página 43. Figura: Dez mandamientos sostenibles. Fonte:

<https://veganosolmx.files.wordpress.com/2013/07/945083_600338236673247_1166298164_n.jpg>

Página 45. Figura: Rede de conexões. Fonte: <<https://thumbs.dreamstime.com/z/linee-della-rete-globale-con-dots-connection-vector-background-42942184.jpg>>

Página 46. Figura: Livro educação ambiental. Fonte:

<<https://evataniadesign.files.wordpress.com/2016/04/66521ca1135f88fc8fea00249b173f55.jpg?w=1000>>

Página 48. Figura: Permacultura. Fonte:

<http://www.movieco.org.br/img_artigo_biblioteca/a4zc7dda_permacultura.png>

Página 49. Figura: Interrogação. Fonte: <<http://lh3.googleusercontent.com/-bm93eKxiYDI/VjtRkz1S25I/AAAAAAAAADzE/mPNRVBMHTWg/s1600-h/interrogacao12.png>>

Página 50. Figura: Racismo faz mal a saúde. Fonte: <<http://www.viomundo.com.br/wp-content/uploads/2014/12/Racismo-1-CARTAZ-enfermeira-46X64-e1417447183730.jpg>>

Página 51. Figura: Pajé. Fonte: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/especiais/erva-mate/img/lenda/lenda3.png>>

Página 52. Figura: Desenho egípcio. Fonte:

<<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/4/43/Pharaoh.svg/2000px-Pharaoh.svg.png>>

Página 53. Figura: Crescimento econômico. Fonte:

<<https://blogcdlrecife.files.wordpress.com/2011/05/c3a1rvore1.jpg>>

Página 54. Figura: Mapa América Latina Torres García. Fonte:

<<http://i0.wp.com/brunomadeira.com/wp-content/uploads/2014/11/nortepbtransp.png>>

Página 55. Figura: Átomo. Fonte: <https://lh3.googleusercontent.com/-ipfABO_r3WY/VWEV4qEdQhI/AAAAAAAAAE54/vUt5kxg09P0/w506-h750/atomo.gif>

Página 56. Figura: Saúde. Fonte: <<http://www.aplicativosdesaude.com.br/wp-content/uploads/2015/02/apps-saude-analise.jpg>>

Página 57. Figura: Saúde é um direito, não é um negócio. Fonte:
<http://www.lappis.org.br/site/images/saude_direito_nao_negocio.jpg>

Página 58. Figura: Estetoscópio com folhas. Fonte:
<<https://thumbs.dreamstime.com/z/medicina-natural-48878748.jpg>>

Página 59. Figura: Materiais fitoterápicos. Fonte: <<http://olhardovale.com.br/wp-content/uploads/2014/09/CONGRESSO.jpg>>

Página 59. Figura: Materiais homeopáticos. Fonte:<<http://manualdadiabetes.com.br/wp-content/uploads/2015/05/Tratamentos-homeop%C3%A1ticos-recomendados-aos-diab%C3%A9ticos-02.jpg>>

Página 60. Figura: Auriculoterapia. Fonte:
<http://st.depositphotos.com/1320097/1867/v/170/depositphotos_18670587-Illustration-of-ear-acupuncture.jpg>

Página 60. Figura: Massoterapia. Fonte:
<<http://www.compraserrana.com.br/uploads/logo-parceiros/a993fd38d9b58281415b23c35bceb1b1.png>>

Página 60. Figura: Reflexologia e massagem . Fonte:<https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/projetos-artes/fullsize%2F2015%2F11%2F19%2F20%2FLogo-170469_49770_204752668_2116295160.jpg>

Página 60. Figura: Acupuntura. Fonte:
<<http://www.moifisa.com/uploads/1/9/0/5/19050901/334413.png>>

Página 61. Figura: Flor de lótus. Fonte: <<http://casadasterapias.com.br/site/wp-content/themes/ElegantEstate/images/logo.png>>

Página 62. Figura: Danças circulares Fonte:
<<http://www.dancacircular.com.br/waUpload/arteprabannerpo00104052015212047.jpg>>

Página 63. Figura Biodanza. Fonte: <<http://yogavitalite.com/wp-content/uploads/2013/02/biodanza.jpg>>

Página 64. Figura: Pílula. Fonte: <<http://4.bp.blogspot.com/-4GNGAkKyCuU/To5IMJeAhiI/AAAAAAAAAB8/XY8tZKsGCig/s1600/medicina.jpg>>

Página 65. Figura: Capital social. Fonte:<<http://innovatrix.com.br/wp-content/uploads/2015/04/capital.jpg>>

Página 66. Figura: Conexão. Fonte:<<http://outraspalavras.net/wp-content/uploads/2015/09/2-2.png>>

Página 67. Figura: Questionário. Fonte:

<http://portal.ifrn.edu.br/campus/caico/noticias/questionario-para-avaliacao-dos-pais/image_preview>

Página 68. Figura: Rede. Fonte:< http://linuxplace.com.br/wp-content/uploads/2011/10/1008232_95103949.jpg>

Página 69. Figura: Reciprocidade infinita. Fonte:

<http://66.media.tumblr.com/5b7a781d7f261101e427787165cb7b76/tumblr_nmkil3zrpG1so87rwo1_1280.jpg>

Página 70. Figura: Diferentes opiniões. Fonte:<<http://www.oetra.com.br/2016/wp-content/uploads/2016/09/Reuniao.jpg>>

Página 71. Figura: Tirinhas verbo poder. Fonte:<<http://1.bp.blogspot.com/-Fv8MiwoQjQ0/U4zcYmx7W4I/AAAAAAAAAU4/4xdcvWLdXD0/s1600/poder.jpg>>

Página 73. Figura: Mapa mental salário.

Fonte:<http://direito.folha.uol.com.br/uploads/2/9/6/2/2962839/9088184_orig.png>

Página 74. Figura: Ouroboros da permacultura. Fonte:<<https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/236x/e6/75/7a/e6757ac2c14d04be321fa678d9291b48.jpg>>

Página 75. Figura: Pintor verdadeiro (*Tangará faustosa*). Fonte: Rafaela Kleinhans Pereira

Página 76. Figura: Olhos fechados. Fonte:

<http://arquidiocesedebrasil.org.br/ba/3764uncao_dos_enfermos_aleteia.jpg>

Página 77. Figura: Filtro dos sonhos. Fonte:< <http://www.filtrodossonhos.net/wp-content/uploads/2014/10/desenho-colorido-filtro-sonhos.jpg>>

Página 77. Figura: CD mandala yoga. Fonte:

<https://www.brasilesoterico.com/imagens_produtos/md_1377-0-160628140622000000-mandala-meditacao-p-10-cm.jpg>

Página 78. Figura: Ferramentas do Jardim.

Fonte:<<http://flores.culturamix.com/blog/wp-content/gallery/ferramentas-basicas-para-o-jardim4/ferramentas-basicas-para-o-jardim-10.jpg>>

Página 79. Figura: Estou de volta. Fonte: <<http://i.imgur.com/HWJ1s.png>>

Página 80. Figura: Bem te vi. Fonte: <http://media.leao.projeto-temp.com.br/accommodations/rooms/thumb-passaro-bemtevi_1.png>

Página 80. Figura: Flores desabrochando. Fonte:

<<http://www.webix.com.br/scraps/imagens/flores/flores093.gif>>

Página 82. Figura: Nuvens. Fonte:

<<http://fscomps.fotosearch.com/compc/UNC/UNC246/u18233775.jpg> gif>

Página 83. Figura: ícones de jardinagem. Fonte:
<https://static.vecteezy.com/system/resources/previews/000/087/688/non_2x/cartoon-gardening-icons-vector.jpg>

Página 84. Figura: Desenho planta pessoa. Fonte:
<http://images.clipartlogo.com/files/ss/thumb/751/75198331/stick-gardening-man-isolated-on_small.jpg>

Página 85. Figura: Desenho shorts rosa
Fonte:<http://66.media.tumblr.com/6320a368a5f9360c88d79f48c8be97ba/tumblr_nh1xi-vsU5y1u1xu32o1_500.png>

Página 85. Figura: Camiseta branca. Fonte:
<http://images1.tcdn.com.br/img/img_prod/309513/1156_2_20140729150011.jpg>

Página 85. Figura: Blusa. Fonte:
<https://41.media.tumblr.com/2a97ebab4aa5aa0a9f70fef7ae1f613e/tumblr_mes5zugC8U1rnbzgeo1_500.jpg>

Página 87. Figura: Sacola de feira. Fonte:
<<https://vadevintage.files.wordpress.com/2012/05/httpeshops-mercadolivre-com-brjolular1.jpg>>

Página 88. Figura: Alface. Fonte: < <https://mercadopublico.com.br/wp-content/uploads/2015/07/Screenshot-2015-07-21-at-14.50.221.png>>

Página 88. Figura: Carrinho de feira. Fonte:
<<http://img.ijacotei.com.br/produtos/200/200/32/11/11041132.jpg>>

Página 89. Figura: Camomila. Fonte:<
<http://www.jardimdeflores.com.br/ervas/JPEGS/A35camomila.jpg>>

Página 90. Figura: Planta murcha.
Fonte:<<http://www.gussoflores.com.br/imagens/1400855068377510.jpg>>

Página 92. Figura: Aloe vera. Fonte:<<http://prettypoison.com.br/wp-content/uploads/2014/06/aloe-vera.png>>

Página 93. Figura: Janela. Fonte: <<https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/236x/06/24/7b/06247ba1fd585ac007c1fbad18806ca6.jpg>>

Página 94. Figura: Homem árvore.
Fonte:<<http://previews.123rf.com/images/bernardojbp/bernardojbp1501/bernardojbp150100065/35643936-Hand-drawn-vector-illustration-or-drawing-of-a-sitting-man-with--Stock-Photo.jpg>>

Página 95. Figura: Menina cheirando flor. Fonte:<
<http://www.psicologiasdobrasil.com.br/content/uploads/2016/04/menina-cheirando-flor-500x357-300x214.jpg>>

Página 96. Figura: Proporções Fibonacci.

Fonte: <<http://pessoal.sercomtel.com.br/matematica/alegria/fibonacci/fig06.png>>

Página 97. Figura: Caracol. Fonte: <<http://www.biocaracol.pt/pt/wp-content/uploads/2012/09/caracolbranco.jpg>>

Página 98. Figura: Acessibilidade.

Fonte: <<http://143.106.108.41/portal/images/acessibilidade.png>>

Página 99. Figura: Agrofloresta.

Fonte: <<https://sitiocurupira.files.wordpress.com/2008/11/agrofloresta2.jpg>>

Página 100. Figura: Banksy stencil. Fonte: < http://quinqulhariacult.com.br/site/wp-content/uploads/2016/05/1_030416011403.jpg>

Página 101. Figura: Arte em folha. Fonte:

<<http://weblinks.ru/upload/90/f4/76/5944/99b72735.jpg>>

Página 102. Figura: Muda. Fonte:

<<http://ibflorestas.org.br/loja/media/catalog/product/cache/1/image/800x800/9df78eab33525d08d6e5fb8d27136e95/j/a/jacaranda-da-bahia-mudas.jpeg>>

Página 103. Figura: Peixe. Fonte: <<http://www.peixebetta.net/img/peixebetta2.jpg>>

Página 104. Figura: Formigas e flor.

Fonte: <<http://www.deccolar.com.br/images/png/674.png>>

Página 105. Figura: Fotografia. Fonte: < https://image.freepik.com/vetores-gratis/fotografo-dos-desenhos-animados-em-situacoes-diferentes_23-2147534059.jpg>

Página 106. Figura: Formigas. Fonte: <<http://www.todosporum.tk/img/formigas.png>>

Página 107. Figura: Mandala. Fonte: <https://image.freepik.com/free-vector/colored-mandala_23-2147517366.jpg>

Página 108. Figura: Mandala preto e branco. Fonte: <<https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/bc/c3/aa/bcc3aab0d8398ec0f40fb100bfcdd8d5.jpg>>

Página 109. Figura: Espirais. Fonte: < http://www.viniloft.es/323-thickbox_default/forma-en-espiral.jpg>

Página 110. Figura: Gotas. Fonte: <

<http://data.whicdn.com/images/190014824/large.png>>

Página 111. Figura: Anjo irrigando.

Fonte: <<http://img1.colorirgratis.com/4b4610712ec1c-p.gif>>

Página 112. Figura: Pise na grama. Fonte:

<<http://mirantte.com.br/DaVinci//midia/120614102311capacho%2004.jpg>>

Página 113. Figura: Mudas. Fonte:

http://www.excelsaflorestal.com.br/images/apoio_template/mudas_arte.png

Página 144. Pincéis e rolos de pintura. Fonte: < <http://png.clipart.me/previews/7b9/free-paint-brushes-vector-graphic-8278.jpg>>

Página 115. Figura: Pilha de pneus. Fonte:

<http://files.associacaodoparaíso.com.br/200000597-060d808027/pneus_pneus_pneus_by_lanacubes-d513769.jpg>

Página 116. Figura: Casal no banco. Fonte:

<http://i.istockimg.com/file_thumbview_approve/36735994/3/stock-illustration-36735994-adoravel-os-reformados-idosos-casal-sentado-no-banco-do-parque.jpg>

Página 117. Figura: Folhagens <<http://ekladata.com/0HNI-W1FL8aBS7m8o4fi-NDJZos.png>><http://www.florisa.com.br/wp-content/uploads/2014/10/Xanadu.jpg>

Página 118. Figura: Suculentas. Fonte: <<http://itatiaia.s3.amazonaws.com/wp-content/uploads/2013/05/blog-planta-roda-de-pedra.png>>

<<https://design.jet.com.br/terrazoo/Produto/multifotos/hd/42442015175453.jpg>><<http://lechinois.com/images/aloe-vera.png>>

Página 119. Figura: Calango. Fonte:

<<http://www.calangodesign.com/assets/images/calango.png>>

Página 119. Figura: Borboletas. Fonte: < http://2.bp.blogspot.com/-SzSyEhMXjGc/UMe0hJyo_9I/AAAAAAAAACNQ/RwGwYRIrSzQ/s1600/D6.png >

Página 120. Figura: Pedras em equilíbrio

Fonte:<<http://casamento.culturamix.com/blog/wp-content/gallery/equilibrio-3/equilibrio-1.jpg>>

Página 121. Figura: Folhas e frase cree Fonte: Rafaela Kleinhans Pereira

Página 122. Figura: Rosto em flores Fonte:

<<https://br.pinterest.com/pin/494621971544988580/>>

Página 123. Figura: Pessoa encolhida. Fonte:

<http://c2.quickcachr.fotos.sapo.pt/i/b7e01db64/6445709_csKe3.jpeg>

Página 124. Figura: Congresso nacional. Fonte:

<<https://www2.congressonacional.leg.br/visite/imagens/croqui-oscar>>

Página 125. Figura: Relações sociais Fonte: <<http://www.thema.net.br/wp-content/uploads/2012/03/pr4.jpg>>

Página 126. Figura: Flor de lótus. Fonte: <<http://3.bp.blogspot.com/-XyxxIEDtQWc/UDKZHRv1DCI/AAAAAAAAAAbE/VFkfZkzHGkA/s1600/lotus.gif>>

Página 127. Figura: Desenho de indígena. Fonte:

<https://altosdechavonmuseum.files.wordpress.com/2014/06/group_indigena_03_photo02.png>

Página 128. Figura: Jovem negro chorando. Fonte:

<http://www.cmbh.mg.gov.br/sites/default/files/imagecache/LightBox/imagens/destaques/balanco-direitos-humanos_audiencia-genocidio-juventude-negra_2.png>

Página 129. Figura: Doando o coração. Fonte:< <http://www.versodeamor.com.br/wp-content/uploads/amor-e-pra-voce.jpg>>

Página 129. Figura: Jovem negro correndo Fonte:

<<http://www.blogdoalfaro.com.br/cache/e5b2a1bf788b20c945f99cac5168b123.jpg>>

Página 130. Figura: Namaste.

Fonte:<<https://br.pinterest.com/pin/566116615638052814/>>

Página 132. Figura: Colagem com frase de Madre Teresa Fonte: Rafaela Kleinhans Pereira

APÊNDICE B – Questionário Integrado para Medir Capital Social (QI-MCS)

1. A quanto tempo você trabalha no Cpic's Equilíbrio do Ser?

2. Qual a sua ocupação no Cpic's Equilíbrio do Ser?

- ☐ Administrativa
☐ Terapeuta
☐ Outra (especifique)

3. Qual o nível participação/colaboração destas instituições e setores na tomada de decisões sobre o Cpic's Equilíbrio do Ser?

	Muito ativo	Relativamente ativo	Pouco ativo	Não participa das decisões
Prefeitura	☐	☐	☐	☐
Secretaria de Saúde	☐	☐	☐	☐
Municipal	☐	☐	☐	☐
Coordenação Geral do Cpic's	☐	☐	☐	☐
Terapeutas	☐	☐	☐	☐
Demais funcionários	☐	☐	☐	☐
Usuários	☐	☐	☐	☐

4. Em comparação há dois anos atrás, você participa de mais ou menos grupos ou organizações?

- ☐ Mais
☐ Praticamente a mesma coisa
☐ Menos
☐ Não sei dizer

5. Dos grupos que você participa existem outras pessoas dos Cpic's Equilíbrio do Ser que também participam?

- ☐ Sim
☐ Não

6. Você participa de algum grupo criado direto ou indiretamente através do Cpic's Equilíbrio do Ser?

- ☐ Sim
☐ Não

7. Considerando os DOIS grupos mais importantes pra você. Qual seu nível de participação nesse(s) grupo(s) através, por exemplo, de reuniões, financiamento, ou realizando algum trabalho?

- ☐ Eu sou muito ativo
- ☐ Eu sou relativamente ativo
- ☐ Eu sou pouco ativo

8. Quais os benefícios de se fazer parte deste(s) grupo(s). Nesta questão pode marcar mais de uma alternativa?

- ☐ Melhora a renda atual do meu domicílio ou o acesso a serviços
- ☐ Beneficia a comunidade
- ☐ Prazer/Diversão
- ☐ Espiritual, posição social, auto-estima
- ☐ Informação
- ☐ Outros (especifique)

9. O Cpic's Equilíbrio do Ser trabalha ou interage com OUTROS grupos, com OBJETIVOS SEMELHANTES?

- ☐ Sim, frequentemente
- ☐ Sim, ocasionalmente
- ☐ Não
- ☐ Não Sei

10. O Cpic's Equilíbrio do Ser trabalha ou interage com OUTROS grupos, com OBJETIVOS DIFERENTES?

- ☐ Sim, frequentemente
- ☐ Sim, ocasionalmente
- ☐ Não
- ☐ Não sei

11. Em geral, você concorda ou discorda das seguintes afirmações?

Concordo totalmente	Concordo em parte	Não concordo nem	Discordo em parte	Discordo totalmente
------------------------	----------------------	------------------------	----------------------	------------------------

discordo

Para trabalhar no Cpic's
Equilíbrio do Ser é preciso
estar atento ou alguém
pode tirar vantagem de
você.

☐ ☐ ☐ ☐ ☐

Para trabalhar no Cpic's
Equilíbrio do Ser é preciso
estar atento ou alguém
pode tirar vantagem de
você.

☐ ☐ ☐ ☐ ☐

A maioria das pessoas que
trabalham Cpic's
Equilíbrio do Ser estão
dispostas a ajudar caso
você precise.

☐ ☐ ☐ ☐ ☐

12. O quanto você confia nestes diferentes grupos de pessoas?

	Confio muito	Nem pouco, nem muito	Confio pouco
Secretária municipal deSaúde	☐	☐	☐
Coordenação	☐	☐	☐
Psicólogas da Escuta	☐	☐	☐
Terapeutas	☐	☐	☐
Demais funcionários	☐	☐	☐
Usuários	☐	☐	☐
Agricultores/Feirantes	☐	☐	☐

13. Você acha que nos últimos dois anos, o grau de confiança neste(a) bairro/localidade melhorou, piorou ou permaneceu mais ou menos o mesmo?

- ☐ Melhorou
☐ Piorou
☐ Permaneceu mais ou menos o mesmo

14. Se um projeto da comunidade não lhe beneficia diretamente, mas tem benefícios para muitas outras pessoas, você contribuiria com seu tempo ou dinheiro para o projeto?

- ☐ Contribuiria com tempo
☐ Não contribuiria com tempo
☐ Contribuiria com dinheiro
☐ Não contribuiria com dinheiro

15. Com que frequência você participa da feira do Equilíbrio do Ser?

- ☐ Frequentemente
☐ Ocasionalmente

☐ Raramente

16. Se houvesse um problema de falta de materiais no Cpic's Equilíbrio o Ser (como por exemplo de limpeza, ou/e para as terapias), qual a probabilidade das pessoas cooperarem para tentar resolver o problema?

- ☐ Muito provável
- ☐ Relativamente provável
- ☐ Nem provável nem improvável
- ☐ Relativamente improvável
- ☐ Muito improvável

17. Suponha que ocorresse uma fatalidade com uma das pessoas que trabalham no Cpic's Equilíbrio do Ser, tal como uma doença grave, ou a morte de um parente. Qual a probabilidade de algumas pessoas do Cpic's se unirem para ajudar?

- ☐ Muito provável
- ☐ Relativamente provável
- ☐ Nem provável nem improvável
- ☐ Relativamente improvável
- ☐ Muito improvável

18. Quais são as TRÊS fontes de informação mais importantes a respeito das Práticas Integrativas e Complementares?

- ☐ Parentes, amigos e vizinhos
- ☐ As unidades do SUS
- ☐ Jornal (Papel)
- ☐ Rádio
- ☐ Televisão
- ☐ Grupos ou associações
- ☐ Colegas de trabalho ou sócios
- ☐ Universidades (trabalhos/eventos acadêmicos)
- ☐ Um agente do governo
- ☐ Internet
- ☐ Outros (especifique)

19. Em geral, em comparação há dois anos atrás, o acesso à informação sobre Práticas Integrativas e Complementares melhorou, piorou ou permaneceu mais ou menos o mesmo?

- ☐ Melhorou
- ☐ Piorou
- ☐ Permaneceu mais ou menos o mesmo

20. Como você descreveria o grau de proximidade no seu local de trabalho?

- ☐ Muito distante

- ☐ Relativamente distante
- ☐ Nem distante nem próximo
- ☐ Relativamente próximo
- ☐ Muito próximo

21.. Muitas vezes há diferenças nas características entre as pessoas que trabalham em um mesmo local. Por exemplo, diferenças de riqueza, renda, posição social, origem étnica. Também pode haver diferenças em relação às crenças religiosas e políticas, ou pode haver diferenças devido à idade ou o sexo. Até que ponto você diria que as pessoas são diferentes no(a) seu local de trabalho?

- ☐ Extremamente diferentes
- ☐ Muito diferentes
- ☐ Relativamente diferentes
- ☐ Pouco diferentes
- ☐ Muito pouco diferentes
- ☐ Não sei dizer

22. Quais são as diferenças que mais frequentemente causam problemas?

- ☐ Raramente temos problemas por conta disso
- ☐ Diferenças de educação
- ☐ Diferenças de riqueza/posses materiais
- ☐ Diferenças entre homens e mulheres
- ☐ Diferenças entre gerações mais jovens e gerações mais velhas
- ☐ Diferenças religiosas
- ☐ Diferenças políticas
- ☐ Diferenças de origem étnica
- ☐ Outras diferenças (especifique)

23. Com que frequência você sai com seus colegas de trabalho, para uma refeição ou confraternização?

- ☐ Frequentemente
- ☐ Ocasionalmente
- ☐ Raramente

24. Com que frequência você recebe seus colegas de trabalho na sua casa?

- ☐ Frequentemente
- ☐ Ocasionalmente
- ☐ Raramente

25. Com que frequência você participa de atividades de formação em práticas integrativas e complementares?

- ☐ Frequentemente
- ☐ Ocasionalmente

☐ Raramente

26. Qual o controle que você sente que tem para tomar as decisões que afetam as suas atividades diárias?

- ☐ Nenhum controle
- ☐ Controle sobre muito poucas decisões
- ☐ Controle sobre algumas decisões
- ☐ Controle sobre a maioria das decisões

27. No geral, qual o impacto que você acha que tem em fazer o seu local de trabalho um lugar melhor para se trabalhar?

- ☐ Um grande impacto
- ☐ Um pequeno impacto
- ☐ Nenhum impacto

28. Até que ponto o governo local e os líderes locais levam em consideração as preocupações manifestadas por você e seus colegas, quando tomam decisões que afetam o Cpic's?

- ☐ Muito
- ☐ Um pouco
- ☐ Não levam em consideração

29. Em relação ao seu salário

- ☐ Pretendo tentar um emprego que pague melhor
- ☐ Estou satisfeito com meu salário, contanto que hajam reajustes
- ☐ Estou insatisfeito com meu salário, mas não pretendo trocar de emprego

ANEXO A – Termo de Anuência da Pesquisa

ANEXO B – Folha de Rosto